

Sérgio Oliveira dos Santos

Sérgio dos Santos



*A Integração
Oriente-Occidente
e os Fundamentos
do Judô Educativo*

A Integração Oriente-Occidente e os
Fundamentos do Judô Educativo



Sérgio Oliveira dos Santos, Doutorando e Mestre em Educação pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, professor de Educação Física e Judô (1º DAN) da Rede Municipal de São Caetano do Sul, coordenador do Núcleo de Formação de Judô de São Caetano do Sul, membro fundador da REMoHC – Rede Educativa de Motricidade Humana e Corporeidade e professor formador do CECAPE – Centro de Formação do Profissionais de Educação
Dr^a Zilda Arns.
Pesquisador em Antropologia Filosófica, Linguagem e Formação de Educadores

A Integração Oriente-Occidente e
os Fundamentos do Judô Educativo

Sérgio Oliveira dos Santos

*A Integração Oriente-Occidente
e os Fundamentos
do Judô Educativo*

CEMOrOg
EDF-FEUSP


FACTASH EDITORA

São Paulo
— 2015 —

Copyright © by Sérgio Oliveira dos Santos, 2015

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida, por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer, sem autorização prévia dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Santos, Sérgio Oliveira dos

A integração oriente-ocidente e os fundamentos do judô educativo / Sérgio Oliveira dos Santos. São Paulo : Factash Editora, 2015.

14 x 21 cm. 243 p.

ISBN 978-85-89909-55-6

1. Judô 2. Educação 3. Esporte I. Título.

CDU 1(091)

796-8152

Factash Editora

Rua Costa, 35 – Consolação

01304-010 – São Paulo – São Paulo

Tel. (11) 3259-1915 – factash@gmail.com

O Conselho Editorial dos livros do Cemoroc é constituído pelos seguintes Professores Doutores:

Diretores:

Jean Lauand (Feusp-Umesp)

Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)

Sylvio G. R. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)

Chie Hirose (Fics)

Enric Mallorquí-Ruscalleda (California State Univ., Fullerton)

Gabriel Perissé (Unisantos)

Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)

María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)

Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp-Fito)

Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)

Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)

Ricardo da Costa (UFES)

Roberto C. G. Castro (Fiam)

Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)

Sílvia Regina Brandão (Uscs)

Terezinha Oliveira (Uem)

Sumário

Agradecimentos.....	11
Prefácio – As integrações de Sérgio Oliveira dos Santos...	13
Introdução.....	21
Estruturando o trabalho	23
Objetivos da obra.....	28
CAPÍTULO 1	
Olhar o judô pela antropologia filosófica	31
1. Antropologia filosófica x ciências	31
1.1 Antropologia filosófica: acesso indireto ao homem	35
1.2 Trajetória metodológica	38
CAPÍTULO 2	
O Oriente e o Ocidente	41
2. O Oriente e o Ocidente: características e correlações	41
2.1 Interdependência e interação entre os objetos	43
2.2 A essência e a forma: os objetos, as substâncias e a linguagem.....	45
2.3 Objetos, fenômenos e circunstâncias	51
2.4 Planos de fundo, plano de destaque e perspectiva.....	52
2.5 O Oriente e o Ocidente: a projeção relacional e a projeção egocêntrica.....	56
2.6 O Tao, o Yin e o Yang	62
2.7 Corpo-mente no Oriente e no Ocidente	64

2.8 As influências filosóficas no Japão	72
2.9 Bujutsu, budô, jujutsu, judô	75
2.10 O Oriente – Ocidente no Japão em fins do século XIX, a era Meiji	81
2.11 Terakoya e Gakusei: Wakon-yosai e o moderno sistema educativo no Japão Meiji	90
2.12 A integração Oriente-Ocidente: por uma filosofia da humanidade	100

CAPÍTULO 3

A integração Oriente-Ocidente: Jigoro Kano, fundamentos do judô e a educação	103
3. Oriente e Ocidente na formação de Jigoro Kano	103
3.1 Jigoro Kano e a educação	118
3.2 Do jujutsu ao Judô Kodokan: traços da integração Oriente – Ocidente	122
3.3 Os princípios do Judô Kodokan. Seiryoku Zenyo, Jiko no Kansei e Jita kyoei: influência do pensamento filosófico ocidental e o Do de interação Oriente - Ocidente	132
3.4 O método educativo de Jigoro Kano, o princípio das três culturas – Shugi, San e Iku – e a Educação Física na Europa no séc. XIX	165
3.5 O pensamento sistêmico de Jigoro Kano na fundação do Judô Kodokan: estruturando uma referência	182

CAPÍTULO 4

A (des)integração Oriente-Ocidente: judô e o processo de esportivização	187
4. O judô pós 2ª guerra – o processo de esportivização da luta e o distanciamento da linguagem e pensamento oriental	187
4.1 A busca do rendimento esportivo e o afastamento da educação integral	203
4.2 O judô competitivo: um sistema simbólico do bujutsu	208

4.3 A crise de identidade do judô: arte marcial, defesa pessoal, prática educativa ou esporte de competição? .	210
4.4 Trajetória das alterações nos sistemas simbólicos da luta de judô diante da linha evolutiva antropológico-filosófica das diferentes intencionalidades do homem nas lutas de origem japonesa	211
4.5 O judô, o pensamento oriental e a Ciência da Motricidade Humana: possíveis aproximações	218
4.6 A totalidade: o princípio paradigmático fundamental ..	219
4.7 Implicações educativas da aproximação do pensamento oriental com a CMH no judô	224
Considerações finais	227
Referências bibliográficas	233
ANEXO 1	
Quadro de evolução do Judô – Visão geral do livro....	243

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que participaram, direta ou indiretamente, para a publicação dessa obra.

De forma especial à Claudia Hirota e Henrique Hirota dos Santos que ampliam sobremaneira meu modo de ser, pelo tempo vivido, por esse instante e pelos tempos vindouros.

Agradecimentos especiais à José, Isabel e irmãos, pela maneira como integram minha vida contribuindo para formação de meu caráter.

Ao Prof.Dr. Luiz Jean Lauand, por sua contribuição de experiência acadêmica e erudição imensurável, bem como sua generosidade de mesma proporção, a mim pessoalmente dedicada.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação que tão gentilmente me acolheram em suas aulas, contribuindo para a ampliação do meu entendimento nessa área de pesquisa.

Aos Senseis Sadao Fleming Mulero, Eduardo Dantas Bacellar, Alessandro Panitz Púglia, Wagner Vettorazzi e Julio Jacopi pelo grande incentivo a pratica e ao estudo do judô.

Ao Prof. Me. Edgard Nakamura pelo suporte nos termos de língua inglesa, à prof^a Dr^a Chie Hirose nos termos em japonês e ao prof. Dr. Jean Lauand nos termos em alemão.

Aos colegas do Mestrado do PPGE da UMESP.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES/PROSUP pelo financiamento desse projeto.

Aos meus alunos que possibilitam o convívio direto com o universo dos questionamentos sobre a Educação.

Prefácio – As integrações de Sérgio Oliveira dos Santos

Jean Lauand*

“O que não se pode deixar de fazer”: em observação – notável por sua concisão – o grande pensador espanhol Julián Marías assim caracteriza a vocação. Desde que conheci Sérgio Oliveira dos Santos – em 2011, como aluno especial na disciplina “Abordagens Filosóficas da Educação”, que eu lecionava para o Programa de Mestrado da Universidade da Universidade Metodista –, pude perceber claramente sua acentuada vocação de professor, indissociável da de pesquisador e de sua visceral ligação com o tema da motricidade humana, por ele vivenciado no judô.

Essa primeira impressão foi se confirmando mais e mais quando, no semestre seguinte, comecei a orientar seu mestrado – ora consubstanciado na presente obra – e, mais recentemente, seu doutorado, também na Metodista. Nossa convivência e diálogos (em jantares semanais antes das aulas...) se intensificaram ainda mais quando foi também meu colaborador na disciplina “Antropologia Filosófica”, que ministramos para a graduação em Filosofia na Umesp e também em diversos eventos acadêmicos em que temos atuado conjuntamente.

* Prof. Titular Sênior da Feusp. Prof. Titular dos Programas de Pós Graduação em Educação e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

Entre tantos méritos de sua vida como professor, quero destacar aqui um episódio que revela sua sensibilidade (“onde há amor, aí se abre o olhar” – dizia Tomás de Aquino no século XIII) para com o educando: o fato de ter aconselhado os pais de um aluno do Colégio Metodista a encaminharem o filho, então com 7 anos, para a ginástica. O menino era Arthur Zanetti, que sempre registra sua gratidão para com o primeiro mestre. (cf. p. ex. <http://www.arthurzanetti.com.br/historia/>).

O pensamento de Sérgio Oliveira dos Santos é imensamente vital, apaixonado, enraizado nessa vocação de ensinar, no aprofundar-se no estudo e em promover os valores antropológicos e pedagógicos da motricidade humana, notadamente no que se refere ao tema Oriente-Occidente, judô e educação.

Assim, a presente obra, *A integração Oriente-Occidente e os fundamentos do judô educativo*, recolhe sua larga experiência como docente e pesquisador e, mais recentemente, como coordenador da base e formação de judô na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul.

O tema é de central e incisiva importância para a área, pois trata-se de um trabalho que possibilitará aos docentes a tomada de consciência de (para muitos, insuspeitados) valores formativos que podem ser naturalmente veiculados por essa prática desportiva. Trata-se, portanto de uma contribuição que propicia uma ampliação do potencial pedagógico do trabalho docente, em benefício dos educandos.

Sua incansável capacidade de pesquisa e trabalho – dedicação e entusiasmo são componentes essenciais da vocação – resultou em perspicácia de pensamento, intuições surpreendentes e capacidade de encontrar soluções criativas e originais tornando a obra um convite ao hábito epistemológico de refletir a partir do compromisso com o universo da educação. Assim, sua reflexão é extremamente

fecunda, assentada na realidade com potencial transformador. Sérgio Oliveira dos Santos consegue reunir as qualidades necessárias para pensar fórmulas para o ensino, unindo os universos da filosofia da educação do Ocidente e dos Orientes.

O texto se caracteriza pela clareza, rigor e simplicidade, qualidades essenciais observadas desde a leitura do primeiro capítulo quando trata dos valores e pensamentos do Ocidente e Oriente. Vale destacar a profundidade – no transcorrer dos demais capítulos – com o tratamento das temáticas, especialmente quando examina as relações de integração Oriente-Occidente nos fundamentos do Judô Educativo, logo a partir da própria formação educativa do seu criador, Jigoro Kano.

Sem dúvida essa obra é uma das mais importantes contribuições no Brasil para o estudo dos fundamentos educativos do judô o que demonstra que a tradição da modalidade de judô está ultrapassando os pódios olímpicos alcançando um espaço relevante na produção acadêmica em Educação.

São Paulo, 16 de janeiro de 2015

*Um humano se move
Complexidade
Significados para além do visível*

O treino

Repetir, corrigir, melhorar...

Movimento, traz movimento, traz
o desejo de ser mais.

No refazer, todo sentido é
transcendente.

Introdução

No período que passei treinando judô aos poucos fui assimilando a execução prática das diversas técnicas bem suas numerosas e complexas nomenclaturas. Aprendi, na vivência prática, as diferentes metodologias de treino me aproximando também dos princípios filosóficos que são atribuídos a prática.

Como parte integrante e necessária para a realização do exame de graduação da FPJ (Federação Paulista de Judô), é obrigatória a participação no curso de história e filosofia do Judô. Participei do curso saindo dele com diversas questões que começaram a me instigar. Não conseguia entender as relações dos conhecimentos históricos com a prática dos exercícios no *dojo*.¹ Percebia certas incoerências entre os métodos de treinamento com os princípios filosóficos apresentados pelos documentos a que tínhamos acesso no curso. As informações históricas eram muito superficiais e não conseguiam responder as necessidades do trabalho de judô feito num ambiente escolar, além de serem incoerentes com os treinos desenvolvidos no espaço esportivo do clube.

Eu notava certa inconsistência nos conceitos. Alguns *Senseis* defendendo uma prática de judô voltada a princípios tradicionais enquanto outros direcionavam seu trabalho para a prática compe-

1. Nome dado ao local onde se pratica o judô. Termo que será melhor explicado durante o trabalho.

titiva. Além disso, devido minha atuação docente, percebia que a modalidade possuía uma forte tendência a ser vista como prática disciplinadora reforçando valores morais tanto no ambiente escolar como no clube.

Sempre fui atraído por valores da cultura do extremo Oriente. Não sei exatamente como essa tendência surgiu, mas tenho consciência do apreço às formas de pensamento da cultura oriental. Procurava, portanto, encontrar elementos dessa cultura no judô, porém, nos treinamentos, notava pouco ou quase nenhuma expressão que os retratasse além de alguns aspectos relacionados à hierarquia, formas de conduta e etiqueta.

Comecei a praticar judô sistematicamente depois dos 30 anos de idade, já com formação em Educação Física, especialização em psicopedagogia, uma considerável experiência de educador atuante somada a uma carreira de atleta competidor na modalidade de atletismo. Desta forma, buscava na prática do judô algo além da sistemática dos exercícios, que também me encantavam, mais sentia que faltava algo.

Necessitava maior compreensão e sentido sobre a trajetória histórica do judô para fundamentar a atividade educativa dentro do espaço escolar e nos clubes, era isso que eu precisava para me inteirar desta prática da cultura corporal humana.

Como compor um conjunto de saberes a respeito da prática do judô educativo contemporâneo sem um criterioso olhar retrospectivo?

Por esse motivo, entre vivências, conversas e questionamentos resolvi organizar essa obra.

Não vejo como adotar conscientemente o judô como atividade educativa sem conhecer com mais profundidade os elementos que constituem seus fundamentos, sejam eles educativos ou filosóficos. Notava que atribuíam aos fundamentos filosóficos do judô quase que exclusivamente à influência de valores da cultura oriental, que como

já disse, não eram vistos nos treinamentos. Eu, em minha época de assíduo praticante, questionava esta condição. Algo me dizia que este assunto deveria ser profundamente investigado.

Na minha formação em Educação Física deparei-me, por conta própria, com a Ciência da Motricidade Humana (CMH), elaborada e defendida pelo filósofo português Manuel Sérgio. A Motricidade Humana já servia de referencial teórico para os meus trabalhos educativos na escola. Quando comecei a prática do judô, além das questões que apontei, também procurava entender a modalidade a partir dos pressupostos teóricos da Motricidade Humana, passando a notar como esta abordagem poderia contemplar o judô numa perspectiva contemporânea.

O judô precisa ser revelado e urge a necessidade de entendê-lo amplamente em seu percurso histórico. Este livro é, portanto, uma modesta tentativa de compreender os fundamentos educativos desta prática, sua relação com valores e pensamentos proveniente do Oriente e do Ocidente reinterpretados como prática contemporânea da cultura corporal a partir da Ciência da Motricidade Humana.

Estruturando o trabalho

Tomando evidentemente o cuidado de localizar historicamente os princípios educativos de sua criação, numa época de emergente industrialização do Japão, seguida de uma grande influência da cultura ocidental nas suas instituições educacionais no final do sec. XIX e início do sec. XX, podemos reconhecer que o judô foi elaborado como método educativo a partir dos escritos de seu fundador, o professor Jigoro Kano.

Um método educativo que, pelas circunstâncias presentes na época de sua concepção, nos estimula a investigar a natureza antro-

pológico/filosófica das referências adotadas em sua elaboração e, até que ponto pode servir de base para as atividades educativas na atualidade.

Desenvolvido em 1882 por Jigoro Kano, a partir de seus estudos sobre as diversas escolas de *jujutsu*,² o Judô Kodokan fundou-se a partir de três pilares básicos: como método de luta (arte marcial), como método de treinamento físico (educação física), como método de treinamento mental (desenvolvimento moral e intelectual) onde o *Do* (curso) é o foco principal a ser ensinado, tendo em vista beneficiar a sociedade.

Uma das principais contribuições de Kano foi à transformação de uma prática de luta marcial em um método educativo. Para isso estabeleceu-se uma ligação entre as ações práticas provenientes de uma arte marcial, presente na cultura oriental japonesa desde o século XVII, com um conjunto de pensamentos filosóficos e pedagógicos do Oriente somados as influências do pensamento Ocidental a partir das obras de John Dewey, Comte, Bentham, Stuart Mill, Herbert Spencer e Samuel Smiles entre outros filósofos ocidentais que foram estudados por um grupo de pensadores japoneses anteriores ao projeto de Kano como: Nishi Amane, Fukuzawa Yukichi, Mori Arinori (VALLES, 2002), precursores do processo de integração dos pensamentos filosóficos provenientes do Oriente e do Ocidente. Os estudiosos Helm (sd), Casado; Villamón (2009), Niehaus (2010), Guareschi (2002), Carr (1993) e Watson (2011) são unânimes em afirmar essas influências no pensamento de Jigoro Kano.

O livro, nesse sentido, visa aprofundar o estudo dessas influên-

2. O *jujutsu* é o termo que designava uma série de práticas de lutas corpo a corpo com ou sem armas. Seu significado semântico é marcado pelo *ju* (flexibilidade) e *jutsu* (arte ou técnica), ou seja, a arte de usar a flexibilidade de uma forma adequada para vencer um oponente em combate.

cias constituindo assim a possibilidade de afirmarmos a integração Oriente-Occidente na formulação do judô como método educativo.

Com o final da 2ª Guerra Mundial o judô perde boa parte dos conceitos e fundamentos que fazem sua ligação com a linguagem e o pensamento oriental em função da sua expansão pelo mundo como prática esportiva. Cresce também a implantação de *dojos* de judô pelas escolas que, atendem mais ao caráter disciplinador e de rendimento técnico que de ampliação do potencial humano ou espaço de veiculação do pensamento oriental e de seus contributos educativos.

Essa possível ligação entre o Oriente e o Occidente, preservando parte da cultura tradicional japonesa e permitindo a influência de pensamentos e práticas ocidentais, possui extrema relevância para a atualidade uma vez que muito se fala em retornar às origens das formulações do judô, embora sem conhecê-las em profundidade. A própria Confederação Brasileira de Judô (CBJ), através do Conselho Nacional de Graduação, no documento intitulado - Regulamento para exame e outorga de faixa e grau (2011) - aponta a necessidade de repensar a excessiva valorização do judô competitivo e busca “*reverter essa tendência*”, na qual:

...aproximadamente há 5 anos atrás, iniciou-se no Japão o movimento de conscientização da necessidade de se voltar às origens do Judô, com objetivo de resgatar os valores históricos e culturais como também dos processos pedagógicos de ensino do Judô inseridos no contexto da formação do cidadão íntegro através da sua prática.

Afinal, que valores são esses e até que ponto deve-se adotá-los sem uma profunda reflexão?

Sendo o judô uma das poucas práticas de origem não ocidental presente em diversas escolas brasileiras, estudar as implicações

educativas da pedagogia oriental é um privilégio que deve ser explorado. Por mais que se desenvolvam atividades e vivências sobre cultura oriental na escola, estas são pontuais, enquanto que o judô, quando a escola o oferece, é tido como atividade de longo prazo, com espaço próprio, o *dojo*.

O que preocupa, em certo sentido, é a afirmação do judô na escola somente como prática esportiva desvinculada de um sentido cultural mais amplo, desconsiderando sua função educativa que transcenda o gesto técnico e a possibilidade de veicular os valores orientais que tomam como referência a importância da participação do corpo integral no processo formador do ser humano. Essa mesma referência, o corpo integral, é um dos princípios fundamentais da Ciência da Motricidade Humana estabelecido para vencer o dualismo cartesiano que tanto influencia as práticas corporais em geral e, evidentemente, o judô.

Quando falamos em judô educativo logo aparecem às representações sociais a respeito de sua função formadora. Muitas dessas representações surgem como atividade disciplinadora e da formação de valores morais. Outras sugerem que a prática do judô auxilia na contenção de agressividade e desenvolvimento do autocontrole.

Não desconsiderando esses aspectos, muito menos negando sua ocorrência, o que de fato se observa é que esses contributos são pouco estudados e estão presentes na prática, em boa parte, como currículo oculto.

A questão do currículo oculto é aqui apontada como um conjunto de valores e crenças implícitas às práticas cotidianas do fazer docente, as formas de organização e distribuição do tempo/espaço/tarefa e os padrões de recompensa ou punição (SILVA, 2010. p.77) que, por sua difícil observação concreta, não passa a ser analisada, investigada ou questionada sendo tomada como natural ao processo de ensino-aprendizagem.

Em geral, o currículo oculto trata de fortalecer as ideologias dominantes e, através dos conteúdos formais de uma prática, vão reproduzindo valores hegemônicos. As relações de poder presentes nas práticas cotidianas das aulas de judô nas relações professor/aluno, por exemplo, trazem um forte componente oculto que passa a pertencer a denominada “filosofia do judô” que tanto se comenta no senso comum. Que filosofia, afinal de contas, é essa?

Na realidade, seja nas escolas e principalmente nos clubes e academias, o centro do ensino do judô são as técnicas, os movimentos específicos da luta, seguidos da formação da moralidade, tendo como sustentáculo as concepções estabelecidas por Jigoro Kano, na criação do judô, em fins do século XIX que são, salvo exceções, equivocadamente compreendidas.

O que fica em destaque dos valores orientais na prática do judô educativo é quase nulo e, se existe, ocorre sem clareza de sua contribuição.

Há muito por descobrir nesse espaço do invisível pertencente ao currículo oculto nas experiências e vivências das aulas de judô. Significativos contributos educativos precisam se tornar aparentes e urge a necessidade de revelá-los. Creio que são tantos e tão importantes que nem mesmo Jigoro Kano foi capaz de dimensioná-los em sua complexidade e completude.

Cabe a nós pesquisadores e professores de judô da atualidade essa tarefa fascinante de ampliar e completar a grandiosa obra iniciada por Kano.

Neste livro buscamos responder a questões como:

Como a integração Oriente-Occidente influenciou a elaboração dos fundamentos do judô educativo e sua relação com o desenvolvimento da motricidade humana?

Os fundamentos educativos do Judô foram estruturados a partir de que referências conceituais?

A essência do homem a ser formado nessas referências está relacionada com a integração entre a linguagem, pensamento, valores e ações orientais e ocidentais?

Qual foi o modelo sistêmico de pensamento de Jigoro Kano ao estruturar o Judô como método educativo?

Ao transforma-se de método educativo para esporte como fica o processo de integração Oriente-Occidente?

Sendo o judô um método que serviu de fundamento para a Educação Física no Japão: como ficaria sua estrutura, reconstruído a partir das referências da Ciência da Motricidade Humana, paradigma emergente de corte epistemológico na motricidade humana contemporânea?

Existem aproximações da Ciência da Motricidade Humana (CMH) com a integração Oriente-Occidente? É possível reconstruir o modelo sistêmico de pensamento de Jigoro Kano a partir da CMH?

Objetivos da obra

Trataremos neste livro de identificar as circunstâncias históricas presentes na época da criação do judô, a forma de pensamento sistêmico utilizado por Jigoro Kano ao estabelecer seus princípios fundamentais, a integração Oriente-Occidente nesse processo e, a partir dessa análise, provocar uma discussão acerca dos fundamentos do judô educativo no mundo contemporâneo, relacionando os fundamentos da Motricidade Humana com o pensamento de corpo integral da filosofia oriental japonesa.

A partir dessa discussão, reestruturar as referências para a prática do judô educativo contemporâneo.

Assim apresentamos como objetivos:

- Definir as influências conceituais que referenciam a elaboração dos fundamentos do judô educativo a partir do processo de integração Oriente-Occidente.
- Apresentar as principais características dos valores e pensamentos do Oriente e do Occidente.
- Analisar as influências orientais e ocidentais nos princípios filosófico/educativos do judô.
- Compreender os motivos que levaram a transformação do *jujutsu* em judô como método educativo e deste para um esporte competitivo.
- Organizar uma estrutura de blocos históricos de desenvolvimento filosófico/antropológico da luta de judô.
- Organizar elementos estruturantes para estabelecer os fundamentos do judô educativo contemporâneo analisando a influência da integração Oriente-Occidente nesse processo, partindo do modelo sistêmico de pensamento de Jigoro Kano ao elaborar o judô *Kodokan* reorganizando suas referências conceituais a partir da Ciência da Motricidade Humana.
- Analisar a relação Oriente-Occidente durante a transformação do judô de método educativo para prática esportiva

CAPÍTULO 1

Olhar o judô pela antropologia filosófica

1. Antropologia filosófica x ciências

Visando resgatar o sentido do judô educativo, aquele no qual verificamos a exposição sistemática dos conhecimentos sobre corporeidade e motricidade do homem, consideramos a antropologia filosófica como referência para a análise da integração Oriente-Occidente nesta prática em busca da identificação dos seus fundamentos educativos.

Olhar para os eventos de judô, para as experiências do treinamento e das aulas, as relações entre o *sensei* e o aluno, os aspectos de formação promovidos pelas vivências corporais no *dojo*, as implicações sociais educativas de sua prática nos clubes e escolas, entre outros fenômenos, exige um olhar criterioso para esta complexa condição humana. Ao selecionarmos estes aspectos da realidade construiremos um conjunto sistemático de procedimentos para dar “razão” aos caminhos traçados.

Enxergar o invisível numa ação visível de maneira a encontrar o subjetivo no ato objetivo, é certamente um dos maiores desafios na pesquisa em ciências sociais como afirma Bourdieu (apud PIRES, 2010, p. 51) trazer à tona “o que se tornou invisível pelo excesso de visibilidade”.

Na prática do judô, assim como em outros esportes, especialmente sobre influência do pensamento ocidental, existe um forte componente de desvalorização do invisível sobre o visível, do subjetivo pelo objetivo, do sensível pelo inteligível, do estético pelo técnico, no entanto, a motricidade humana se apresenta em condutas integradas, únicas, ou seja, que não se repetem, e por isso seguiremos o caminho de “articular a compreensão com a explicação, num ser inacabado, aberto e dinâmico, que se movimenta da imanência à transcendência, da natureza a cultura” (SERGIO, 1999, p. 27).

Nessa perspectiva de análise visamos integrar o “visível” com o “invisível” da vivência do homem na prática do judô numa perspectiva educativa a luz da antropologia filosófica.

É preciso que o pensamento de ciência – pensamento de sobrevôo, pensamento do objeto em geral – torne-se a colocar num “há” prévio, na paisagem, no solo do mundo sensível e do mundo trabalhado tais como são nossas vidas, por nosso corpo, não esse corpo possível que é licito afirmar ser uma máquina de informação, mas esse corpo atual que eu chamo de meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sobre os meus atos. É preciso que com meu corpo despertem os *corpos associados*, “os outros”, que não são os meus congêneres, como diz a zoologia, mas que me freqüentam, que freqüente, com os quais freqüente um único SER atual, presente, como animal nenhum freqüentou os de sua espécie, seu território ou seu meio. Nessa historicidade primordial o pensamento alegre e improvisador da ciência aprenderá a ponderar sobre as coisas e sobre a si mesmo, voltará a ser filosofia...” (MERLEAU PONTY, 2004, p. 14-15)

A antropologia filosófica, definida por Landberg na obra *Einführung in die philosophische Anthropologie* (apud CRUZ, 1969, p.29) é entendida como: “la explicación conceptual de la idea del hombre a partir de la autocomprensión de éste en su relación con el

ser, dentro de una fase cualquiera de su existencia histórica, con el intento de indicar la posible senda de su destino”. Remeter à antropologia é a base de nosso caminho metodológico.

Para este trabalho destacaremos a metodologia do filósofo alemão Josef Pieper³ ao estudarmos a integração Oriente-Occidente na formulação dos fundamentos do judô educativo, a partir da perspectiva da antropologia filosófica presente nessa relação.

Josef Pieper não publicou um estudo sistemático sobre metodologia, porém sua obra contempla elementos que permitiram a elaboração de uma “teoria pieperiana para o método da antropologia filosófica”, trabalho este desenvolvido por Jean Lauand (2004), para o congresso do centenário de Pieper.

Seguimos apresentando os fundamentos deste método a partir dos estudos de Lauand e o estabelecimento das relações dessa metodologia com o propósito do trabalho. Para situar a metodologia da antropologia filosófica, começemos por apresentá-la no quadro geral dos saberes acadêmicos, destacando sua especificidade, em contraste, como diz Pieper, com as “ciências”.

Cada ciência estuda seu objeto sob um determinado ponto de vista: dirige-se a um determinado aspecto e todo o resto simplesmente não lhe interessa. Assim, uma mesma realidade, por exemplo, o homem, é estudada por diferentes ciências sob diferentes ângulos: um é o enfoque da Medicina; outro, o da Psicologia; outro, o da Sociologia etc. o objeto de estudo de uma ciência e, principalmente, seu peculiar ponto de vista condicionam, como é lógico, sua metodologia: de que servem, digamos, a *compreensão empática* para o matemático empenhado em demonstrar seus teoremas ou, reciprocamente, os teoremas do matemático para um historiador? E, como é evidente, o mesmo pode-se dizer do instrumental de cada ciência, também neste caso o objeto

3. Josef Pieper (1904-1997) filósofo alemão.

é decisivo: é pelo seu objeto que a astronomia emprega o telescópio e não o microscópio; a física - ao contrário da matemática - requer um laboratório; etc.

É certo que a questão do método das ciências não é simples e suscita infinitas discussões. No entanto, quando se trata do filosofar - do genuíno filosofar, tal como o entenderam “os antigos” - a questão do método torna-se ainda mais problemática e isto não por um *maior grau* de complexidade, mas porque ela nos introduz em uma *nova ordem*: a mesma que distingue o filosofar das ciências. Por isso, o filosofar não tem nem pode ter - e nem sequer pretende ter... - *operacionalidade* metodológica, uma operacionalidade que pode se dar - em maior ou menor grau - nas ciências. (LAUAND, 2004).

Essa “liberdade” operacional que define o método utilizado como qualitativo, de acordo com Pires (2010, p.90) se caracteriza por:

a) por sua flexibilidade de adaptação durante seu desenvolvimento, inclusive no que se refere à construção progressiva do próprio objeto de investigação; b) por sua capacidade de se ocupar de objetos complexos, como as instituições sociais, os grupos estáveis, ou ainda, de objetos ocultos, furtivos, difíceis de apreender ou perdidos no passado; c) por sua capacidade de englobar dados heterogêneos, ou, combinar diferentes técnicas de coleta de dados; d) por sua capacidade de descrever em profundidade vários aspectos importantes da vida social concernentemente à cultura e à experiência vivida, justamente devido a sua capacidade de permitir ao pesquisador dar conta (de um modo ou de outro) do ponto de vista do interior, ou de baixo; e) finalmente por sua abertura para o mundo empírico, a qual se expressa, geralmente, por uma valorização da exploração indutiva do campo de observação, bem como por sua abertura para a descoberta de “fatos inconvenientes”, ou de “casos negativos”. Ela tende a valorizar a criatividade e a solução de problemas teóricos propostos pelos fatos inconvenientes.

1.1 Antropologia filosófica: acesso indireto ao homem

O acesso indireto à compreensão do homem por suas ações, instituições e linguagens, como nos mostra Josef Pieper, tem sido efetiva no levantamento e encaminhamento das questões levantadas nessa obra. Nesse sentido, dá suporte para visualizarmos aquilo que motiva o ensino e a prática da luta de judô em seu desenvolvimento histórico, desde seu surgimento até os espaços formativos/educativos do momento contemporâneo. É necessário resgatar os grandes “insights” que já não se encontram disponíveis à consciência presente, ou seja, o “homem” não pode ser compreendido como objeto direto de análise.

Pois o conteúdo das experiências não está totalmente disponível a nosso saber consciente. Pode ocorrer, por exemplo, que as experiências, as grandes experiências que podemos ter sobre o homem e o mundo, brilhem com toda a viveza por um instante na consciência e depois, sob a pressão do cotidiano, comecem a desvanecer-se, a cair no esquecimento... Seja como for, não é que se aniquilem (se se aniquilassem não restaria sequer a possibilidade de filosofar...), mas se transformam, se tornam...: *instituições, formas de agir do homem e linguagem*. Estes são os três “sítios” (para usar uma metáfora da arqueologia) onde o filósofo deve penetrar para recuperar o que tinha sido oferecido na experiência. (LAUAND, 2004).

Essa metodologia possibilita o entendimento das experiências e vivências do *randori*, do *uchi komi*, do *kata*, do *shiai*,⁴ entre outras práticas do judô, para além daquilo que é “visível” nas relações educativas que as permeiam, ou seja, para nossa intenção de

4. Formas de prática do judô respectivamente: treino livre, prática de entrada de golpes, estudo das formas de golpe, competição.

encontrar os fundamentos do judô educativo e sua relação de integração com os valores e formas de pensar do Oriente e Ocidente. Interessa-nos estudar a instituição “judô” e seus eventos, sua linguagem corporal, suas técnicas e seu modo de fazer, ou seja, a luta.

Neste trabalho, direcionaremos então o olhar precisamente para a busca dos fundamentos educativos “escondidos” nas formulações filosóficas e pedagógicas elaboradas por Jigoro Kano durante a fundação do judô *Kodokan* bem como em outras instituições. Buscaremos também as possíveis relações de integração nas linguagens e ações relativas às diferentes dimensões atribuídas historicamente ao judô que revelem os valores e pensamentos orientais e ocidentais.

Vale à pena transcrever agora o parágrafo inicial de *Offenheit für das Ganze*,⁵ no qual, antes de refletir filosoficamente sobre a instituição universidade, o próprio Josef Pieper resume a essência de suas idéias metodológicas. As grandes experiências estão escondidas nas grandes instituições (e podemos acrescentar: na linguagem e nos modos de agir dos homens):

As grandes instituições costumam ser a expressão de grandes experiências, de experiências que estão como que vazadas nessas instituições e, conseqüentemente, **um tanto escondidas nelas**. Esta é precisamente uma das razões pelas quais é tão difícil dizer cabalmente em que consiste o verdadeiro significado das instituições que condicionam e emolduram a vida humana. Com o simples atentar para o aspecto aparente, histórico-concreto do fenômeno, não se pode

5. *Offenheit für das Ganze – Die Chance der Universität*. Essen, Fredebeul & Koenen, 1963, 36 pp. Citado por LAUAND, J. *Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper* (notas de conferência proferida no congresso internacional: “Josef Pieper y el pensamiento contemporáneo”, Buenos Aires, agosto de 2004).

decifrar o que elas realmente são e devem ser; para fazê-lo, é necessário penetrar, através de um paciente e cauteloso esforço de interpretação, naquelas experiências, intuições e convicções que se incorporaram nas instituições e que as fundamentam e legitimam. Porém, quando se trata das grandes experiências que o homem tem consigo mesmo e com o mundo, das experiências que condicionam sua vida, não se pode dizer que elas possam ser apanhadas e formuladas facilmente, uma vez que não estão de modo algum ao alcance imediato da consciência reflexiva. Sabemos muito mais do que aquilo que somos capazes de exprimir de improviso, em palavras precisas, num determinado momento. E talvez aconteça que o que digamos de fato passe à margem de nossas verdadeiras convicções. [...] Precisamente as nossas certezas mais vitais – as que atingem nosso fundamento e o do mundo, de que temos tanta segurança que por elas orientamos nossas vidas – estão fadadas a se transformarem logo em existência viva; se tudo segue seu caminho normal, convertem-se em vida vivida, tornam-se realidades, concretizam-se. Passam, por exemplo, como dizíamos, a formar a organização estrutural das instituições, nas quais se configura e se perfaz o viver histórico do homem. Ainda que não se dêem a conhecer de modo imediato, essas experiências estão presentes e ativas, e quem queira expressá-las deve ultrapassar o que se manifesta na superfície e procurar atingi-las para, por assim dizer, retraduzi-las em forma de enunciado. Grifo nosso

Assim Josef Pieper aponta o esforço de revelar as grandes experiências escondidas nas instituições, linguagens e ações do homem como procedimento metodológico. De maneira similar, Pires (2010) também descreve a função do pesquisador em descobrir aquilo que está encoberto e a nossa vista que precisamos revelar.

Disso resulta uma relação particular com a história, inclusive a história dos saberes: é preciso retroceder para descobrir o que foi encoberto, ou para lançar luz sobre as causas, origens e conseqüências de um problema atual, de ordem social ou cultural. Algumas descobertas são,

portanto, recorrentes e podem ser formuladas de diferentes maneiras – o que influi, conforme o caso, para o reconhecimento da novidade e o alcance da descoberta. (PIRES, 2010, p. 52)

1.2 Trajetória metodológica

O judô possui uma série de práticas e valores institucionalizados, muitos deles estruturados em idéias não muito claras sobre seus fundamentos filosóficos. Isso ocorre segundo nossa hipótese, pelo fato de ter sido elaborado em parte pela influência das instituições orientais ligadas ao xintoísmo, budismo e ao *budô* e por outro lado pela influência dos filósofos ingleses Herbert Spencer e Stuart Mill, do educador americano John Dewey e do escritor inglês Samuel Smiles retratando o modo de pensar ocidental em um contexto histórico de grandes mudanças sociais no Japão no Início da Era Meiji, que coincidem com o crescente processo de industrialização.

No estudo do homem na prática do judô, suas instituições, linguagens e ações, pela metodologia da antropologia filosófica de Pieper, compilada por Lauand, e pelo esforço de nossa objetivação, buscamos fazer descobertas, como aponta Pires (2010, p. 57)

...que consistem, geralmente, em desmistificar discursos justificadores de certas práticas institucionais, em questionar algumas falsas certezas e algumas formas de leitura espontânea e ilusória do social para deixar ver o que ocorre “realmente” e que está debaixo de nossos olhos, é impossível não levar ao debate, ao menos em parte, para o terreno empírico.

Partindo da análise das características essenciais de valores e pensamentos do extremo **Oriente e do Ocidente**, que constitui e primeira etapa do livro, ou seja, o segundo capítulo onde, através de um estudo bibliográfico, levantaremos as relações entre o

pensamento oriental e a influência ocidental, no momento histórico do surgimento do judô relacionando os escritos de Jigoro Kano e de outros pesquisadores de sua obra com as idéias centrais desenvolvidas por John Dewey, Stuart Mill, Herbert Spencer e Samuel Smiles entre outros, também estudadas por Fukuzawa Yukichi, Nishi Amane e Mori Arinori pertencentes a um grupo de pensadores japoneses muito influentes no processo de passagem do período Tokugawa ao Meiji.

Essas possíveis influências ocidentais nos fundamentos filosófico/educativos do judô são citadas por Helm (sd), Casado; Villamón (2009), Niehaus (2010), Guareschi (2002), Carr (1993) e Watson (2011), porém sem profundidade. O desenvolvimento e análise deste processo serão apresentados no terceiro capítulo, com o título: **A integração Oriente-Occidente: Jigoro Kano, fundamentos do judô e a educação**. Desta análise, buscaremos compreender a visão do homem que se pretendia formar a partir das vivências no judô uma vez que, reforçando a idéia de Pires (2010, p. 52), anteriormente apresentada em citação “é preciso retroceder para redescobrir o que foi encoberto, ou para lançar luz sobre as causas, origens e conseqüências de um problema atual, de ordem social ou cultural”. A partir daí revelar o modelo sistêmico de pensamento de Jigoro Kano para estruturar os fundamentos do judô e sua aplicação como atividade didática para formação do homem contemporâneo.

Em seguida vamos analisar as transformações ocorridas neste pensamento original, principalmente pela influência da esportivização do judô, analisando a predominância do pensamento ocidental e sua causa na **(des)integração Oriente-Occidente: judô e o processo de esportivização** que dá título ao 4º capítulo e nele apresentar a possível relação entre o modelo sistêmico original que

fundamentou o judô com a Ciência da Motricidade Humana (CMH) representante da demarcação da pré-ciência Educação Física segundo o filósofo português Manuel Sérgio, que segue como possibilidade de continuidade deste estudo e que podemos denominar como a **(re)integração Oriente-Occidente: Judô, Ciência da Motricidade Humana e os fundamentos educativos na perspectiva contemporânea.**

Isso nos permitirá apresentar uma análise de reconstrução dos fundamentos educativos do judô a partir da concepção do homem contemporâneo pela CMH.

CAPÍTULO 2

O Oriente e o Ocidente

2. O Oriente e o Ocidente: características e correlações

Ao falarmos de Oriente e Ocidente é necessário delimitar a quem e ao que estamos nos referindo:⁶ essas generalizações são procedimento metodológico: tipos construídos para essa análise e que, claro, devem ser tomados apenas como elementos de compreensão em um nível tipificado e seria descabido querer aplicá-los automaticamente a qualquer caso concreto. E os tipos entram aqui como um componente da condição humana, entre tantos outros: o egoísmo ou o ódio, por exemplo, são universais e não pretendemos dizer que o Oriente é bonzinho e o Ocidente é o bandido...

Como o tema do estudo aborda a integração Oriente-Ocidente em torno do judô, uma prática que surgiu no Japão em fins do sec. XIX, o termo Oriente remete-se ao extremo Oriente e, em especial a linguagens, ações, pensamentos, valores e instituições da cultura Japonesa e Chinesa, uma vez que a China exerceu forte influência na cultura do Japão (MOORE, 1978), construídos sob influência da filosofia do extremo Oriente. O termo Ocidente será relacionado às

6. “Evidentemente, ‘oriente’, ‘ocidente’, ‘oriental’ e ‘ocidental’ são tipificações e devemos ter em conta as limitações desse procedimento metodológico”.

características das culturas que participaram mais intensamente da abertura do Japão na Era Meiji (1868-1912), ou seja, Estados Unidos e Europa, representantes da filosofia do Ocidente, delimitando desta forma o estudo de escritores, filósofos e educadores que tenham influenciado as formulações educativas do judô. Esta delimitação se faz necessária uma vez que Rene Guénon (apud SPROVIERO, 1998) fala de uma mentalidade oriental que se difere de uma mentalidade ocidental, porém afirma a existência de várias civilizações orientais.

A partir de Sproviero (1998) apresentamos etimologicamente a palavra Oriente que vem do latim *oriens*, “o sol nascente” de *orior*, *orire*, “surgir, tornar-se visível” palavra da qual vem também “origem”. A palavra Ocidente vem do latim *occidens*, “o sol poente”, de *occ-cidere*, de *ob*, “embaixo”, *cadere*, “cair”.

Ao tratar do tema, que vislumbra a integração entre o Oriente e o Ocidente na formulação dos fundamentos educativos do judô e, para compreender sua correlação, vamos apresentar algumas perspectivas de análise das abordagens orientais e ocidentais de dimensionamento da realidade pelo homem.⁷

Para ilustrar com mais propriedade as características orientais e ocidentais de compreensão da realidade apresentamos uma análise comparativa a partir do documentário da EBS⁸ (2008) fundamentadas com a apresentação paralela de outros estudos do gênero.

7. Neste caso, em geral, seguiremos os autores: Hirose, Lauand, Mendoza, Ho Yeh Chia e Sproviero – artigos em <http://www.hottopos.com/revistas.htm>

8. Myungjin, Wisdomhouse Publishing Co., Ltd., 2008, 240p ISBN 978-89-5913-322-2 03300 EBS Documentary: The East and the West EBS The East and the West production team & Kim <http://www.youtube.com/watch?v=76PtpYLMFJo>
<http://www.youtube.com/watch?v=YMwQFrDVQ10>

2.1 Interdependência e interação entre os objetos

No Ocidente a relação espacial entre os objetos mostra a tendência a considerar o espaço onde os objetos existem de forma independente do que há a sua volta. Os objetos existem num espaço vazio. Nesta perspectiva os objetos, por estarem separados, não exercem função uns sobre os outros.

A origem deste pensamento, que marca a diferenciação entre Oriente e Ocidente no que se refere à forma de entender a relação entre os objetos e, consecutivamente, a do homem com a natureza, surge, segundo Capra (1982, p. 49-52) entre os séculos XVI e XVII. Até esta época a visão de mundo era orgânica e caracterizada pela interdependência entre os fenômenos espirituais e materiais. Esta perspectiva alterou-se quando a visão do mundo deixou de ser orgânica para ser uma visão mecânica. No século XVII, Francis Bacon (1561-1626), a partir da formulação do método indutivo, fez inverter a compreensão da natureza pela via da integração para a via da auto-afirmação. A partir de Bacon, o objetivo da ciência passou a ser dominar e controlar a natureza. A natureza para Bacon tinha de ser “obrigada a servir”, deveria ser “reduzida à obediência” de forma a “extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos”. Esta mudança marca profundamente o pensamento ocidental de relação sujeito-objeto iniciada por Bacon e completada por Descartes e Newton o que, de certa forma, é contrário ao sugerido na interpretação de Mendoza (2007, p.54-55) cuja definição da existência da origem de todas as coisas é do *Tao* identificado com o Vazio, a não-existência retratando o pensamento oriental neste assunto.

Este modo analítico de pensar, evidenciado em Descartes (1596-1650), torna-se uma característica essencial do moderno pensamento científico ocidental contribuindo de forma significativa com o

desenvolvimento de projetos tecnológicos. Por outro lado, foi responsável pela fragmentação e reducionismo que reforça a crença de que todos os aspectos dos fenômenos complexos podem ser reduzidos a partes distintas. Descartes entendia o universo material como uma máquina. O universo funciona, nesta perspectiva, pelas leis mecânicas. Tudo podia ser explicado pelo movimento isolado das partes constituintes. Daí surge à intensa manipulação da natureza típica da cultura ocidental.

Pensava-se que a matéria era à base de toda a existência, e o mundo material era visto como uma profusão de objetos separados, montados numa gigantesca máquina. Tal como as máquinas construídas por seres humanos, achava-se que a máquina cósmica também consistia em peças elementares. Por conseguinte, acreditava-se que os fenômenos complexos podiam ser sempre entendidos desde que os reduzisse a seus componentes básicos e se investigasse os mecanismos através dos quais esses componentes interagem. (CAPRA, 1982, p. 44)

No pensamento Oriental, por outro lado, o espaço entre os objetos não é vazio, é preenchido com uma energia conhecida como *Ki* ou *Chi*.⁹ Assim os objetos, feitos de *Ki*, estão intimamente ligados ao *Ki* do ambiente. Portanto os objetos são originados pelo *Ki*.

Nesta perspectiva os objetos se influenciam, pois entre eles há o *Ki* a energia de ligação entre os objetos. Cada elemento do universo

9. O significado etimológico do ideograma *qi* (“氣”) na sua forma tradicional mais conhecida é uma imagem do “vapor (气) subindo do arroz (米) enquanto cozinha”. O *Chi* é à força da vida, a energia imaterial omnipresente que no seu fluxo anima todos os seres vivos e permeia o Universo, ligando todas as coisas como um todo. A energia *Chi* ou **energia vital** é a energia de vida que o corpo de qualquer ser vivo produz, proveniente de diversas fontes como o ar, a água, os alimentos e o sol, estando o seu estado de saúde dependente do maior ou menor grau de harmonia e fluidez dessa energia. O *Chi* é uma energia que circula livremente alimentando os ambientes e os seres deste fluxo de energia vital. Sem o fluxo de *Chi* não existiria vida no planeta.

<http://www.taichiportugal.com/Chi%20Qi%20Artes%20Marciais%20Chinasas.html>

age sobre o outro elemento. O Universo é considerado um organismo vivo e dinâmico constituído de uma energia cósmica primordial da qual derivam, por condensação e diferenciação, todas as coisas existentes. O organismo humano é extensão deste universo e, portanto sujeito as mesmas leis da natureza assim o corpo humano contém *Ki* ele é o *Ki* manifesto em matéria viva (CANÇADO, 1993, p.15). Esse conceito ganha consistência no Ocidente através dos estudos da física quântica e do conceito de complementaridade de Niels Bohr (1885-1962). Segundo ele a imagem de uma partícula e a imagem da onda são duas descrições complementares de uma mesma realidade, cada uma delas só parcialmente correta e com uma gama limitada de aplicação. Esta descoberta questiona a concepção de objetos sólidos e abre a probabilidade das coisas estarem interconectadas, ou seja, para as partículas subatômicas, não são apenas “coisas” mais “interconexão de coisas”. Esta noção de interatividade universal, própria do antigo pensamento oriental é representada nos jardins japoneses onde podemos observar as ondas provenientes dos objetos e suas interações.

2.2 A essência e a forma: os objetos, as substâncias e a linguagem

“O universo é uma rede de relações íntimas, de modo que nada pode ser reduzido a um ponto no espaço ou um instante no tempo”
(WING-TSIT. C, 1978, pag. 185-186)

No pensamento ocidental clássico não foi desenvolvida a noção de totalidade, de maneira que é enfatizada a individualidade dos objetos, idéia que se instituiu por influência do modelo cartesiano, referido anteriormente. A totalidade, quando imaginada, trata apenas de um agrupamento de objetos individuais. Portanto a realidade é observada de maneira isolada.

A questão do UM e do MUITOS para as filosofias orientais tomadas em conjunto afirmam que a realidade de UM depende da realidade de MUITOS, ou seja, o UM só é passível de ser descoberto no MUITOS, da mesma forma que o MUITOS só é discernível no UM (WING-TSIT, C, 1978, p. 175). O UM no pensamento oriental não é entendido como unidade, como um número. O UM trata-se de um campo fenomenal¹⁰ onde ele é intuído e não postulado.

Já no pensamento oriental a totalidade se refere a um agrupamento sem qualquer distinção de individualidade, ou seja, é vista como unidade. A grande diferença está em tratar o UM como um numeral no pensamento ocidental enquanto no pensamento oriental o UM é visto como fenômeno, portanto é resultado lógico na concepção oriental da realidade das relações.

A forma de entendimento relacionado a objetos e substâncias difere entre o pensamento oriental e ocidental. Para o oriental a substância é mais importante que o objeto uma vez que para substância não importa a forma ou o tipo de objeto que vai constituir, o que é importante é sua essência, assim o todo e a parte são uma coisa só, a totalidade. Para o pensamento ocidental clássico, ao focar o pensamento no objeto e não na substância, uma parte de um objeto já não pertence mais a sua totalidade é apenas mais uma parte.

Evidente que o pensamento ocidental contemporâneo, em virtude dos estudos da física das partículas subatômicas – física

10. Este fenômeno intuitivo sobre o campo fenomenal próprio do pensamento oriental está definido nos estudos da física quântica quando trata da teoria do campo quântico que nasceu da convergência entre a teoria da relatividade com a mecânica quântica que se unificou na teoria das cordas – filamentos de energia – e posteriormente na teoria M, ou seja, teoria matriz, onde se afirma que as entidades fundamentais da natureza, partículas constituintes da matéria e das interações, não são objetos pontuais, mas fazem parte de pequenas cordas vibrando no espaço-tempo. Diferentes partículas aparecem como diferentes formas de vibração, mas todas estão incluídas na mesma descrição. Isso quer dizer que a diversidade das ondas vibratórias das cordas é que produzem a matéria do universo. (ABDALLA, 2005, p.150).

quântica – alterou-se significativamente e apresenta um novo paradigma de entendimento da essência da matéria promovendo uma profunda aproximação com o pensamento oriental. Especificamente no caso da matéria, que a nível subatômico pode-se definir como partícula-onda, a substância material deixa de ser vista, o que se vê são modelos dinâmicos que se convertem uns nos outros, ou seja, a energia (CAPRA, 1982, p. 86). Mais adiante faremos uma mais detalhada descrição dos fenômenos quânticos.

Este fenômeno também aparece na linguagem que, no ocidental, concentra-se mais nos substantivos, a chamada predisposição aos substantivos como apontado por Arvigo (apud GENTNER, 1982). Já o pensamento oriental, por considerar a interação entre os objetos, apoia-se mais nos verbos que nos substantivos. Isso aponta uma maior concentração da linguagem nas ações. A valorização das ações, orientadas e expressas linguisticamente pelos verbos, é um forte componente do pensamento oriental evidenciando aspectos interativos.

Há, de fato, certa tendência a admitir que as categorias de pensamento são diferentes no Oriente e no Ocidente. Recentemente, foi até defendida a tese de que a estrutura sujeito-predicado da língua grega, que impôs um molde aristotélico de sujeito-atributo a todo o pensamento ocidental, escapa ao pensamento chinês, porque o verbo “ser-estar” não tem equivalente exato no chinês: “shih”, como termo geral de afirmação, não possui infinitivo. Pode ser verdade que o pensamento chinês seja naturalmente relacional, mas trata-se de uma questão de ênfase. (HOCKING, 1978, p. 17-18)

Para o oriental a experiência tem valor fundamental no aprendizado e a linguagem, apoiada em verbos, produz uma das mais características formas de expressão, o pensamento confundente.

Ao analisar cultura e mentalidade de um povo, a língua é um fator importante, na medida em que condiciona o pensamento, a possibilidade de acesso à realidade. Uma dessas formas de acesso ao real é o pensamento confundente, que - numa primeira aproximação - concentra numa única palavra realidades distintas, mas conexas. Se distinguir, dar nomes diferentes para realidades diferentes, é uma importante função da língua; “confundir” é - como já faziam notar Ortega y Gasset e Julián Marías - igualmente importante, pois: “Não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes”. (LAUAND, 2007)

O conceito de ‘pensamento confundente’ criado por Ortega e Gasset e que se tornou objeto de estudo de Lauand no contexto da língua árabe também está presente no modo de pensar do Extremo Oriente.

Este fenômeno é muito claramente percebido, segundo Ho Yeh Chia (2009, p.173) quando se depara com a necessidade de traduzir um pensamento chinês para a cultura ocidental. Por entender que a língua é um condicionante do pensamento, estudar sua lógica permite acesso à forma como um grupo se apropria da realidade.

Chia (2009, p.176) nos mostra que, na língua chinesa, por exemplo, um caractere pode receber diversos tipos de significados, dependendo da maneira como ele é empregado. Traz como exemplo o conceito de *dao* 道 (*do* no japonês), que no livro *Analectos* de Confúcio pode ser traduzido em diferentes situações como: rua, caminho, trajeto, percurso, curso, discurso, dizer, contar, explicar, governar, direcionar, orientar, norma, moral, virtude, doutrina, ensinamento, princípio, sabedoria. Em sua explicação aponta que: “O ideograma 道 (dao) é composto por duas partes: a cabeça 首 e o pé 辵 (ou 辵). O que quer dizer que é algo que caminha, que segue,

guiado pela razão.” Daí resulta a grande quantidade de possíveis interpretações e a margem para o pensamento confundente.

A imensa necessidade de distinção entre as coisas e fenômenos, tão evidente no pensamento ocidental é de fato uma tendência marcante desse sistema língua/pensamento. Porém, no pensamento tradicional japonês o “confundente” parece ser a essência da busca de interpretação da realidade pela língua como observado por Hirose (2010, p. 81-84) ao tratar dos sentidos confundentes da expressão que fala do corpo *Mi* (身) em diversos provérbios japoneses. Para exemplificar segue a citação:

Começemos por observar que *Mi* aparece numa palavra já bem conhecida entre nós: *Sashimi*. Portanto, o leitor brasileiro está familiarizado com um primeiro significado de *Mi* (se quisermos adaptar ao padrão ocidental, que distingue em várias palavras o que o japonês confunde em *Mi*), que enfatiza a carne; a carne que reveste o osso, como aparece no particular corte de peixe do *Sashi-Mi*. Assim, quando há uma situação em que está difícil distinguir as coisas, diz-se: “*É pele ou é Mi*”.

Passando para um segundo significado, muito próximo do anterior, temos *Mi* no sentido do corpo físico.

Hara-mo mi-no uti.

O estômago também faz parte do *Mi*.

Este provérbio trata do *Mi* corpo. Ele diz para não nos esquecermos, quando nos alimentamos, de que o alimento e a bebida vão para o estômago, que não está fora do corpo; ou seja, um alerta contra a gula. Também a sabedoria das expressões aconselha como medida de segurança: “Deixe o dinheiro pegado ao *Mi*”, bem junto de si, como quando as mulheres escondem cédulas entre os seios. Nessa mesma linha, encontramos *Mi* no sentido de base para painéis, caixas, recipientes, que servem para conter (nesse caso, o contraponto é dado por uma tampa), como no provérbio:

Mi mo futa mo nashi.

Sem Mi nem tampa.

O sentido é o de que não tem graça ir diretamente a um assunto, sem os comentários adequados dos aspectos contextuais. Nesse caso, a comunicação é insossa: falta-lhe a carne do *Mi*.

Do mesmo modo, o corpo, também para nós, é estrutura básica, como quando falamos em corpo docente, corpo diplomático, corpo de baile, corpo da guarda, corporação, incorporar, ganhar corpo etc., à margem de outras dimensões: da alma, do espírito, do coração...

Mi, dimensão corporal, pode facilmente estender-se à totalidade: uma vez que o corpo do ser vivo é precisamente um corpo *animado*. Assim,

Mi arite no hokou.

Tendo Mi é que se tem serviço.

Somente tendo um corpo saudável é que se consegue trabalhar. Naturalmente, subentende-se aqui o *Mi* com saúde. Nessa identificação com o *self*, o *Mi* vale pelo todo da pessoa:

Mi wo sutete koso ukabu se mo are.

Existe o lugar que se abre porque se joga o Mi.

Próximo ao nosso “Quem não arrisca não petisca”, desde que se entenda o arriscar como radical: o próprio eu é que entra em jogo.

Os exemplos acima trazem uma importante característica do pensamento oriental, sempre tipicamente falando, que tende ao confundente não se importando com a necessidade primeira de fazer distinções para compreender a realidade.

Podemos supor que, ao elaborar o judô, Kano não tenha se preocupado em deixar definido em seu método suas claras influências conceituais. Ao tomar como perspectiva de análise a presença do “pensamento confundente” em Jigoro Kano como método de interpretação da realidade, tanto para construir suas terminologias para os fundamentos técnicos como também para os

fundamentos filosófico/educativo, podemos identificar um importante elemento de seu pensamento sistêmico, ou seja, que é visto como sistema interdependente, e, por suposto, complexo e “confundente”.

Daí pode derivar a difícil tarefa da qual se propõe este trabalho de interpretar os “fundamentos educativos”, a “filosofia do judô” e suas correntes de influência.

2.3 Objetos, fenômenos e circunstâncias

Para os orientais tudo no espaço está em constante transformação, pois tudo é resultado das interações com o ambiente, ou seja, o SER e o NÃO SER não são parte de um universo estático, são entendidos como TORNAR-SE. As coisas surgem a partir de outras que já existem. Portanto um objeto surge, forma-se. As causas e os efeitos em torno dos objetos estão sempre relacionados e os fenômenos não são isolados. Nesta perspectiva, o comportamento das pessoas é decidido e determinado em função do comportamento das outras pessoas. “Tal ideia de relação está tão profundamente enraizada no Oriente que as relações humanas se tornam um fator principal da ética oriental” (WING-TSIT. C, 1978, p. 177)

Antes de veres estas flores elas e tua mente estavam ambas em estado de calma. Logo que as olhas, entretanto, suas cores imediatamente se tornam claras. Por ai se pode ver que essas flores não são exteriores com relação à nossa mente. (WANG YANG-MING citado por WING-TSIT, 1978, p. 81)

Na perspectiva ocidental os indivíduos são pouco conectados com o ambiente que os cercam. A relação é mais de dominação do ambiente pelo sujeito do que um caráter de interdependência. Os

fenômenos relativos aos objetos são causados pelas características dos objetos, ou seja, suas propriedades controlam seu comportamento. O mesmo se passa nas ações das pessoas que também são interpretadas como uma propriedade desvinculada do contexto assim, se uma pessoa esta nervosa é porque ela é nervosa e não porque a circunstância a fez agir com nervosismo.

2.4 Planos de fundo, plano de destaque e perspectiva

No contexto de pensamento oriental os objetos são interpretados na perspectiva de seu campo, ou seja, é visto dentro da totalidade da cena. Já o pensamento ocidental foca a atenção no objeto de destaque de uma cena desconsiderando o contexto em sua volta.

Para a cultura ocidental, ver é crer. Neste sentido a perspectiva dos objetos visa retratar o mundo da maneira mais exata que o olho humano pode captar. Dai vem o esforço de construir uma perspectiva tridimensional num plano bidimensional. Com esta perspectiva o espaço torna-se um espaço objetivo e mensurável onde o observador é o centro e o objeto é retratado a partir deste ponto de vista. Sendo o sujeito o centro da percepção, ele retrata a realidade a partir de si como se os objetos viessem em sua direção, porém, deste modo, não consegue ver a si mesmo na relação com os objetos de sua observação, apenas os objetos, os fenômenos e os outros, mas não sua participação. A visão é fixa num determinado ponto de vista. Trata-se de uma visão em primeira pessoa. Assim o ocidental tende a retratar a realidade numa visão de primeira pessoa através de uma linguagem focada nos substantivos.

Na interpretação da realidade dos objetos na perspectiva oriental parece ser natural que você a veja do lado de fora. Os desenhos asiáticos buscam contextualizar os fenômenos e objetos não na perspectiva do observador, mas a partir do ponto de vista de quem

está de fora. A perspectiva é vista do alto para retratar toda a informação do campo inclusive a si mesmo. A visão de campo onde tudo está conectado é uma visão de terceira pessoa seguida de uma linguagem focada no verbo, nas ações e interações.

Para o oriental o conceito de perspectiva dos objetos funciona de maneira oposta. É definida retropectiva.

Tais diferenças podem ser vista nos retratos. No oriental em geral são de corpo todo e no ocidental são retratos de rostos ou bustos.

As paisagens também são retratadas em diferentes perspectivas.¹¹ No oriental são vistas do alto como se o pintor estivesse voando e no ocidental e retratada a partir do ponto de vista do observador.

O ocidental tende a ver o mundo por categorias a que os objetos pertencem tratando de classificá-los e interpretá-los através da análise, ou seja, o método analítico.

Na perspectiva ocidental o mundo é um agrupamento de indivíduos separados e desconectados. Os seres individuais precisam ser colocados em ordem, distribuídos em categorias de classificação a partir das características que possuem. Dai surge o modelo científico característico do ocidente. O pensamento analítico proveniente do pensamento grego que sugere que a beleza dos objetos está na correta proporção entre as partes denominada razão de ouro.

No pensamento oriental os objetos não existem isoladamente, eles são interdependentes. Esse modo de pensar é retratado pela rede de indra, forma de pensamento que marca o contraponto de *sceadan*, uma grande rede que cobre o espaço. Esta metáfora sugere que tudo no espaço é parte de uma rede. A rede de indra é como de fosse uma

11. É possível aprofundar o conhecimento sobre o pensamento japonês na arte e em outras formas de expressão na série de programas produzidos pela da NHK disponível, com áudio em espanhol com o título *Japon, el espíritu y la forma*. <http://www.youtube.com/watch?v=Bk2CHz90HmI&list=PL91E14D7ADB8D81C7>

série de bolhas transparentes interconectadas onde cada uma das bolhas representa um objeto ou indivíduo. Cada uma das bolhas reflete a imagem das outras bolhas. A imagem refletida nas bolhas significa ser visto, surgir, aparecer. Assim, no pensamento oriental, ver é uma ação que vem dos objetos, ou seja, não é o observador que vê e sim os objetos que surgem. Em muitos casos o objeto é o centro e não o sujeito da observação. Já no pensamento ocidental ver é do ponto de vista do observador.

Desta forma, os orientais vêem a si próprios pela perspectivas dos outros. Isso é chamado de perspectiva exterior ou de terceira pessoa, ou seja, ver a mim mesmo a partir de como os outros me vêem. Os orientais se concentram no que os outros pensam e sentem a seu respeito definida como projeção relacional.

Já o ocidental, na perspectiva de primeira pessoa, descreve as coisas a partir do que pensa, sente e deseja. Por isso tendem a acreditar que os outros pensam, sentem e desejam da mesma maneira, ou seja, uma projeção egocêntrica.

As concepções cartesianas e newtonianas de compreensão da realidade, desconectada e reduzida à mecânica das partes, sofrem um grande impacto com as descobertas recentes no campo da física quando culminaram na formulação da teoria da relatividade e da teoria quântica. Estas teorias construíram um novo paradigma a respeito dos objetos sólidos a nível subatômico, revelando que os modelos da física clássica não eram capazes de explicar tais fenômenos. Isso porque o material sólido da física clássica transforma-se em padrões ondulatórios e probabilidades que não são de coisas e sim de *interconexões*. Como aponta Bohr (apud CAPRA, 1982, p. 75) “as partículas materiais isoladas são abstrações, e suas propriedades são definíveis e observáveis somente através de sua interação com outros sistemas”. Seguindo sua argumentação, afirma que o universo é um todo unificado que, até certo ponto pode ser

dividido em partes separadas até atingirem a dimensão de átomos e partículas. A partir desse ponto, ou seja, a nível subatômico, a noção de partes separadas dissipa-se, não podem ser mais entendidas como partes isoladas e precisam ser definidas a partir de suas inter-relações. Este conceito possui relação com a rede de Indra ou, rede (*web*) ou teia assim, segundo Lima (2000, p.71):

...se eu me considerar como um fio de uma teia de relações, inevitavelmente me considerarei afetada por outros fios, que exercem influências “externas” a mim... Mas, se tomo consciência de que eu, fio, sou apenas parte de um todo, então nada no todo pode ser considerado externo.

Vale ressaltar que, para ambas as metáforas, rede de Indra ou teia, não vale o conceito de fenômeno estático ou monolítico. Trata-se de uma rede intrinsecamente dinâmica e ondulatória. Os objetos materiais podem parecer passivos e inertes, mas tanto um pedaço de pedra ou metal estão em grande atividade quanto mais de perto observarmos. Objetos, neste sentido, são possuidores de um equilíbrio dinâmico.

Isso porque existe um conceito do pensamento oriental de impermanência, ou seja, “todas as coisas que existem estão constantemente mudando, se transformando. Mesmo que não possamos perceber, isso não quer dizer que exista algo permanente” (MELLO, 2004, p.23). Esse conceito faz pensar que tudo está em constante processo de transformação e mudança num fluxo que não ocorre como fenômeno isolado dos demais acontecimentos, objetos, circunstâncias e pessoas.

Assim como na abordagem *bootstrap*¹² de Geoffrey Chew,

12. Usado metaforicamente para representar a utilização dos próprios recursos “lift oneself by one’s own bootstrap” – elevar-se puxando as alças de suas botas

elaborada em 1962, onde aponta que numa rede ou teia interligada de relações nenhuma propriedade de qualquer parte é fundamental ou mais importante, todas decorrem uma das outras e a consistência está nas inter-relações.

2.5 O Oriente e o Ocidente: a projeção relacional e a projeção egocêntrica

Em função das características de compreensão da realidade apresentadas, fica evidente que os orientais tendem a pensar mais no outro. Nesse sentido, as pessoas se comportam modestamente o que é uma forma positiva de relacionamento, um comportamento socialmente desejável. Apresentar-se de maneira positiva neste sentido é: não quebrar regras, ser boa pessoa para o grupo, ajudar os outros. O importante não é gabar-se e sim ser modesto.

Este modo de comportar-se é definido como “*Ren*” na filosofia de Confúcio, que, nas palavras de Ho Yeh Chia (2013), assim exprime o conceito:

Foneticamente, em chinês, *ren* é o mesmo, tanto para expressar caridade humana - vamos representá-la aqui com maiúsculo, *Ren* - como o próprio ser humano, pessoa, gente - para diferenciar, representamo-lo no minúsculo, *ren*. Tal identidade não é casual: na grafia, desde a escrita antiga, representa-se a caridade humana por “dois *ren*” (dois seres humanos). Do ponto de vista semântico: tendo dois homens monta-se uma relação interpessoal. Assim a humanidade, o *Ren*, diz respeito ao como deve ser a nossa postura frente ao tudo que pode haver entre duas pessoas - como se respeitar; como se amar; como se relacionar; como se entender; como lidar com as semelhanças e as diferenças, com a desarmonia, discordância e outros sentimentos humanos. Isto é confirmado por Guerra: “Como diz Mêncio, bem citado por Legge, *Ren* é o que faz o homem ser homem (moralmente).

É, pois, a virtude da humanidade, (...) O carácter chinês está a dizer um Homem a dois, ou *seja relacionado com seu próximo*". vencer-se a si mesmo e a abertura de compreensão, solidariedade, amor, compaixão e compromisso com o outro. Assim, o *Ren* é sabedoria interpessoal, mas por outro lado, também é extremamente solitária, intrapessoal. Solitária porque diz respeito a um esforço necessariamente pessoal no alcance dessa virtude; intrapessoal, porque toca a fundo a questão da identidade de cada homem, uma vez que o homem só se reconhece como tal se ele entrar em contato com o outro (homem).

Na cultura ocidental o "eu" está quase sempre no centro de tudo. O indivíduo, ou seja, *in-divide*, o indivisível retrata o modo de agir no contexto social. A liberdade individual de fazer aquilo que se pensa, que se tem vontade ou que se quer é mais importante do que os outros vão pensar. O mais importante é o que devo fazer para ter sucesso. A individualidade é o bem supremo para o ocidental. Desta forma, a maioria dos ocidentais dificilmente está disposta a fazer sacrifícios para o bem da coletividade. A educação ocidental conduz para a independência e valoriza a auto-afirmação. Ensina os indivíduos a serem autoconfiantes. Os indivíduos precisam mostrar que são inteligentes, capazes, autônomos e independentes, capazes de fazerem tudo sozinhos. O sistema de educação ocidental encoraja os indivíduos a se vangloriarem de suas conquistas, a acreditar que são os melhores, inteligentes e capazes de fazer tudo. Apresentar-se de maneira positiva e considerar suas capacidades individuais acima da média, ou seja, exaltar suas potencialidades. Com isso os indivíduos são levados a fazerem julgamentos individuais e independentes onde as escolhas feitas por pais e professores são vistas como negativas.

A auto-afirmação para Capra (1982, p. 41) é conseguida através de um comportamento exigente, agressivo, competitivo, expansivo marcado por um pensamento linear e analítico. Esta auto-afirmação

excessiva é manifestada como poder, controle e dominação pela força e são estes os padrões de comportamento presentes, em grande parte, no Ocidente. A auto-afirmação de um lado provoca a submissão de outro. A auto-afirmação é valorizada e recompensada em especial nos sistemas competitivos. A promoção dos sistemas competitivos é uma das fortes manifestações do processo de auto-afirmação reforçada pela idéia da sobrevivência dos mais aptos.

Para se chegar a um consenso de diferentes verdades individuais o processo de troca de ideias, ou seja, a discussão, e a maneira que o ocidental entende ser correta para se chegar à verdade, pois, é através do debate que as diferentes formas analíticas de cada sujeito podem ser relacionadas.

Já os orientais se avaliam a partir do comportamento dos outros. O que os outros pensam sobre um indivíduo é mais importante do que o indivíduo pensa sobre si, assim são muito sensíveis ao julgamento dos outros. Este fenômeno é chamado de *o outro generalizado*, um conceito desenvolvido pelo filósofo americano George Herbert Mead (1863-1931), que, em resumo é o reflexo de si pela visão do outro, tal como sugere a rede de Indra.

É na forma do outro generalizado que o processo social influencia o comportamento dos indivíduos envolvidos nele e realizando esse processo, isto é, é como outro generalizado que a comunidade exerce controle sobre a conduta dos membros individuais; pois é dessa forma que o processo social ou a comunidade entra como fator determinante no pensamento do indivíduo. No pensamento abstrato, o indivíduo adota a atitude do outro generalizado para com ele próprio, sem referência, para sua expressão, a quaisquer outros indivíduos particulares; e, no pensamento concreto, ele adota essa atitude na medida em que ela se exprime nas atitudes para com seu comportamento por parte desses outros indivíduos com os quais ele está envolvido em uma dada situação ou ação social. Apenas adotando, de uma ou outra dessas

formas, a atitude do outro generalizado para com ele próprio, ele pode pensar; porque é apenas assim que o pensamento – ou a conversa internalizada de gestos que constituem o pensamento – pode ocorrer. E é apenas através da adoção, por indivíduos, da atitude ou atitudes do outro generalizado para com eles próprios que é possível a existência de um universo de discurso, entendido como sistema de significações sociais ou comuns que o pensamento, no seu contexto, pressupõe. (MEAD, 1967, p. 152-164)

Koestler em seu livro intitulado “O fantasma da máquina” (apud CAPRA, 1982, p. 40) criou a palavra “*holons*” para descrever um subsistema onde simultaneamente o todo e a parte interagem de modo que cada “*holon*” tem duas tendências contrárias: uma é a tendência integrativa que funciona como parte de um todo maior e a outra é a tendência auto-afirmativa representante da autonomia individual. Diz que para que um sistema seja saudável deve existir um equilíbrio entre a integração e auto-afirmação, equilíbrio este que não é estático, pois consiste numa integração dinâmica de tendências complementares tornando o sistema flexível e aberto a mudanças.

A idéia de “*holons*” possui certa semelhança com os conceitos das escolas budistas de *jiriki* e *tariki*.¹³ Esses conceitos orientam para a evolução do ser integral em busca da transcendência, não necessariamente na perspectiva espiritual ou gnóstica. *Jiriki* é considerado como o “*poder pessoal*” ligado à força de vontade, a iniciativa individual, a determinação e, em certa parte, a auto-afirmação. Já

13. *Jiriki* e *tariki* são termos do budismo japonês que classificam como uma pessoa torna-se espiritualmente elevada. *Jiriki* e entendido por “esforço próprio”, enquanto *Tariki* significa “pelo poder do outro”, o que no cristianismo seria chamado de fé. “*Ji*” significa “eu”, e “*riki*” significa “poder”. “*ta*” significa “lado de fora, os méritos do outro”. Daisetsu Suzuki (apud VALLES, 2002, p.79) não duvida em assinalar que as fontes da espiritualidade japonesa próprias do Zen budismo representam o movimento da escola *jiriki* enquanto *tariki* é representado pela escola Jodo Shinshu.

tariki é o termo que retrata o “*outro poder*”, aquele que é externo à nossa vontade, uma força exterior aos desejos próprios, à força da circunstância, o poder da crença, a ação do outro. Evidentemente estes dois conceitos estão intimamente ligados pelo princípio da não-dualidade, portanto *jiriki/tariki* é considerada uma unidade de constituição do ser humano na compreensão budista.

Veremos adiante como parte dos conceitos filosóficos/educativos do Judô foram influenciados por estas escolas de pensamento.

Partimos então para o conceito de interdependência, uma importante característica do pensamento oriental, que foi tratado na dissertação de mestrado em Educação de Ivone Maia de Mello (2004), apresentada junto ao programa da Universidade Federal de Pernambuco com o título: “A ideia de não-dualidade no pensamento do mestre zen Eihei Dogen implicações para a teoria da educação”. Segundo a autora, a ideia da não-dualidade, própria do budismo, é um “aspecto específico da educação budista é o ensinamento sobre a não existência de uma identidade individual separada de todas as coisas”. Um pensamento que:

Não mais atrelado apenas ao seu ponto de vista individual, mas percebendo-se numa relação de interligação e interdependência com tudo que existe, a consideração de seu próprio bem-estar compreende o cuidado com todas as formas de existência como fundamental para sua própria sobrevivência. As relações deixam de ser centradas no domínio e exploração para estabelecerem-se no patamar da convivência harmoniosa e da partilha. Não porque se queira ser bondoso, mas porque se entende como única possibilidade a ser realizada, para que não se estabeleçam as causas do próprio sofrimento. Dentro dessa perspectiva, egoísmo e altruísmo perdem o sentido, uma vez que não há um eu e um outro que possam ser considerados de forma independente. (MELLO, 2004, p. 26)

Com relação ao discurso e o debate como método, os orientais são contrários ao discurso como método de construção da verdade dos fenômenos. Pessoas eloquentes são vistas como pouco confiáveis. Assim alguns ditados chineses dizem:

“Quanto mais vazia a carroça, maior é o barulho que ela faz...”

“Toda infelicidade vem da boca”

“Aqueles que sabem não falam e os que falam não sabem”

“Se você entende algo, esqueça as palavras”

Falar pouco – como em alusão ao prêmio Nobel de Literatura de 2012, Mo Yan, cujo pseudônimo significa, não fale - é o natural diz Lao Tse no Tao Te Ching - capítulo 23. Uma pessoa que fala mais do que o necessário para ser compreendido, segundo o Taoísmo, corre o risco de se perder do fundamento das palavras uma vez que o excesso de frases ou frases muito extensas leva à perda do sentido das palavras. Assim deve-se falar o essencial sem excessos, floreios e alegorias. Todo excesso tira o foco do essencial para o superficial. Este é o fundamento de diversos ditados populares orientais em relação ao discurso.

No Zen Budismo, de acordo com Suzuki (1978, p. 129), a língua é um veículo que desvirtua a experiência, pois, as experiências mais sublimes e fundamentais se comunicam melhor sem as palavras. O mestre Zen é um perito no uso da comunicação não verbal, ou seja, a ação.

Segundo esta ideia, quem fala muito pensa pouco, tem pouca reflexão. Os orientais crêm que a verdade não surge do processo de discussão e debate e sim da meditação, pois crêm que uma mente aberta e limpa pode melhora refletir a realidade. Este estado perceptivo promove um estado de vir a ser como o objeto.

O pensamento oriental e ocidental explica os objetos e a realidade de formas distintas. Na perspectiva ocidental busca-se entender as coisas analisando os objetos; já na oriental busca-se tornar-se um só com eles. Pelo pensamento ocidental queremos ver os objetos; pelo pensamento oriental queremos ser os objetos.

Essas distinções de pensamento podem ser classificadas como pensamento racional e intuitivo. O modo racional está mais ligado ao Ocidente; o intuitivo, ao Oriente (HOCKING, 1978, pag.4). São maneiras complementares de funcionamento da mente humana em busca da compreensão da realidade. O conhecimento racional é linear, centrado e analítico. Sua função primordial é discriminar, medir e classificar por isso tende a ser fragmentado e egocêntrico. O conhecimento intuitivo, por sua vez, sustenta-se pela experiência direta, não intelectual, através de uma percepção mais apurada, tende a ser sintetizador, holístico, não-linear e ecológico.

2.6 O *Tao*, o *Yin* e o *Yang*

*“O caminho que pode ser expresso não é o Caminho Constante;
O nome que pode ser enunciado não é o Nome Constante”.*
Tao te Ching – Lao Tse

A palavra *Tao* ou *Dao*, segundo Mendoza (2007), a partir do enfoque de dois autores contemporâneos, Zhang Dainian e Zhang Liwen, apresenta oito caminhos de um conceito amplo, profundo e misterioso, são eles: o *Tao* como caminho – “um caminho trilhado pelos pés humanos e que tem uma meta ou realização definida”, o *Tao* como a raiz e a origem de todas as coisas –, o *Tao* como um, o *Tao* como não existência, o *Tao* como *Li*, o *Tao* como *Xin*, o *Tao* como *Chi*. Cherng, na sua interpretação do *Tao te Ching*, o livro do caminho e da virtude (LAO TSE, 2011, p.27) atribui assim o sentido de “caminho”.

Como caminho constante o *Dao* significa o absoluto que está além de toda e qualquer referência porque nesta dimensão não existe manifestações; “como caminho a ser trilhado” significa, também, cada uma das referências do mundo manifestado, concretas ou abstratas, da menor à maior, da mais simples à mais complexa, reais ou imaginárias... e se revela em todas as existências através das formas físicas, imagens, símbolos, pensamentos, sentimentos, sons, palavras ou gestos.

Apesar da impossibilidade lingüística de definir o *Tao*, uma vez que dar um nome é limitar seu significado, se pudermos enunciá-lo deixará de ser absoluto, portanto deixará de ser o *Tao*, buscamos apresentar possibilidades de tornar real o conceito. Seguir o *Tao* é atuar simultaneamente em três elementos: o próprio caminho, o caminhante que busca a realização do *Tao* através de sua caminhada e o ato de caminhar. O Caminho é como uma estrada que liga todas as existências diretamente a sua condição primordial. Buscar o *Tao* e trilhar com constância, humildade e paciência através da prática diária dos seus preceitos (CHERNG em LAO TSE, 2011, p. 28).

De acordo com Lima (2000, p. 74) o *Tao* é a realidade última, subjacente e indefinível, que unifica tudo de material e imaterial que existe no universo ao mesmo que é o caminho que leva a esta realidade universal.

A representação do conceito de *Tao* e feita através de um círculo com o centro vazio que significa o caminho e o caminhar, um caminho que flui sem bloqueios, cuja meta não está tão perto que não se possa alcançar e nem tão longe que não se possa vislumbrar. É o fluxo contínuo que segue o fluxo do universo.

A principal característica do *Tao* é a natureza cíclica de seu movimento incessante produzido mediante os opostos complementares *Yin* e *Yang*.

Todas as manifestações do *Tao* são geradas a partir da interação dinâmica dos polos *Yin* e *Yang*. Os polos *Yin* e *Yang* não são opostos

pertencentes a categorias distintas e sim polos extremos de um todo único. O *Yin*, de acordo com Porkert (apud CAPRA, 1982, p. 33 - 35) corresponde a tudo que é contrátil, receptivo e conservador, e *Yang* diz respeito a tudo que é expansivo, agressivo e exigente. O *Yin* pode ser associado à atividade consolidadora, cooperativa e ecológica – retrata o pensamento intuitivo e sistêmico; o *Yang* e relacionado à atividade expansiva e competitiva – retrata o pensamento racional e reducionista, o *Yin* é eco-ação e o *Yang* é ego-ação.

A polaridade dinâmica de *Yin-Yang* é interdependente: quando *Yin* atinge seu auge cede em favor do *Yang* que, ao atingir seu auge, cede em favor do *Yin*. Estes elementos são representados por um símbolo chamado *Tai chi* – “viga mestra” (LIMA, 2000, p. 76).

Esse conceito traz um importante componente educativo para pensar a realidade contemporânea como nos alerta Bueno (2013, p.77). Diz o autor que a atual luta pelas igualdades e respeito às diferenças precisa ser repensada. Aponta que devemos refletir sobre o conceito de harmonia entre as oposições tal como o princípio de (理) de humanidade, ou seja, romper com a ideia de igualdade e diferença e pensar em complementaridade, ou, em suas palavras, “oposição complementar”. **Os opostos não precisam lutar para se afirmarem como condição de existência.**

2.7 Corpo-mente no Oriente e no Ocidente

A grande ênfase dada ao pensamento ocidental de valorização da mente sobre o corpo recebe historicamente suporte em Platão, Santo Agostinho, Aristóteles e, de forma marcante em função do enunciado de Descartes, “*Cogito, ergo sum*” – “Penso, logo existo” (GONÇALVES, 1997, p. 40-52). Este postulado estimulou os ocidentais a estruturarem sua identidade na divisão entre a mente (*res cogitans*) e o corpo (*res extensa*), dando maior valor a dimensão

racional, produto da mente, em detrimento da experiência do corpo caracterizando, desta forma o dualismo cartesiano.

O cartesianismo de fato marcou profundamente o pensamento ocidental nesse tema. Seu dualismo metodológico afirma que somente a mente é capaz de conceber a realidade; o corpo fica reduzido a uma simples máquina movida pela mente. A representação mecanicista do corpo ensinou a nos reconhecermos como egos isolados que habitam corpos, levando a atribuir ao “trabalho mental” um valor superior ao do trabalho corporal. Assim o corpo do homem passou a ser um objeto (corpo-objeto) a ser explorado, moldado, fragmentado, deformado e mecanizado em diversos campos do conhecimento.

A distinção entre corpo-razão, corpo-alma, corpo-espírito que por séculos marcou a forma de compreensão dos fenômenos humanos, estabelece evidentemente, uma característica própria do pensamento ocidental, a dicotomia, o *logos* em supremacia sobre a *physis*, a supervalorização do pensar sobre o sentir e agir.

Não que a dicotomia não esteja presente no pensamento oriental, uma vez que, por exemplo, os conceitos *Yin* e *Yang* do pensamento Chinês são dicotômicos até certo ponto, se entendermos o termo como distinção, separação, oposição em algum sentido. O que realmente marca não é a distinção ou a oposição mais sim a supremacia de uma parte sobre a outra e sua independência, o que, no caso do pensamento ocidental, reflete a submissão do corpo a serviço da alma. Isto não ocorre no sistema de pensamento oriental Chinês que, apesar de caracterizarem dois elementos distintos, o *Ying* e o *Yang*, não se estabelece uma supremacia de um sobre o outro e sim uma interdependência, uma polaridade,¹⁴ onde a essência está na busca

14. “Nesse princípio de polaridade não há ideia de conflito, pois não há luta de opostos, Não há a luta do bem contra o mal, tampouco da luz contra a escuridão. A diferença entre dualismo e polaridade é que o dualismo tem um enfoque de opostos irreconciliáveis. Na polaridade existe coexistência, porque um é decorrente do outro.” (SUGAI, 2000, p.100)

do equilíbrio dinâmico. Equilíbrio que não significa fixo, inalterável e sim flexível na busca da manutenção de certa estrutura ampla mesmo na presença de contínuas instabilidades, ou seja, uma **visão sistêmica da realidade**.

Assim, a verdadeira diferenciação do modo de pensar oriental e ocidental, no que diz respeito a corpo-alma, está na valorização de uma totalidade dinâmica e interdependente em detrimento à subdivisão de partes hierarquizadas,¹⁵ umas mais importantes que outras.

Para o pensamento oriental corpo-mente representa uma mesma entidade estando assim indissociável.

Neste ponto, tipicamente falando, os Orientes levam uma vantagem sobre nós: enquanto o Ocidente aposta na formação intelectual; os Orientes, independentemente de teorias que as legitimem, tendem a práticas que consideram o homem como um todo: em sua unidade espírito-corpo, ao menos em muitas de suas propostas pedagógicas, que partem precisamente de uma ação corporal, exterior, para atingir um efeito espiritual, interior.

O Ocidente, sobretudo na época moderna, tende a um fragmentarismo, a uma cisão espírito/corpo, que remete a um desmedido afã de clareza no pensamento. E a grande ruptura que o moderno pensamento

15. “Para evitar confusão, podemos reservar o termo hierarquia para os sistemas de dominação e controle bastante rígidos em que as ordens são transmitidas de cima pra baixo. O símbolo tradicional para estas estruturas é a pirâmide. Em contraste, a maioria dos sistemas vivos exhibe modelos de organização em múltiplos níveis, caracterizados por muitos e intrincados percursos não-lineares, ao longo dos quais se propagam sinais de informação e transação entre todos os níveis, tanto ascendentes com descendentes. Foi por isso que inverti a pirâmide e a transformei numa árvore, símbolo mais apropriado para a natureza ecológica da estratificação nos sistemas vivos. Assim com uma árvore real extrai seu alimento tanto das raízes como das folhas, também a energia de uma árvore sistêmica flui em ambas as direções, sem que uma extremidade domine a outra, sendo que todos os níveis interagem em harmonia, interdependentes, para sustentar o funcionamento do todo.” (CAPRA, 1982, p. 275-276)

occidental instituiu deu-se precisamente em torno à concepção de corpo. Se sempre no Occidente pairou a tentação de um exagerado dualismo, separando de modo mais ou menos incomunicável e absoluto, por um lado, o intelecto (a mente, a – alma, o espírito...) e, por outro o corpo e a matéria; a partir de Descartes (*res cogitans* x *res extensa*) tal dicotomia torna-se dominante.

Dualismo e clareza: na verdade, a última instância do pensamento moderno por detrás da cisão espírito / matéria, está na pretensão racionalista moderna, que torna o *ens certum* um absoluto. (LAUAND, 2010)

Diferente do occidental o oriental não necessita racionalizar suas experiências corporais para que tenha clareza e distinção. O pensar com o corpo todo é parte da natureza humana. Assim como podemos ver a seguir:

O Oriente, tradicionalmente, ao contrário do Occidente, não tem a necessidade de teorizar aquilo que pratica, sabe por experiência que as coisas funcionam assim ou assado e isto basta. Já o viés occidental – sempre tipicamente falando – só aceita, digamos, uma terapia se dispuser do modelo teórico adequado que a “fundamente”: quantos médicos occidentais recusam, por exemplo, a acupuntura, por acharem que noções como a de *Qi*, energia, são vagas e insuficientes. Mesmo confrontados com a comprovada eficácia do tratamento, não o prescreverão. O oriental, que não prioriza o “sistema de pensamento”, acolhe a prática que se mostra eficaz. Assim, a tradição oriental pensa o homem como um todo: corpo-espírito, e integrado num todo maior: homem-natureza. (HIROSE, 2010, p.78)

Hirose (2010) descreve a característica do pensamento japonês a partir de uma perspectiva integradora, tema fundamental deste trabalho, a partir de seus estudos de Ichikawa sobre o corpo-mente a partir do *Mi*. Recorro a sua citação:

Nossa principal preocupação ao lidar com o conceito de corpo em Ichikawa foi a e saber a forma como vivemos o nosso corpo em nossa vida cotidiana. Contrapondo-se ao dualismo cartesiano, o trabalho de Ichikawa constitui-se até mesmo em um corretivo a esse dualismo. A partir de uma perspectiva do corpo como fenômeno, analisa “estrutura de condição corporal” centrada no cotidiano: um cotidiano relacional.

Na análise dessa estrutura, Ichikawa vê o corpo enfocando a relação de dependência entre o corpo-sujeito e o objeto do corpo. E mostra que o corpo-sujeito é funcionalmente regulado e controlado pelo objeto-corpo. Tocamos aqui um dos pontos fundamentais da visão de mundo nipônica. Como dissemos a propósito do *Mi*, um de seus sentidos é o de recipiente (área para conteúdo), no qual recebe características figurativas que representam algo que tem uma quantidade limite para conter ou suportar uma substância, como: “sobrar” no *Mi*, “ir além” do *Mi* etc.

Entende-se assim que o *Mi*, como propõe Ichikawa, está relacionado com a tese principal de que o corpo é o espírito. E esse espírito, se entendido como um recipiente (e, portanto, de certo modo um “quê”), atua também como um sujeito relacional (com o protagonismo de um “quem”). A sugestiva palavra japonesa para “pessoa humana”, *ningen* (ýý), indica etimologicamente “homem-relação”. (HIROSE, 2010, p. 140-141)

No pensamento oriental o conhecimento se dá na totalidade de seu corpo que significa um pensar/sentir/agir integrados. Este modo de pensar apresenta fundamento nas práticas corporais provenientes da identidade cultural japonesa ligada às artes marciais. As artes marciais japonesas integram uma experiência vivencial onde o corpo ocupa lugar primordial. É no modelo triangular denominado *Shin-gi-tai* e *Shu-há-ri* que podemos encontrar o tradicional modo de pensar no homem que luta.

Nesses princípios, o corpo, entendido como dimensão constitutiva do sujeito, pensa o gesto (movimento) técnico uma forma de

integração corpo/mente, ou seja, mover-se é promover a totalidade. Assim toda ação gira em torno da harmonia mente/corpo. A prática corporal é o instrumento que pode conduzir à revelação e a descoberta de um estado espiritual denominado *Dô* (*Tão*, *Dão*). Este conceito tem influência do Zen onde a formação do indivíduo não é fruto só do estudo mais também da experiência que possibilita uma forma de pensar mais intuitiva e corporal (ESPARTERO, 2011, p. 41-42).

Sobre a experiência Zen citamos:

A experiência Zen, pode-se dizer, é uma espécie de intuição que é a base do misticismo. Temos, porém, de ser cuidadosos com o uso do termo “intuição”. Se fazemos tal palavra pressupor a existência de uma antítese qualquer, o Zen não é intuição desse tipo, que possamos denominar de estático ou contemplativo. Se a experiência Zen é um ato de intuição, deve ser distinguida da forma estática, e chamemo-la dinâmica ou acional. (SUZUKI, 1978 , p. 147)

Segundo Espartero (2011, p. 42) a influência Zen determina que o espírito não é o elemento principal do processo de aquisição do conhecimento acima do corpo, ou seja, é a prática corporal intensa que precede a interiorização intelectual. O corpo precede o espírito assim, a prática não é só a execução mecânica da técnica é também treinamento do espírito. O que importa é a experiência direta da realidade que transcenda não só o pensamento intelectual mais também a percepção sensorial.

Este mesmo princípio pode ser encontrado no teatro *Nô*¹⁶ que é um grande exemplo da arte de mover-se, pois se apóia, assim como nas artes marciais, na ação corporal com grande precisão.

16. *Nô* – a mais elevada e antiga arte cênica nipônica, que data da segunda metade do século XIV, pelos esforços de dois atores-compositores, Kan-Ami, o pai e Zeami, seu filho. *A arte de se obter o máximo do significado com o mínimo de expressão.*

Nesse sentido o objetivo da prática corporal das artes marciais é transmitir a essência e um pensamento através do aprendizado da técnica. Este é o conceito definido na expressão *Shin-Gi-Tai*, (espírito, técnica e corpo).

Shin, termo dotado de influência do budismo é um conceito formado pela integração de três elementos: consciência (*shin*), ação de pensamento (*i*) e cognição (*shiki*); *Gi* representa a técnica ou conjunto de conhecimentos técnicos e *Tai* é a atitude corporal (ESPARTERO, 2011, p. 45). Assim, de acordo com esta concepção, o corpo é o meio pelo qual se expressa o espírito através da técnica. Este pensamento japonês aponta que todo processo de unidade corpo/mente passa pelo desenvolvimento da técnica. Fazer não é só fazer, mover-se não é só mover-se, treinar não é só treinar: é integrar corpo/espírito.

Porém, como afirma Tokitsu (apud ESPARTERO, 2011, p. 45) este termo não designa uma arte marcial em particular e sim a forma e a qualidade do modo como vamos praticá-la. Para se chegar ao alcance dessa noção é necessário que a prática da técnica corporal seja dirigida a auto-formação do homem na sua plenitude, uma busca do sentido da vida pela técnica. Isso quer dizer que é preciso que o sujeito tenha sua intencionalidade dirigida no sentido do termo *Shin-gi-tai*, independente do propósito de sua prática (esportiva, recreativa, educativa, socializadora), onde não pode estar dissociada a melhora da técnica da melhora da pessoa. O conceito *Do* (caminho) é, neste sentido, a busca do aperfeiçoamento pessoal, o caminho da auto-superação, do querer *ser mais*.

Outro conceito associado é chamado *Shu-ha-ri*. No método tradicional de ensino o *sensei* (professor) demonstra uma forma e o aluno é estimulado a buscar o sentido em sua execução, porém não de maneira racional e sim corporal onde sua razão de ser está na repetição e o *sensei* vai corrigindo-as e na interação repetição/

correção se opera o aprendizado. Este processo, influenciado pelo Zen, caracteriza uma metodologia intuitiva mais do que uma metodologia racional e é típica das artes marciais japonesas, é um “pensar com o corpo”. A razão, na medida em que podemos pensar em uma, é vivida através de uma descoberta pessoal. Este método é um estímulo ao redescobrimiento que não é, como se pensa erroneamente, um fazer mecânico centralizado na figura do mestre. O importante neste processo não é aprender depressa e sim promover a prática repetitiva da conduta corporal até chegar ao estado integrado *Shin-gi-tai*. Portanto, esta metodologia não é baseada num conceito linear e sim num conceito concêntrico, ou seja, voltar ao centro, “retornar ao começo” um pensamento circular característico do Oriente.

O termo *Shu* significa “respeitar” e se refere a primeira etapa do aprendizado onde a imitação do modelo técnico se baseia numa execução meramente física. É proveniente de um estado elementar chamado *ushin* que significa “espírito travado”. Para seguir no aprendizado alcança o estado *Ha* que significa “destruição” ou “desconstrução” que marca o processo de interiorização da prática onde o modelo técnico é desconstruído para conhecê-lo melhor. É nesta etapa que se busca conhecer o significado de cada técnica marcada por indecisões e conflitos. Busca-se nesta etapa – e a partir dela – encontrar a execução lógica, eficaz e estética da técnica. O *Ri*, a última etapa significa “separado” onde, liberado de toda ação mecânica e cognitiva alcança o estado supremo, ou seja, transcendência. Ha, no entanto, a adaptação da forma alcançada em transcendência em diferentes circunstâncias que podem ser as mais diversas possíveis o que coloca o homem novamente de volta a primeira etapa.

Para ambos os conceitos, o corpo é parte fundamental no processo de desenvolvimento do conhecimento e é determinante a experiência vivenciada.

2.8 As influências filosóficas no Japão

Com a intenção de encontrar indícios da presença de elementos conceituais na filosofia do extremo Oriente que porventura tenham influenciado Jigoro Kano (criador do judô) na elaboração de seus princípios filosóficos e educativos, vamos dar ênfase, neste momento, às características das principais correntes filosóficas presentes no Japão na segunda metade do séc. XIX.

A palavra *filosofia* não pertencia originalmente ao vocabulário japonês. O termo japonês *tetsugaku*, uma tradução literal da palavra *filosofia*, foi introduzida por Nishi Amane e passou a pertencer ao dicionário japonês em fins do século XIX (VALLES, 2002, p. 20). Porém, antes mesmo da criação de um termo para tratar do assunto, o Japão já possuía modos de pensar o mundo, a existência humana e a sociedade, baseados em diversos sistemas de crenças.

Inicialmente esses sistemas de pensamento constituíam-se como expressões da relação do homem com a natureza, os fenômenos naturais e seus espíritos ocultos representativos, ou seja, os *Kamis*. Estes modos de entendimento da realidade, que se manifestam através dos monumentos, dos ritos e dos costumes, estão bem descritos em duas obras, o *Kojiki* (Crônica de sucessos antigos) reunidos por O-no-Yasumaro (?-723) e o *Nihon-shoki* (Crônicas do Japão) elaborados por diversos compiladores e que foi finalizado no ano 720.

Uma das características peculiares da filosofia japonesa é a busca e acolhida de novidades ao seu patrimônio cultural. Este processo de incorporação de elementos estrangeiros marca toda a trajetória histórica do Japão chegando aos tempos atuais. Sobre critérios próprios de seletividade o Japão soube aproveitar os elementos importados julgados úteis, ajustando-os segundo sua própria identidade.

Desta forma, a filosofia do extremo Oriente e, em especial a japonesa, está marcada pela influência do Budismo, do Taoísmo, do Confucionismo sob suas diversas formas, do Xintó e do Bushido (MOORE, 1978, p. 278 e VALLES, 2002, p.30). Entre elas o Xintó e o Bushido indicam claramente uma natureza prática, pois ambas levam consigo a última sílaba *Tao*, Xintó – Caminho dos deuses e Bushido – Caminho do Guerreiro.

Estas influências filosóficas estão orientadas segundo Chan Wing-Tsit (1978, p.165) a dedicar-se à busca da solução final para os problemas humanos e não é destinada a uma minoria intelectual, mas para todos, pois é para ser vivida.

Para o Budismo é alcançar o nirvana; para o Taoísmo, a vida longa e visão duradoura; no Confucionismo, a perfeição individual e uma ordem social harmônica; e o bem-estar geral, para o Moísmo. Isso indica que os filósofos orientais preocupavam-se fundamentalmente com o homem e os problemas da vida real, ou seja, a questão da natureza humana.

O Confucionismo afirma que a realização da vida vem com o pleno desenvolvimento do homem, portanto trata de um movimento humanista, o homem, e somente o homem, ocupava a atenção primeira de Confúcio. O “*Jên*” (*Ren*), a ideia central do Confucionismo, é um conceito voltado para a realização do eu, o dominar-se, e promove a criação da ordem moral e social, a verdadeira natureza humana. Na citação a seguir, o conceito “*Jên*”(*Ren*) pode ser melhor ilustrado.

Os antigos que desejavam tornar manifesto o caráter claro dos povos do mundo empenhavam-se primeiramente em ordenar sua vida nacional. Os que desejavam ordenar sua vida nacional empenhavam-se primeiro em regular sua vida familiar, Os que desejavam regular sua vida familiar empenhavam-se primeiro em cultivar sua vida

pessoal, Os que desejavam cultivar sua vida pessoal empenhavam-se primeiro em por seu coração no caminho certo. Os que desejavam por seu coração no caminho certo empenhavam-se primeiro em tornar sinceras suas vontades. Os que desejavam tornar sinceras suas vontades empenhavam-se primeiro em ampliar seus conhecimentos. A ampliação do conhecimento depende da investigação das coisas. Quando as coisas são investigadas, o conhecimento então se amplia, a vontade então torna-se sincera, o coração então se põe no caminho certo; quando o coração está no caminho certo, a vida pessoal é então cultivada; quando a vida pessoal é cultivada, a vida familiar então é regulada; quando a vida familiar é regulada, então a vida nacional é ordenada; e quando a vida nacional está ordenada, então há paz no mundo. (WING-TSIT, C, 1978, p. 41.42)

O homem respeitoso, ao lidar consigo mesmo, busca ser leal nas relações com as pessoas; possuidor de um caráter forte, resoluto e modesto é o que o torna próximo da verdadeira natureza humana. Para Confúcio (551-479 a.C), (apud WING-TSIT 1978) “o verdadeiro homem, que deseje determinar a natureza de seu próprio caráter também procura determinar o caráter dos outros. Desejando ter êxito, também procura ajudar os outros a ter êxito”.

Wing-Tsit (1978) conclui que o sistema confuciano está baseado na moralidade. O Confucionismo, no período da restauração Meiji (1868-1912), torna-se um dos pilares centrais das reformas educacionais no Japão como veremos adiante, e devido a esta influência pode-se inferir certa semelhança entre o conceito “*Jên*” (*Ren*), elaborado por Confúcio, e o conceito “*Jita Kyoiei*” (Prosperidade e benefício mútuo) elaborado por Jigoro Kano (idealizador do judô). Isso porque ambos os conceitos traduzem ao homem uma condição moral para a conduta social.

A filosofia oriental considera a natureza humana originalmente boa que, por sua ignorância, degenerou-se da sua natureza, de

maneira que necessita de disciplina rígida para recuperar a bondade original. Essa é uma das razões pelas quais a disciplina oriental está fortemente acentuada, pois está voltada para a recuperação da virtude original do homem. O mal é, para as escolas filosóficas orientais, um infortúnio causado pelo próprio homem. Não há para os orientais a ideia de pecado original, pois, ao homem é dada a sua responsabilidade perante sua queda ou salvação.

2.9 *Bujutsu, budô, jujutsu, judô*

O termo *jutsu* (術) palavra japonesa que significa “arte” ou “técnica” designa formas de realizar determinadas ações com certa habilidade. A palavra *bu* (武) quer dizer “militar” ou “marcial”. Assim o termo *bujutsu* (武術) representa os métodos de combate desenvolvidos e praticados por guerreiros que envolvem aspectos técnicos, práticos e estratégicos para um combate real (VILLAMON; ESPARTERO, 2011, p.68). A prática do *bujutsu* estava presente no Japão medieval, pois, antes do período Tokugawa (1603-1868), o país estava em freqüentes batalhas, desta forma, a prática do *bujutsu* era imprescindível para a sobrevivência. O conhecimento destas práticas era restrito a uma classe de guerreiros chamados de *bushis*. As técnicas de combate correspondiam à necessidade de serem aplicadas em combates reais em muitos casos até a morte e não tinham valor moral ou espiritual.

A busca de um estado mental favorável ao combate real é uma das características do treinamento marcial da época e tinha como finalidade a máxima eficiência no combate real. A luta, portanto, não possuía caráter simbólico, o homem lutava pela sobrevivência.

Já o termo *budo* (武道) tem o *do* (*Tao*) que significa “caminho” que traz o sentido de “formas marciais” com natureza mais educativa e ética onde a meta é o desenvolvimento espiritual para a formação

de uma personalidade equilibrada. O período Tokugawa (1603 – 1868), por ter promovido mais de 250 anos de paz no Japão, conduziu a prática do *bujutsu*, que antes era destinada ao combate real, na prática do *budo* uma forma simbólica e ritual em busca da autoperfeição e da evolução espiritual. Neste período surge o *bushido* (武士道), ou seja, o caminho do guerreiro que comporta um código moral onde são exaltadas a honra, a lealdade, indiferença a dor, sentido de dever, desapego material, controle das emoções e o desenvolvimento de valores como coragem, disciplina, paciência, cortesia, entre outros (VILLAMON; ESPARTERO, 2011, p.94).

Para Carr (1993, p. 178) virtudes como “respeito, bondade fidelidade, serenidade, calma, prudência, temperança, perseverança, espírito de discernimento rápido após decisão, deliberação, auto-respeito, autocontrole, grandeza de espírito, obediência, atenção e concentração entre outros, foram valorizados por Kano dentro da formação moral que desejava desenvolver em seu método educativo chamado judo.

O *do* é marcado pela busca de autoperfeição que utiliza o treinamento das técnicas de luta como caminho. O *budo* efetiva uma transformação significativa na intencionalidade¹⁷ do homem que luta na história do Japão. É o surgimento da natureza representativa da luta, ou seja, um caráter simbólico. O *do* pode ser entendido como o momento de ruptura da luta real passando para um universo de representação simbólica da luta. É interessante notar que, no transcorrer da história o *do* agrega distintas significações ao surgir o judô e, mesmo nele o *do* se transforma de acordo com as circunstâncias históricas.

O *jujutsu* (柔術) tem o termo *ju* (柔) que significa “flexibilidade” ou também “suave”. Este termo é proveniente do princípio

17. Consciência em ato dirigida para um determinado objeto - objetivo.

do *Tao* onde a flexibilidade pode superar a rigidez. As técnicas de *jujutsu* eram principalmente as imobilizações, as projeções, os estrangulamentos, as chaves de articulação e golpes. A princípio recebia diferentes nomenclaturas como *Taijutsu*, *Yawara*, *Hoshu*, *Hojo*, *Toride Kogusoku*, *Hakuda*, *Shukaku*, *Jittejutsu*, *Kempo*, *Kumiuchi*, *Koshi no Mawari* (VILLAMON; ESPARTERO, 2011, p.85).

O próprio Jigoro Kano (idealizador do judô) dá sua interpretação para o *jujutsu* como podemos ver a seguir:

Muitas artes marciais eram praticadas no Japão durante a era feudal, artes que faziam uso da lança, de arco e flecha, de espadas e de muitas outras armas. O *jujutsu* era uma dessas artes. Também chamada de *taijutsu* e de *yawara*, era um sistema de ataque em que se podia arremessar o oponente, bater nele, chutá-lo, apunhalá-lo, chicoteá-lo, estrangulá-lo, torcer-lhe ou entortar-lhe os membros e imobilizá-lo; e esse sistema também ensinava as defesas para tais ataques. (KANO, 2008, p.19)

O nome *jujutsu* passa a designar, no século XVIII, o conjunto de técnicas que consistem em adaptar-se de forma flexível aos ataques do adversário, praticadas em diferentes escolas (*ryu*). Dentre elas está a *ryu Tenjin Shinyo* – cuja especialidade envolvia técnicas de golpes (*atemi*) imobilização (*ossae*) e estrangulamentos (*shime*) –, fundada no começo do século XIX por Mataemon Iso. A *ryu Takenouchi*, cuja suposta origem é de 1532, por Hisamori Takenouchi onde a especialidade eram as técnicas de imobilização. Entre tantas escolas de *jujutsu* que influenciaram Jigoro Kano no desenvolvimento do judô, além das já citadas, temos a *ryu Sosuishitu*, uma vertente da *ryu Takenouchi*, fundada em 1650. A *ryu Sekiguchi* que deu ao termo *ju* uma relação entre a flexibilidade e a dureza e a *Kito ryu* que seguia o princípio chinês do *ying* e *yang*, fundada por

K.Takeda, onde a especialidade eram as projeções e o katas. Também podemos citar a *ryu Jukishin* e a *ryu Kushin*. As técnicas do *jujutsu* antes do período Tokugawa eram tratadas como secundárias pelos guerreiros, utilizadas apenas em caso de estar sem sua arma principal, a espada. Eram praticadas para serem utilizadas na iminência de um combate onde ambos os guerreiros estivessem sem a espada ou então portando armas curtas. A prática do *jujutsu* também sofre influência na passagem do *bujutsu* ao *budo* e as *ryu*, já não mais voltadas à aplicação das técnicas em combates reais, passam a especializar-se aumentando assim o número de estilos. Como durante o período Tokugawa os camponeses não podiam utilizar armas seu interesse pela prática do *jujutsu* cresce e, inclusive, criam novas escolas. Como os camponeses não estavam submetidos ao rigoroso código moral dos Samurais, este é um dos motivos que leva a uma degeneração gradual e distanciamento da prática da luta aos elementos morais e, dessa forma, afasta-se do *budo* clássico.

Com a queda do regime Tokugawa em 1868 as artes marciais japonesas em geral, e em especial o *jujutsu*, que já vinha se distanciando da moralidade, perdem a credibilidade, pois a classe militar chega ao fim e são então marginalizadas.

Jigoro Kano estuda *jujutsu* num período de decadência desta prática no Japão. O Judô surge a partir de suas experiências na prática do *jujutsu* (como veremos no próximo capítulo) e carrega parte da cultura oriental dos séculos de história marcial. Em função destas novas circunstâncias históricas o *do* assume uma nova essência, torna-se método educativo, uma nova representação simbólica para a intencionalidade do homem que luta.

Podemos afirmar, neste sentido, uma transformação da intencionalidade do homem que luta sem armas, desde o *bujutsu*, passando pelo *budo* e, no final do século XIX, convertido em judô. Vale ressaltar que, em função das circunstâncias históricas presentes em

cada época onde o ato de lutar estava presente, desde o Japão medieval até fins do século XIX, a intencionalidade do homem na luta também se altera. Como afirma Martins e Kanashiro (2010, p. 643): “Os treinos que antes visavam às lutas, formas de resistências aos processos de dominação e guerras, passam a objetivar também, e, sobretudo o aperfeiçoamento moral e espiritual do praticante. A luta passa a ser consigo mesmo para chegar ao vazio”.

De combate real passa-se a ausência de combate e as técnicas são dirigidas para a evolução espiritual devido às influências do pensamento filosófico oriental vigente através do Taoísmo, do Confucionismo, do Xintoísmo, do Zen Budismo e do Bushido. Assim, o homem entra numa dimensão simbólica da luta, uma passagem definida pelo *do* (*Tao – Dao*), ou seja, o *do* é o marco transitório do homem que luta em combate real para a luta em contexto simbólico (figura 1). O surgimento do judô carrega em parte elementos do *budo* clássico, mas, remete o *do* a uma nova significação simbólica, pois o coloca dentro de um contexto educativo e, como veremos adiante, integra os elementos orientais com ocidentais em consequência da abertura do país na restauração Meiji, influenciando o sistema educacional do Japão e a própria formação educativa de Jigoro Kano.

... com a unificação, estabilização e pacificação do Japão a partir do século XVII (Xogunato Tokugawa) o *bujutsu* começa a sofrer uma transfiguração de arte de guerra passando a ganhar progressivamente uma conotação mais de ascese corporal e espiritual, formação educacional e posteriormente esportiva (...) A nova finalidade consistia em imprimir um caráter formador, educacional e esportivo em detrimento da busca pela eficiência letal para o combate bélico. Através do treino das técnicas se cultivaria o corpo, mente e espírito para o auto-desenvolvimento. Nesta nova configuração sua prática foi aberta para toda a população não sendo mais exclusividade dos samurais. Por essas

razões, muitas técnicas foram adaptadas e algumas eliminadas. Pois, não deveriam ser mais, técnicas que visavam a eliminação do inimigo, mas caminhos educacionais e esportivos para o aperfeiçoamento humano que estava ao alcance do cidadão comum. (MARTINS e KANASHIRO, 2010, p. 643)

Em linhas gerais podemos afirmar que o *do*, quando em referência das lutas de origem japonesa, é o surgimento da esfera simbólica, de origem oriental que, ao romper com a realidade do combate, mergulha numa dimensão invisível da motricidade. Interessante notar que, como mostraremos no decorrer do estudo, o *do* não é fixo historicamente uma vez que assume (re)significações diferentes de acordo com as circunstâncias histórico-sociais conduzindo o homem a formas diferentes de lutar apesar das técnicas pouco se alterarem. A essência da luta (*do*) está escondida na forma técnica (*jutsu*). Este pensamento, próprio do japonês, tem, entre outros, segundo Lowry (2011, p. 20-21) o termo *OMOTE* para exemplificar o que esta na forma e é visível e o *URA* que representa a essência e está obscuro, invisível.

A respeito da luta podemos concluir que o *bujutsu* é compreendido como finalidade, ou seja, a luta era sentido final. Já no *budo* e no judô a luta é um processo, um caminho, para se alcançar algo mais, seja evolução espiritual ou desenvolvimento físico, moral e intelectual, objetivos educativos declarados por Jigoro Kano em seu método. Desta forma ocorre uma profunda alteração nos sistemas simbólicos e nos processos de transmissão cultural (VILLAMON e BROUSSE, 2011, p. 121).

O processo teve início em julho de 1853 com a chegada de uma esquadra de quatro navios norte-americanos comandados pelo Comodoro Matthew Calbraith Perry na baía de Edo, frente a Uruga, no porto de Yokohama. Como nos conta Mutel (1972, p.30-32), Perry força as autoridades locais a aceitar uma carta do presidente dos Estados Unidos, Millard Fillmore (1850-1853), para o Shogun, em que solicita a abertura dos portos e anuncia que voltará no próximo ano para receber a resposta. No mês seguinte, em agosto de 1853, chega o Almirante russo Putiatine em Nagasaki com o mesmo pedido. O comandante Perry retorna em fevereiro de 1854, antes do previsto para adiantar-se aos russos, e, para impressionar os Japoneses veio com ¼ da marinha dos Estados Unidos. Até então o Japão vivia sob um regime feudal marcado pelo período *Tokugawa* (1603-1868) onde o poder político estava a cargo do Shogun; tal evento levaria ao fim do *Bafuku* (Xogunato) e a política de *sakoku* (isolamento). Com o intuito de ampliar as suas relações comerciais iniciam-se as negociações para a abertura dos portos japoneses. Numa divergência de interesses entre o conselho de veteranos favoráveis às negociações, o desejo do imperador de não abrir negociações e os *daimios* (senhores de terra) que queiram ir para a guerra, fica decidido em 31 de março de 1854, através do *tratado de Kanagawa*¹⁸ (tratado

18. “El Tratado de Kanagawa fue seguido por el Tratado de Amistad y Comercio (EEUU-Japón), Tratado de Harris de 1858, que permitió la concesión de establecimientos extranjeros, territorios extras para ellos y mínimos impuestos a las importaciones de sus bienes. Debido a este evento y basado en su reconocimiento de la situación internacional en Asia del Este después de la Guerra del Opio (1839-1842) y el expansionismo de los Estados Unidos hacia el oeste por medio de la guerra con México (1847-1848), el Shogunato de Tokugawa accedió a la apertura y estableció tratados de amistad y comercio en términos de desigualdad con los Estados Unidos seguido de otros países occidentales”. CARRANCO, A.A.L. **Japón: una revisión histórica de su origen para comprender sus retos actuales en el contexto internacional**. En-clav. pen vol.5 no.9 México ene./jun. 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1870-879X2011000100007&script=sci_arttext

da paz) a abertura de dois portos japoneses para os navios americanos para buscar suprimentos e estabelecimento de morada para um Cônsul americano.

Este período histórico foi marcado pela política de modernização do Japão onde foram introduzidos os pensamentos e técnicas ocidentais em busca do progresso e da industrialização que substituiria o sistema feudal, ou seja, uma política de reconstrução nacional (NIEHAUS, 2010, p. 29).¹⁹

Esta política estava baseada na carta de juramento (五箇条の御誓文), *Gokajô no Goseimon*, ou seja, o Juramento em Cinco Artigos que foi promulgada pelo Imperador Meiji do Japão em 6 de abril de 1868. (MUTEL, 1972, p. 55; HENSHALL, 2008, p. 108-109).

- 1- As assembleias deliberativas devem ser estabelecidas amplamente, e todos os assuntos governamentais serão determinados pelo debate público.
- 2- Todas as classes, altas e baixas, devem se unir para realizar vigorosamente o plano de governo.
- 3- É preciso que todos, desde os funcionários civis, militares e população cumpram com suas obrigações para evitar o descontentamento da opinião pública.

19. “A sociedade japonesa do período Meiji vivenciou de modo extremamente rápido o colapso da pirâmide feudal, o início de uma revolução industrial e capitalismo industrial e as ambições imperialistas do Japão no continente asiático. Após a abertura forçada do Japão pelos americanos, em 1853, houve uma intensa transferência de conhecimento e transferência de tecnologia do Ocidente para o Japão. O governo japonês enviou eruditos e bolsistas para vários países para que se apropriassem do conhecimento de educação, governo e assuntos militares de importância para a filosofia e a economia dos países ocidentais. Ao mesmo tempo, consultores estrangeiros foram trazidos para o país, para ajudar, com sua experiência especializada, na reestruturação de todo o sistema japonês. A história do período Meiji, portanto, é caracterizada por uma série de reformas destinadas a transformar o Japão a partir de um sistema feudal para um Estado moderno no modelo ocidental” (NIEHAUS, 2010, p. 29)

- 4- Maus costumes do passado devem ser extintos, e novos costumes devem ser baseado nas leis justas da natureza.
- 5- O conhecimento deve ser procurado em todo o mundo a fim de promover o bem-estar do império.

Dentre os cinco artigos o último é o que mais remete ao processo de integração com o Ocidente.

Torna-se evidente, a partir deste quinto artigo, que o novo governo não tencionava fazer frente à ameaça do estrangeiro, mas sim aprender como ele e **integrar** os seus pontos fortes. O anterior lema xenófobo “*Sonno Joi*” (“Reverenciemos o imperador, expulsemos os bárbaros”) seria em breve substituído por outros mais pragmáticos e construtivos como “*Wakon Yosai*” (“Espírito Japonês, Ensino Ocidental”). (HENSHALL, 2008, p. 109) – Grifo nosso.

Este processo foi marcado por tensões e descontentamentos. Na primeira década da era Meiji, segundo afirma Benedict (2011, p. 71), verificou-se por volta de 190 revoltas, sendo a rebelião *Satsuma* o último conflito samurai da história do Japão, ocorrida em 1877 e liderada por Saigo Takamori (1828-1877).

Para o novo governo, constituído pela união dos samurais inferiores e da classe dos comerciantes (BENEDICT, 2011, p. 71), a ocidentalização era o elemento chave para a modernização, tornando o Japão um país mais forte e capaz de competir com as potências estrangeiras. Como aponta Henshall (2008, p. 114), um dos lemas da época era “*oitsuke, oikose*”, ou seja, “alcança e ultrapassa”, pois queriam superar a humilhação dos “tratados desiguais” assinados durante a queda do *xogunato*.

A década de 70 do século XIX no Japão ficou marcada por uma quantidade significativa de influências ocidentais na indústria, na política, nas forças armadas, na economia, no vestuário, na comunicação, nos transportes, na literatura e nos padrões de pensamento.

Embora isso fosse menos evidente, os padrões de pensamento também estavam a mudar. Uma onda de obras estrangeiras de romancistas, filósofos e cientistas, como Goethe, Darwin, Mill e Rousseau, inundava o país, quer em traduções, quer devido ao conhecimento cada vez maior do inglês e de outras línguas. Criou-se assim uma voragem de idéias e influências que eram frequentemente contraditórias e irreconciliáveis, mas que não eram reconhecidas como tais. (HENSHALL, 2008, p. 116)

O “espírito empreendedor” e a “sobrevivência dos mais aptos” surgem como idéias populares reforçadas por diversas obras entre as quais se destaca *Self Help*²⁰ – *O poder da vontade* - (1859) de Samuel Smiles, uma das primeiras obras traduzidas do inglês para o japonês em 1871 (DUKE, 2009, p. 48). Os japoneses seguiram duas principais interpretações desta obra, como no diz Mutel (1972, p. 220): “a primeira e de que o Japão, por seu esforço, sua inteligência e seu sentido de dever, chegaria e ser rico e poderoso, e a segunda era individualista e suscitava o êxito pessoal”.

A filosofia do espírito de iniciativa se ajustava perfeitamente as emergentes condições da época. Esta obra, segundo Watson (2011, p. 204), era de conhecimento de Jigoro Kano, e serviu possivelmente de influência em sua formação acadêmica.

Em alguns trechos desta obra temos elementos relevantes a considerar para este estudo, como vemos:

20. En 1871 se tradujo del inglés una obra característica del espíritu victoriano, y cuyo éxito considerable en el Japón testimonia um cierto estado de ánimo. Se trata de *Self-Help* que escribió Samuel Smiles (1812-1904) en 1859, el mismo año que aparecieron *On Liberty* de John Stuart Mill y *Origin of Species* de Darwin, y que tuvieron tanto éxito en el Japón en esos mismos años 70. El título japonés del *Self-Help* es *Saigoku Risshihen* (*Saigoku*: los países de Occidente; *Risshi*: fijarse un propósito, hacer prueba de voluntad, triunfar en la vida; *hen*: trabajo) y serviu para forjar el título de una asociación política de *Itagaki*, la *Risshisha* (*sha*: asociación). (MUTEL, 1972- p. 219-220)

O espírito de espontaneidade individual é a origem de todo o desenvolvimento normal do indivíduo, e quando se manifesta em grande número de homens, constitui o verdadeiro fundamento da força e da energia nacional (...). Na verdade, toda a experiência do mundo tende a provar que a valia e a força de um estado dependem antes do carácter dos indivíduos que o compõem, do que da forma das suas instituições (....). O Progresso nacional é a somma das actividades, das energias, das virtudes de todos, do mesmo modo que a decadência nacional é a somma das fraquezas, dos egoísmos e vícios de todos (...) segue-se que o mais elevado patriotismo e a mais generosa philantropia não consistem tanto em reformar as leis e em modificar as instituições, como em ajudar os nossos concidadãos a elevarem-se e a aperfeiçoarem-se pela livre e independente acção de sua própria vontade. (SMILES, 1870, p. 1-8)²¹

Podemos identificar certas semelhanças entre as idéias de Smile e os escritos de Kano já como forma de apresentação de indícios de influência de pensadores ocidentais nos fundamentos do judô. Vejamos algumas passagens de Kano quando apresenta os propósitos do judô:

Desde o estabelecimento do judô Kodokan, o judô se tornou algo que pode ser estudado não apenas como método de autodefesa, mas também como uma forma de treinar o corpo e aprimorar a mente (...) o estudo aprofundado da defesa contra ataques é o alicerce, e a capacidade de treinar o corpo e aprimorar a mente decorre desse estudo. **Com o corpo bem treinado e uma mente aprimorada, você pode aplicar seu treinamento para o bem da sociedade (...)** O Valor real de uma pessoa é determinado com base no quanto ela contribui para a sociedade durante a vida. E como essa mesma contribuição ajuda os que buscam se aprimorar e atingir a sua meta, o propósito do judô é ajudar a pessoa a se aperfeiçoar para que possa contribuir para a sociedade. (KANO, 2008, p. 77-78) *Grifo nosso.*

21. Mantivemos a grafia original.

É possível observar uma forte ligação entre as idéias provenientes dos textos de Smiles com as idéias descritas por Kano tratadas como principal propósito para o judô.

Outro grande pensador da época o filósofo britânico Herbert Spencer (1820-1903) era muito considerado pelo governo Meiji e, de acordo com Henshall (2008, p. 117) e Benedict (2011, p.73) foi consultado para aconselhamento sobre as políticas que deveriam ser tomadas frente aos americanos e britânicos, onde suas recomendações sugeriam a preservação das características essenciais do povo japonês.

Como aponta Henshall (2008, p. 119) a filosofia de *Self-Help*, emergente na década de 70 da era Meiji, apresentava um problema para o novo regime. Isto porque se os indivíduos fossem fortes e independentes em demasia, seria difícil controlá-los. O descontrole da população poderia enfraquecer o regime e tornar o Japão suscetível a colonização estrangeira. Em contrapartida, não seria possível conseguir um país forte com uma população fraca, assim a população deveria seguir encorajada ao fortalecimento, porém sob certo controle e com a energia canalizada para uma direção comum.

Surge então o nacionalismo como causa nobre e ideal, pois canalizaria o sentimento de renovação e identidade nacional. Lemas como “torna-te forte e constrói uma nação forte” ou “faz do teu sucesso o sucesso de uma nação” passam a ser adotados.

Para efetivar o nacionalismo o principal instrumento de doutrinação foi à educação.

O judô, neste sentido, parece surgir como uma “modalidade ideal” para as emergentes necessidades educativas do país, pois, como veremos, consegue reunir a perspectiva de fortalecimento do indivíduo, canalizando sua energia (*seiryoku zenyo* – melhor uso da energia) e contribuindo para a formação moral em parte baseada no

confucionismo e em parte na moralidade utilitarista de Stuart Mill (*Jita Kyoei* – prosperidade e benefício mútuo).

O quadro a seguir aponta as principais características de desenvolvimento do Japão no Período Meiji e, como destacamos, na década de 70, notamos a maior influência da ocidentalização, período de formação educativa de Jigoro Kano e, a década de 80 apontada como a de “Realizações individuais canalizadas para fins nacionais, sobretudo através da educação” coincidente com o início das atividades docentes de Kano e a “fundação” do *Judô Kodokan* (1882) e historicamente a de maior desenvolvimento do judô.

Desenvolvimento	Data
O poder imperial restaurado em teoria, os oligarcas governam na prática	A partir da década de 60 do século XIX
Decretadas as principais reformas iniciais, como a nacionalização da terra e a abolição das classes feudais	Finais da década de 60 – meados de 70
Ocidentalização da sociedade e da economia, apoiada por conselheiros ocidentais	A partir da década de 70
Fortalece-se a ideologia do espírito de iniciativa	Década de 70-80
Ideais de “liberdade e direitos humanos”	Década de 70-80
O governo vende indústrias a industriais privados	Início da década de 80
Realizações individuais canalizadas para fins nacionais, sobretudo através da educação e especialmente centrados no imperador.	A partir da década de 80
Proclamação da constituição, reunião do parlamento	1889-1890
Publicação do <i>Reescrito Imperial sobre a Educação</i>	1890
Desenvolve-se a indústria pesada, o Japão torna-se uma nação industrial	A partir da década de 90
Guerra Sino-Japonesa, o Japão vence	1894-1895

Desenvolvimento	Data
O Japão consegue grandes revisões dos tratados dos desiguais e o reconhecimento das potências ocidentais	A partir dos meados da década de 90
Alianças Anglo-Nipônica	1902
Guerra Russo-Japonesa, o Japão vence	1904-1905
O Japão anexa à Coréia	1910
Repressão do socialismo no Incidente da Alta Traição	1910-1911

Quadro 1 – Principais desenvolvimentos no período Meiji (HENSHAL, 2008, p. 143-144) – *Grifo nosso*.

Henshall (2008, p. 144 -143) apresenta também, na sequência deste quadro, um resumo dos valores e práticas fundamentais do Período Meiji:

- Incorporação dos pontos fortes das ameaças potenciais
- **Capacidade de combinar o velho e o novo, o nacional e o estrangeiro**
- “japonização” de muitos elementos estrangeiros
- **Pragmatismo**
- “liberdade dentro de certos limites
- Distinção entre autoridade formal e poder real
- Vontade de aprender
- Determinação em obter sucesso
- **Concentração num só objetivo**
- **Confucionismo (adaptado ao Japão)**
- Idealização dos valores da família
- Nacionalismo fortalecedor
- Renascimento da reverência pelo imperador
- Antipatia pela inflexibilidade religiosa

- Astúcia econômica
- Tendência generalizada para ser orientado pela autoridade, mesmo na prossecução de objetivos individuais
- Desconfiança perante o socialismo
- Controle da visão do mundo pela propaganda e a educação.

Dos itens descritos por Henshall destaco aqueles que sugerem valores que foram incorporados ao judô, dando mais evidência a: **“Capacidade de combinar o velho e o novo, o nacional e o estrangeiro”**, que aponta o processo de integração Oriente-Occidente, objeto de estudo deste trabalho, o **“Pragmatismo”** e a **“Concentração num só objetivo”** ambos expressados no termo *“Seiryoku Zenyo”* (que será mais detalhadamente explicado no capítulo seguinte)

2.11 Terakoya e Gakusei: *Wakon-yosai* e o moderno sistema educativo no Japão *Meiji*

Como o governo japonês se propôs a colocar o Japão à altura das grandes potências estrangeiras da época, abrindo-se para a ocidentalização e a modernização, a educação também foi afetada por esta política. Assim, após 1868 o Japão optou por uma diversidade de influências externas para configurar seu sistema educativo.

De acordo com Duke (2009, p. 48) o cenário básico nas duas primeiras décadas da educação moderna no Japão Meiji residia no confronto entre assimilar o conhecimento ocidental moderno, aparentemente incompatível, com as antigas tradições japonesas.

Antes deste período existiam diferentes estabelecimentos educativos para atender as diferentes classes sociais. Os senhores feudais detinham escolas especiais para filhos dos samurais chamadas de *Hanko* enquanto que as comunidades rurais mantinham algumas

escolas para famílias de mercadores e agricultores. Para a população já existia uma numerosa quantidade de escolas elementares privadas, cerca de 15.000 em 1860 (MUTEL, 1972, p. 89 e DUKE, 2009, p. 56) chamadas de “*terakoya*”,²² (lit. pequeno estabelecimento de um templo budista) onde se ensinava leitura, escrita e aritmética que operavam independentemente do controle governamental.

Na época da Restauração Meiji de 1868, como apresentado por Duke (2009, p. 56-58), embora as oportunidades educacionais do governo Tokugawa foram projetadas principalmente para as famílias samurais, houve poucas oportunidades de educação para as crianças de famílias camponesas. Na ausência de uma política governamental a nível nacional ou local para fornecer escolas para as pessoas comuns, as escolas privadas, denominadas *terakoya*, surgiram espontaneamente atendendo os níveis mais baixos da sociedade. Elas estavam particularmente associadas com a classe camponesa.

O nome genérico de *terakoya* é derivado de um período no qual os sacerdotes budistas se dedicavam a uma educação rudimentar para algumas crianças locais em seus templos. Muitas vezes eram dirigidas por samurais de menor patente para gerar renda extra, bem como por sacerdotes, estudiosos de Confúcio e plebeus alfabetizados.

Estruturadas no ensino da caligrafia e baseadas na moralidade confucionista elas não estavam localizadas apenas nas áreas rurais. As cidades também tinham *terakoya*. Estas ficavam em torno das comunidades e disponíveis para as famílias interessadas e financeiramente capazes de matricular seus filhos. O ensinamento de Confúcio oferecido aos plebeus evoluiu a partir das *terakoya*, uma condição reverenciada até hoje.

22. É possível assistir a um raro filme editado por *the Brooklyn College Television department* de 1976 numa produção do Kabuki Japonês chamado “*Terakoya*” dirigido pelo prof Prof. Samuel L. Leiter. <http://www.youtube.com/watch?v=P5fKQvloxBE>

As *terakoya* foram caracterizadas por uma relação muito pessoal entre o mestre e seus alunos. Em muitos casos, os alunos viviam no complexo do templo. O menino ao entrar nessas escolas deveria obedecer ao mestre em todas as coisas e submeter-se à punição quando necessário.

As *terakoya* incorporam um senso de moralidade considerada quase espiritual de educação centrado no ensino de boas maneiras, bem como o desenvolvimento de um senso de disciplina, respeito e perseverança para aprender. A presença do castigo, de pé por longos períodos de tempo, foi utilizado para manter a disciplina. O velho ditado, se o coração está correto, assim será também a caligrafia (*kokoro tadashikereba, fude tadashi*), resume a filosofia da escola *terakoya* em conformidade com as crenças confucionistas que dominaram a sociedade *Tokugawa* no Japão.

As *terakoya* seriam alteradas pelo novo Ministério da Educação, fundado em 1871, com a proclamação do *Gakusei*, o Primeiro Plano Nacional de Educação de 1872, baseado exclusivamente em modelos ocidentais.

O *Gakusei* foi projetado para fornecer um ensino fundamental para todas as crianças japonesas, independentemente de classe social ou sexo. Ele marca o verdadeiro início da educação moderna no Japão e o fim das escolas tradicionais *terakoya*.

O grande impulso no moderno sistema educacional do Japão na primeira década Meiji é atribuído, segundo Duke (2009, p. 50) à Ito Hirobumi. Em janeiro de 1868, Hirobumi apresenta o conceito “*Kokuzei Komoku*” (imperativos nacionais) uma das primeiras propostas de introdução de conceito geral de educação pública. Sua proposta vinha ao encontro do 5º artigo da carta de juramento “o conhecimento deve ser procurado em todo o mundo”. Vejamos o que Ito escreveu:

A finalidade da educação é disseminar a todas as pessoas a aprendizagem (*gakujuitsu*) de todo o mundo, e introduzir o conhecimento da ciência e das artes existentes em outros países. O Japão está passando por uma revolução cultural (Bunmei Kaika) que os países ocidentais já experimentaram. Temos agora a oportunidade de abolir os antigos abusos (*kyuhei*) derivados ao longo de centenas de anos, e de abrir os olhos e os ouvidos da nação. Se não formos capazes de fornecer uma educação básica para todos os nossos cidadãos, eles vão permanecer surdos, mudos, e sem visão. É por isso que um grande sistema escolar (*daigakko*) deve ser estabelecido até com uma escola primária em cada comunidade. Todos os nossos cidadãos devem ser dotados de conhecimento. (Hirobumi apud DUKE, 2009, p. 51)

Assim, as primeiras reformas no moderno sistema educativo japonês foram marcadas por conflitos ideológicos entre os tradicionalistas, os Confucionistas e o Xintoísmo nacionalista com os modernizadores favoráveis aos estudos ocidentais.

Em fevereiro de 1870 o governo publicou novos regulamentos dando aos estudos ocidentais mais importância do que os estudos imperiais de clássicos japoneses. Assim, os ensinamentos mais valorizados provenientes dos Analectos de Confúcio estavam sendo ofuscados pelos estudos ocidentais na ciência e na linguagem (DUKE, 2009, p. 52-53).

Seguindo a descrição de Mutel (1972, p. 89), em julho de 1871 foi criado o Ministério de Educação e, em setembro de 1872 é adotado um plano geral de educação baseado no modelo proveniente da França que previam 8 academias, 32 liceus e 53.760 escolas primárias, porém os programas e métodos eram norte-americanos. Em 1873 cerca de 13.000 escolas já estavam funcionando neste modelo e atendia 46% de meninos e 17% das meninas na idade escolar.

O *Gakusei* teve, portanto origem em 8 de agosto de 1872 e foi implantado em abril de 1873 (DUKE, 2009, p. 61).

Este documento, que lançou as bases da moderna educação no Japão, foi muito influenciado pelo intelectual Fukuzawa Yukichi,²³ uma das figuras mais marcantes do período de modernização educativa que estamos nos referindo.

Yukichi, segundo Valles (2002, p. 196) não foi um filósofo no sentido estrito da palavra, mas sim um pensador inspirado no humanismo inglês. Tinha como ideal a **formação do homem**.

La cultura china, el confucionismo, el budismo, el mismo sistema social, la situación militar, la posición de la mujer y otros aspectos de la sociedad japonesa de entonces fueron objeto de la crítica aguda e mordaz de este librepensador que tenía la ambición de hacer de su país una nación verdaderamente libre y tan poderosa, bajo todos los sentidos, como los pueblos de occidente. Sus viajes por el mundo occidental tenían por finalidad la observación directa y, en último resultado, la introducción de estructuras europeas y americanas en el Japón... Se trata, pues, de una figura gigante de la época Meiji. Se ha dicho incluso que es el sábio más eminente del Japón durante la segunda mitad del siglo XIX y primera década del siglo XX. (VALLES, 2002, p. 241)

Em umas de suas obras, *Bunmei no gairyakun* (Compêndio da Civilização) Yukichi trata de discutir o desenvolvimento espiritual do homem atribuindo a este um caráter coletivo no campo das relações mútuas em torno do acesso aos bens materiais e o enobrecimento do homem, conseguidos através do progresso moral e

23. Fukuzawa Yukichi (1835–1901). Nasceu em Nakatsu, na ilha de Kyushu. Estudou confucionismo, holandês e inglês. Fundou a Universidade *Keio-Gijuku* e escreveu importantes obras como: *Seiyo-jijô* (Situação do ocidente), *Gakumon no susume* (Recomendação da ciência), *Bunmei no gairyakun* (Compêndio da civilização) e *Fukuô-jiden* (Autobiografia). (VALLES, 2002, p. 240)

Pode ser vista sua foto nas notas de 10.000 *yens*, uma forma de reconhecimento do governo japonês por seus esforços de introdução das instituições ocidentais na era Meiji.

intelectual que caracterizam a essência da civilização (VALLES, 2002. p. 243).

Destacamos nos trechos acima alguns pontos importantes para o estudo. Um deles é o fato de Yukichi tratar de temas idênticos a Kano como a formação do homem e a evolução de sociedade através do desenvolvimento intelectual e moral. Outro ponto importante de destaque é que Yukichi tem contato com esses pensamentos, próprios do utilitarismo inglês, antes mesmo da restauração Meiji.

Outra de suas publicações de maior êxito na época era o *Seiyo Jijô* (Coisas do Ocidente) de 1866 que obteve uma tiragem de 150.000 exemplares (MUTEL, 1972, p. 87 e DUKE, 2009, p. 48). Yukichi desejava que o Japão alcançasse o estado de uma nação civilizada e para isso publicou o *Gakumon no Susume* “fomento do saber”, uma série de ensaios escritos e publicados entre 1872 e 1876. A tese geral dessas obras era a transformação do homem pela educação independente de sua classe social, em suas palavras: “It is said that heaven does not create one man above or below another man. Any existing distinction between the wise and the stupid, between the rich and the poor, comes down to a matter of education.”²⁴ Ele considerava fundamental despertar o espírito de independência dos alunos sendo assim capazes de emitir juízos próprios a cerca de cada situação. O valor de mérito escolar e rendimento, a contratação de professores estrangeiros para lecionar no Japão, a organização do sistema educativo e o processo de ocidentalização na educação foi influenciada pelas idéias de Yukichi. Essas idéias também chegam a influenciar Jigoro Kano como afirma Amici (2004, p. 53-54).

24. An encouragement of learning, trans. by D.A. Dilworth and U. Hirano, Tokyo, Sophia University, 1969, citado por SHUNSAKU, N. **Prospects: the quarterly review of comparative education** (UNESCO: International Bureau of Education), vol. XXIII, no. 3/4, 1993, p. 493–506. ©UNESCO: International Bureau of Education, 2000

No pensamento de Yukichi a ciência deveria ser prática e contemplar os objetos materiais e corpóreos como as ciências naturais e os incorpóreos como o caso da moral e da teologia. No entanto, em ambos os casos não podiam ser voltados para conhecimentos abstratos e inúteis, tinham que ser práticos. “Todo seu pensamento estava orientado a uma direção utilitarista” (VALLES, 2002, p. 247)

O Japão não desejava a colonização americana e, para efetivar um processo de integração e não de colonização do sistema educativo japonês adota uma filosofia chamada de *wakon-yosai*²⁵ (和魂洋才), que significa espírito japonês e tecnologia ocidental. Essa filosofia, que marca um caráter de integração entre o pensamento oriental com o ocidental no sistema educacional, cria precedente para demarcar o processo de integração Oriente-Occidente, também na formulação dos fundamentos educativos do judô (NIEHAUS, 2010, p. 16),²⁶

25. O Japão demonstrou uma significativa experiência em assimilar as instituições e sistemas de países estrangeiros, reorganizando-os às suas necessidades. É o caso do sistema de ensino moderno. O Japão aprendeu muito da Europa e dos Estados Unidos na década de 1860 e 1870. A intenção não era de duplicar os sistemas educativos de países estrangeiros e sim apropriar-se do que melhor tinham, integrá-los ao pensamento japonês com vista ao desenvolvimento emergente reforçando um sistema educativo do Japão.

Wakon yosai, que literalmente significa, espírito japonês e o conhecimento ocidental é a frase que implica que a cultura ocidental é de aprendizagem apenas para a cabeça, enquanto o coração permaneceu resolutamente nativo. O país foi sensível e seletivo na adoção de instituições estrangeiras, porque os japoneses acreditam que nenhum conhecimento é completamente livre da cultura de onde veio e que nenhum conhecimento é globalmente aplicável.

<http://www.norrag.org/issues/article/760/en/local-spirit-global-knowledge-a-japanese-approach-to-knowledge-development-in-international-co-operation.html>

26. “Hasegawa (1981) interpreta Kano como um homem que une na vida e na obra a ideia de *wakonyosai* (moral japonesa e conhecimento ocidental). Na verdade, porém, é impossível com essa clareza uma diferenciação entre esses dois polos: “moralidade japonesa” e “conhecimento ocidental”. Antes, no mundo de pensamento de Kano as ideias de moral japonesa e moral ocidental estão alinhadas e misturadas entre si.” (NIEHAUS, 2010, p. 16)

objeto de estudo deste trabalho, como veremos nos indícios que apresentaremos nos capítulos seguintes.

A preocupação em manter os valores japoneses, presentes na educação sob influência ocidental, pode ser visto na passagem de um documento oficial escrito por Motoday Nagazane, um ideólogo Confucionista e conselheiro do imperador Meiji, sobre os grandes princípios da educação, de 1879:

The essence of education, our traditional national aim, and a watchword for all men, is to make clear the ways of benevolence, justice, loyalty, and filial piety, and to master knowledge and skill and through these to pursue the Way of Man. In recent days, people have been going to extremes. They take unto themselves a foreign civilization whose only values are fact-gathering and technique, thus violating the rules of good manners and bringing harm to our customary ways. Although we set out to take in the best features of the West and bring in new things in order to achieve the high aims of the Meiji Restoration – abandonment of the undesirable practices of the past and learning from the outside world – this procedure had a serious defect: It reduced benevolence, justice, loyalty, and filial piety to a secondary position. The danger of indiscriminate emulation of Western ways is that in the end our people will forget the great principles governing the relations between ruler and subject, and father and son. Our aim, based on our ancestral teachings, is solely the clarification of benevolence, justice, loyalty, and filial piety. For morality, the study of Confucius the best guide. People should cultivate sincerity and moral conduct, and after that they should turn to the cultivation of the various subjects of learning in accordance with their ability. In this way, morality and technical knowledge will fall into their proper places. When our education comes to be grounded on Justice and the Doctrine of the Mean, we shall be able to show ourselves proudly throughout the world as a nation of independent spirit.²⁷

27. Nagazane, Motoday. “Imperial Rescript: The Great Principle of Education.” In *Society and Education in Japan*. Translated by Herbert Passin, 227-28. New York:

O Reescrito Imperial sobre a Educação, publicado em outubro de 1890 marca efetivamente a importância crescente da instrução moral com base nos valores confucionistas e xintoístas. Vejamos o texto:

Os nossos antepassados imperiais fundaram o nosso império numa base ampla e duradoura e nele implantaram fundo e firmemente a virtude; os nossos súbditos, sempre unidos na lealdade e na devoção filial, ilustraram, de geração em geração, a sua beleza. Esta é a glória do carácter fundamental do nosso império e também aqui reside a fonte da nossa educação. Vós, nossos súbditos, sede filiais com vossos pais, afectuosos com vossos irmãos e irmãs; como maridos e mulheres, sede harmoniosos, como verdadeiros amigos; comportaivos com modéstia e moderação; espalhai por todos a vossa benevolência; continuai a aprender e cultivai as artes e, desse modo, desenvolvi as vossas faculdades intelectuais e aperfeiçoi as vossas capacidades morais; para, além disso, promovi o bem público e os interesses comuns; respeita sempre a constituição e observai as leis; em caso de emergência, oferecei-vos corajosamente ao Estado; e assim, guardai e mantede a prosperidade do Nosso Trono Imperial, tão antigo como o céu e a terra. Assim, não serei apenas nossos bons e fieis súbditos, mas tornareis ilustres as melhores tradições de vossos antepassados. O caminho que aqui se delineia é, de facto, o ensino legado pelos Nossos Antepassados Imperiais para ser observado quer pelos seus descendentes, quer pelos súbditos, infalível em todas as épocas e verdadeiro em todos os lugares. É nosso desejo assumirmos reverentemente, em conjunto convosco, nossos súbditos, o objectivo de alcançarmos todos a mesma virtude. (HENSHALL, 2008, p. 120-121)

As escolas privadas que eram dirigidas pelos templos budistas foram nacionalizadas e transformadas em escolas primárias, obrigató-

Teachers College Press, Columbia University, 1965. Brian Platt, "Educational Reform in Japan (19th c.)," in *Children and Youth in History*, Item #125, <http://chnm.gmu.edu/cyh/teaching-modules/125> (accessed September 9, 2012).

rias desde 1872, e uma das intenções desse ato era a de desenvolver indivíduos leais ao imperador. As escolas que estavam sobre o domínio feudal pelos *daymio* foram transformadas em escolas de educação secundária cuja principal função era preparar os estudantes para ingressar na Universidade que, por sua vez, tinha como meta formar lideranças com conhecimento do Ocidente que pudessem ser aptos para liderar a modernização do Japão. Jigoro Kano foi um desses líderes.

A academia do *Shogunato Tokugawa* transformou-se na Universidade Imperial de Tóquio, onde Jigoro Kano formou-se em ciências políticas, filosofia e literatura em 1882, criada, de acordo com Zha (2008, p.2), em 1870, a partir da formulação de um elaborado plano para adotar os melhores sistemas ocidentais de universidade através do envio de estudantes para as nações ocidentais. Das influências ocidentais na educação superior no Japão *Meiji* a mais marcante é a alemã como afirma Zha (2008, p.3):

En 1881, el gobierno Meiji decidió transformar su modelo institucional, mezcla de influencias provenientes de una diversidad de países occidentales, hacia un modelo estrictamente alemán. Esto no sólo se debió a la percepción de la universidad alemana como el modelo más innovador de toda Europa en aquel momento, sino también a que el gobierno japonés admiraba la moderna burocracia del gobierno alemán (...) De manera que el modelo alemán de educación superior fue el que influenció, principalmente, la educación superior japonesa durante la época del gobierno Meiji.

Em 1880 fortaleceu-se o controle centralizado no sistema e foram enfatizadas as idéias conservadoras e tradicionais que melhor retratavam os valores japoneses. O confucionismo, que fortalecia o regime do imperador, foi reforçado no sistema educativo principalmente ligado ao aprendizado da moral e da natureza hierárquica das relações humanas.

Segundo Nunes (2012, p. 26), o nacionalismo japonês moderno surgiu com o objetivo de fornecer identidade para unir toda a nação com patriotismo e lealdade, ligando o sujeito por um vínculo de dever ao Estado e à família, ficando a educação a cargo de disseminar esta nova identidade relacionada com tudo o que contribuísse para o nacionalismo. Uma parte desses valores é proveniente do confucionismo.

Jigoro Kano, como veremos com mais profundidade adiante, passa pelo sistema educacional aqui retratado e, seguindo a influência moralista do confucionismo e as ideias modernistas de educadores ocidentais, integrada às experiências pessoais da prática do *jujuts* e organiza um método educativo denominado judô.

2.12 A integração Oriente-Occidente: por uma filosofia da humanidade

A sabedoria do Oriente e do Ocidente devem se fundir para dar ao homem a perspectiva da sabedoria da humanidade através da filosofia mundial (WING-TSI, 1978, p. 187). Vale dizer que nem o pensamento oriental e nem o pensamento ocidental são perfeitos na interpretação da realidade.

Avançar de uma confrontação de formas de pensamento para uma integração, onde a maneira científica, racional, positivista, afirmativa e particular possa aglutinar-se com a intuição, a harmonia homem-natureza, a tranquilidade do espírito, a ética da simplicidade, a não-violência tende a ser o caminho para a evolução do potencial humano.

Caminho este que vai em direção da construção de uma visão sistêmica da vida em várias atividades sociais e, em especial na educação, de maneira a produzir o conhecimento equalizado da integração e da auto-afirmação reunindo aspectos que marcaram as

filosofias do Oriente e do Occidente no período de abertura do Japão ao exterior na era *Meiji*.

No entanto, esse pensamento de integração já estava presente no Japão antes mesmo da restauração *Meiji* como aponta um pensador da época, Sakuma Zôzan (1811-1864) um aficionado pela física, pela eletricidade e pelas máquinas modernas e com as idéias dos filósofos iluministas do século XVIII. Seu conhecimento sobre o Occidente foi adquirido no estudo do “Rangaku” (estudos Holandeses) e, obteve em 1844 o “*Huishoudelyk Woordboek*”, uma tradução holandesa da enciclopédia escrita pelo francês Noël Chomel.

Zôzan propôs como ideal a união da técnica do Occidente com a ética do Oriente: “*Seiyô geijutsu tôyo dôtoku*” (东洋道德, 西洋艺术) traduzida como “ética japonesa, tecnologia ocidental”²⁸ (MUTEL, 1972, p. 17). Porém seu compromisso de integração dos pontos fortes japoneses com os conhecimentos ocidentais e a divulgação de suas idéias bastou para que fosse assassinado (HENSHALL, 2008, p. 95).

Um dos pontos mais relevantes no pensamento de Kano no processo que deu origem ao judô foi exatamente a integração entre uma prática corporal, as instituições e concepções filosóficas orientais com as emergentes concepções providas do Occidente que se apresentavam como fundamentos da modernização do Japão.

A partir da constatação do processo de integração do Japão com a cultura ocidental, mais fortemente marcada pela restauração *Meiji*, em especial nas formas de pensamento e nos sistemas filosóficos e educacionais, torna-se mais estimulante o estudo aqui proposto, ou seja, encontrar indícios da integração Oriente – Occidente na formulação dos princípios filosóficos e educativos do

28. “*Seiyô*” é “Occidente”, “*Tôyo*” é “Oriente”, “*geijutsu*” é “arte e técnica”, “*dô*” é “caminho” e “*toku*” é “virtude”.

judô partindo da formação educativa de Jigoro Kano, analisando seu pensamento sistêmico em face às mudanças históricas do Japão no início da era *Meiji* analisando seus escritos e daqueles que possivelmente o tenham influenciado. Este é o tema que convida à leitura do capítulo que segue.

CAPÍTULO 3

A integração Oriente-Occidente: Jigoro Kano, fundamentos do judô e a educação

3. Oriente e Ocidente na formação de Jigoro Kano

Jigoro Kano, fundador do judô Kodokan, nascido em 28 de outubro de 1860, em Mikage, uma cidade perto da atual Kobe, na baía de Osaka, quinto filho de Sadako Kano, educadora, nascida de família nobre produtora de saquê, e Jirosaku Mareshiba Kano empresário e funcionário do governo, promotor ativo da modernização do Japão Meiji. Sua mãe morre quando tinha 9 anos de idade e, ao completar 10 anos muda-se com seu pai para Edo, atual Tóquio (WATSON, 2000, p. 24) e, ao ingressar na escola, inicia um processo de educação que marca o início de seu contato formal com o mundo ocidental.

O Japão, na época de nascimento de Jigoro Kano, como apresentado no capítulo anterior, vivia um período de extraordinária mudança com a queda do regime militar *Tokugawa*, período *Edo* (1603-1868) para o regime imperial *Meiji* (1868-1912) em função do colapso de falhas administrativas, a crescente insatisfação do povo e a abertura forçada dos portos do país pela marinha americana.

Com a ascensão do imperador Meiji finalizou-se o período feudal e nasceu o Estado moderno no Japão. Esta época é marcada por grandes mudanças sociais e culturais.

Jigoro Kano, nesse contexto sócio-político,²⁹ inicia uma formação educacional rigorosa para adequar-se à nova sociedade que começa a crescer no Japão. De acordo com Steves (2007, p. 14-15) e Watson (2000, p. 24), Kano ingressa numa pequena escola particular, *Seitatsusho Juku*, conduzida pelo intelectual Keido Ubukata, com aulas de leitura, escrita, caligrafia a pincel, ensino do confucionismo e clássicos chineses e japoneses. Com o incentivo de Ubukata, que mostrou a necessidade de conhecer a fundo a cultura ocidental (VILLAMON e BROUSSE, 2011, p. 107), Kano inicia o estudo de inglês com Shuhei Mizukuri³⁰ em 1873, um renomado professor pertencente ao grupo de intelectuais que influenciava as reformas educativas japonesas na época (VILLAMON e CASADO, 2009, p. 6). Kano relata sua experiência educativa:

Quando menino, eu estudava muitas matérias, chinês clássico, caligrafia, inglês, e outras. Mais tarde, em 1873, deixei minha casa pela primeira vez para ingressar num colégio interno, *Ikei Gijuku*, localizado em Katasumori-cho, Shiba, Tóquio. Embora o diretor de *Ikei Gijuku* fosse holandês e seu assistente, alemão, todas as disciplinas eram ensinadas na língua inglesa, eu tinha aprendido inglês elementar numa escola particular com Shuhei Mizukuri. (KANO, memórias – em WATSON, 2011, p. 35)

29. O contexto girava em torno da construção de uma sociedade nova, a criação de um governo centralizado e burocrático ao redor da figura do Imperador, a perda da influência hegemônica da classe *samurai* (classe guerreira), o estabelecimento da educação pública e do sistema universitário baseados nos modelos ocidentais, o desenvolvimento dos meios de comunicação, da eletricidade, do transporte, do Estado moderno capitalista e parlamentar. (CAYROLS, R.G.F. 2010, p.12)

30. KUDO, Kazuo (1967) “*He began studying calligraphy at Yanokura in Ryogoku and English with Shuhei Mizukuri, in Kanda*”. <http://judoinfo.com/new/alphabetical-list/judo-history/134-jigoro-kano-and-the-kodokan-by-kazuo-kudo>

Esta primeira fase educativa vivenciada por Jigoro Kano marca, além da educação clássica, sua primeira forte ligação entre as influências culturais ocidentais e as tradições orientais. Foi através do estudo da língua inglesa que Kano teve o primeiro contato oficial com o mundo ocidental.

Segundo Maekawa (apud CASADÓ e VILLAMON, 2009, p. 6), em 1873 Jigoro Kano ingressa na *Ikuei Gijuku* instituição que oferecia aulas de inglês e alemão com professores europeus (WATSON, 2000, p. 24). Em seguida, com 14 anos, ingressa na escola *Kaisei*³¹ o que viria a ser a moderna universidade de Tóquio (Universidade Imperial *Toyo Teikoku*) em 1877. Aos 17 anos Kano ingressa no curso de ciências políticas, filosofia e literatura desta instituição. Na época, dos 39 professores 27 eram ocidentais (CAYROLS, 2010, p. 13). Dos professores de Kano, um exerceria maior influência sobre sua trajetória, o Dr. Ernest Fenollosa³² que

31. A escola *Kaisei*, foi idealizada e estruturada pelo Holandês Guido Verbeck, diretor da considerada a mais importante instituição educacional da época. Ele estruturou um currículo inteiramente de estudos ocidentais onde comandava 17 professores: oito estrangeiros para o ensino de Inglês, física, química e literatura, todos no idioma Inglês, cinco franceses para lecionar francês, física, matemática e literatura em língua francesa, e, finalmente, quatro alemães para o ensino os cursos de ciências, literatura alemã e linguagem. Em 5 de outubro de 1871, o imperador Meiji, demonstrando um interesse contínuo na modernização da educação, reconheceu os esforços dos Verbeck na reabilitação da escola. Como resultado das reformas de Verbeck no final do ano letivo 1871 o Japão finalmente constituiu uma instituição nacional digna de reconhecimento como a primeira instituição pública de ensino superior na era moderna. A escola, que se tornou Universidade de Tóquio em 1877, funcionou, essencialmente, como uma escola de língua estrangeira de ciência. Ela era frequentemente mencionada na imprensa inglesa como escola politécnica. Estava agora preparada para realizar seu propósito primordial de educar líderes para o Japão moderno (DUKE, 2009, p. 54-55).

32. Fenollosa (1853 –1908) ingressou na Universidade Imperial de Tóquio em 1878 para dar aulas (em Inglês) em ciência política, filosofia e economia. Nesta fase inicial na Restauração Meiji, a arte tradicional e muitos dos antigos templos e santuários do Japão e seus tesouros artísticos estavam caindo no esquecimento em meio ao esforço nacional de modernização. Fenollosa interessado em sua preservação se tornou um estudante dos temas e as técnicas da arte japonesa tradicional e, em pouco tempo, um

ensinava filosofia e economia política mostrando um enorme interesse pela cultura oriental, reprovando a tendência da sociedade japonesa da época em abandonar a própria cultura em favor da modernização. Afirmava que as artes japonesas tradicionais configuravam um patrimônio cultural que deveria ser preservado apesar da modernização crescente como podemos observar nesta citação:

En opinión de Fenollosa, en la nueva era Meiji se estaba produciendo un hecho peligroso, y era que los japoneses, con su intento precipitado de modernizar e imitar a Occidente, abandonaban su propia cultura. Así Fenollosa avisó contra las adopciones estúpidas de costumbres occidentales y convenció a sus amigos y alumnos (incluyendo Kano) de que las artes japonesas tradicionales eran formas culturales que había que preservar. (VILLAMON & BROUSSE, 2011, p. 109)

Fenollosa reforçou o tema da filosofia científica de Herbert Spencer (VALLES, 2002, p. 291). Os conceitos spencerianos sobre a evolução social atraíram um grande público entre os intelectuais e líderes japoneses à procura de teorias modernas para a nova sociedade Meiji.

Em sua vida escolar, Kano, apesar de seu bom desempenho acadêmico, em especial na língua inglesa, sofria por sua inferioridade física diante de outros estudantes, o que motivaria seu contato com a arte marcial *jujutsu*. Essa condição de fraqueza havia despertado em Kano, desde sua infância, a curiosidade de saber como um método de luta poderia fazê-lo superar um adversário fisicamente mais forte e estava disposto a aprendê-la. Assim Jigoro Kano relata:

grande defensor da cultura oriental. Era graduado na universidade de Harvard no departamento de Filosofia e tinha grande atração para o ensino do filósofo inglês Herbert Spencer (DUKE, 2009, p. 235).

Naquela época, um ex soldado chamado Nakai freqüentava nossa casa. Nakai às vezes se vangloriava de conhecer *jujutsu* e me mostrou algumas técnicas (*katas*). Essa experiência acendeu em mim o interesse e a imaginação e me deu a idéia de aprender com ele. Quando pedi que me ensinasse, no entanto, ele recusou dizendo que não era necessário saber *jujutsu* naquela época. (KANO apud WATSON , 2011, p. 35-36)

Mesmo com a recusa de Nakai em ensinar-lhe a lutar *jujutsu* Kano estava determinado e seguiu tentando instrução com o caseiro chamado Ryuji Katagari que trabalhava em outra casa de sua família em Maruyama-cho, Koishikawa-ku, Tóquio. Não conseguiu que Katagari lhe ensinasse assim como também não logrou sucesso na tentativa de aprender o estilo Kyushin com Genshiro Imai que também se recusou a ensinar. Sem que ninguém pudesse ajudá-lo Kano seguia sofrendo descaso dos alunos mais fortes de sua escola que o forçavam a ser servil. Podemos acompanhar esta situação no relato de Kano (apud WATSON, 2011, p. 35-36):

...eu tinha aprendido a ler inglês elementar numa escola particular com Shuhei Mizukuri. Portanto, em Ikuei Gijuku, estava no mesmo nível de inglês de meus colegas. Entre estes, havia muitos que eram fisicamente frágeis e, por conseguinte, quase sempre ficavam sob o domínio dos meninos maiores e mais fortes. O mais fraco era forçado a ser servil para com o mais forte. **Uma vez que eu era um dos meninos mais fracos, tinha de levar recados a mando dos meninos mais fortes (...).** Nas atividades escolares em geral eu me equiparava aos meus colegas, mesmo assim eu era muitas vezes tratado com descaso e desprezo. Desde criança, minha curiosidade foi despertada quando ouvi falar pela primeira vez em *jujutsu*, um método de luta em que, com pouca força, pode-se superar o adversário fisicamente mais forte (...). **Na verdade eu não consegui ninguém disposto a me ensinar. Por isso, continuei sofrendo nas mãos do bullies (valentões).** Grifo nosso.

Ao mudar para a escola Kaisei em 1875 e, ao perceber o valor que davam ao desempenho físico, Kano seguiu ainda mais determinado a encontrar alguém que pudesse instruí-lo na prática de *jujutsu*. Pediu ao seu pai que solicitasse a um de seus amigos que lhe ensinassem, mas ele não concordou com a ideia. Sem contar com o apoio de seu pai Kano, aos 17 anos, tomou a iniciativa de encontrar um mestre de *jujutsu*.

Ao mesmo tempo em que ingressa na universidade inicia seus estudos de *jujutsu* com Hachinosuke Fukuda³³ e Masamoto Iso, da *ryu Tenjin Shinyo* e com Tsunetoshi Iikubo da *ryu Kito*, portanto três grandes mestres que colocaram Jigoro Kano em contato com uma prática tradicional japonesa. Kano (apud WATSON, 2011, p. 38) descreve seu primeiro contato com o *dojo* de Fukuda.

Havia uma sala adjacente com três tatames onde Fukuda tratava seus pacientes. Conseqüentemente, a sala de nove tatames era utilizada como sala de espera pelos pacientes. E foi nesse *dojo* abarrotado que iniciei minha tão desejada busca pelos segredos ancestrais do *jujutsu*.

A imagem pública do *jujutsu* estava depreciada, mesmo assim Kano, a exemplo do que predizia Fenollosa, considerou-o como um importante elemento da cultura nacional e estava determinado a reestruturá-lo.

Em 1877 Kano entra na Universidade Imperial de Tóquio, universidade esta criada a partir da escola Kaisei que ele freqüentava.

Na Universidade, Kano, como por ele declarado (KANO, 2011, p. 48), prioriza as disciplinas de política, economia e filosofia e,

33. Hachinosuke Fukuda tinha sido um samurai e mestre da *Tenjin Shinyo Ryu jujutsu*. Ele tinha ensinado essa arte a Jigoro Kano, fundador do judô e chefe do Kodokan. Kanô tinha estudado com três mestres de *jujutsu* antes de fundar o judô. Fukuda era avô de Keiko Fukuda que se tornaria uma célebre aluna de Jigoro Kano.

depois de terminar sua licenciatura em 1881 continua seus estudos cursando pós-graduação em filosofia e literatura inglesa com diversos professores estrangeiros de língua inglesa contratados pela universidade.³⁴ A Universidade de Tóquio, a única do Japão até 1890, formou a maioria dos professores que seriam destinados ao sistema educativo do país.

Na época da faculdade, Kano praticou os desportos ocidentais. Com os ingleses aprendeu o “cricket” e com os americanos o beisebol além de boxe inglês como educação física com um instrutor inglês (RUAS, 1998). Kano (2011, p. 49-50) diz:

Graças ao meu treinamento constante de jujutsu, eu me tornara forte fisicamente. Na juventude eu tinha tentado outras formas de exercício físico, como ginástica, corrida, remo e caminhada. Entretanto, a atividade esportiva a que mais me dediquei, além do jujutsu, foi o beisebol.

Neste contexto, Nishi Amane (1829-1897),³⁵ um filósofo japonês que ajudou a introduzir a filosofia ocidental no Japão, nomeado pelo governo como “*Yogakusha*” (estudioso e especialista sobre o Ocidente) foi um dos responsáveis pela divulgação e a

34. Segundo Gleeson (1975, p. 90), devido ao assunto que resolveu estudar, ou seja, literatura, Kano teria que dominar sobremaneira a língua inglesa uma vez que esta era a língua acadêmica, ou seja, a “língua franca”, da educação superior. As discussões eram em inglês, estimuladas por Hirogari, presidente da Universidade de Tóquio de 1881 a 1900, influenciadas largamente pelo pensamento europeu. A mesmas afirmações são feitas por Kim Sol em “*A history of the Kodokan*”, *manuscript, university of Montana, 1999*. Disponível em: <http://umjudo.com/JudoHistory/HistoryKano.htm>

35. Em 1862 o governo feudal enviou para a Holanda um grupo de jovens para estudar o pensamento ocidental. Nishi Amane foi um deles. Ingressou na Universidade de Leiden onde estudou política, direito e economia sobre a responsabilidade de Simon Vissering representante do utilitarismo de John Stuart Mill e do positivismo de A. Comte. Depois de regressar da Holanda passou a ocupar postos relevantes no governo inclusive atividade docente para divulgar estas correntes filosóficas. Criou diversas palavras em japonês para expressar conceitos filosóficos ocidentais. (VALLES, 2002, p. 196)

adaptação da filosofia ocidental no Japão (GLEESON, 1975, p. 91). Foi ele quem elaborou os termos *Tetsugaku* para se referir à filosofia ou o modo de pensar ocidental e, *Rinrigaku*,³⁶ ou estudo da forma ética japonesa. Amane se destaca entre os primeiros pensadores japoneses com a

...preocupação em estabelecer os limites entre o nacional e o estrangeiro dentro do pensamento, possibilitando a todas as gerações posteriores de pensadores os instrumentos necessários dentro da língua japonesa para desenvolver uma filosofia autenticamente japonesa que correspondesse ao que se criou no Ocidente” (NUNES, 2012, p.20).

Como segue apontando Gleeson, as obras trazidas do Ocidente por Amane eram leitura obrigatória aos estudantes de filosofia e educação por volta dos anos 1870. Trouxe obras de Comte, Mill, Montesquieu, Hegel que bem provavelmente Kano teve conhecimento, como afirma Gleeson (1975, p. 91) diz no trecho que segue:

Muitos estrangeiros, especialmente ingleses, trabalhavam na Universidade de Tóquio ensinando filosofia, educação e ética ocidental em geral (...). Kano viveu e respirou na sua atmosfera exaltada em que – o mais recente era o melhor – (...). Ele deve ter participado numa grande fatia desta influência.

A mesma afirmação é encontrada em Carr (1993, p. 175) ao apontar que Kano, no período em que esteve estudando na Universidade de Tóquio, estudou, entre outras coisas, a filosofia utilitarista ocidental que teve grande influência na posterior formulação do judô.

36. *Rinrigaku* é uma interpretação dos japoneses feita por meio da filosofia ocidental, para afirmarem algo próprio deles, parte de uma identidade que teve a necessidade de criação para poder diferenciar o estrangeiro do nacional. (NUNES, 2012, p. 21)

Em 1882 Kano é nomeado professor de política e economia em Gakushuin, uma escola da nobreza. Vale ressaltar, como aponta Mutel (1972, p. 220), que nos anos 70 e 80 da era Meiji, todos que possuíam conhecimento técnico e algum idioma estrangeiro, diplomados pela Universidade Imperial de Tóquio, entravam diretamente, sem concurso, na administração com altos salários. Como descreve Villamon e Brousse (2011, p. 107), neste mesmo ano também ministrava aulas particulares para alunos em curso de admissão para a universidade em sua escola, como Kano (apud WATSON, 2011, p. 69) relata:

Logo depois de ter mudado para Eishoji, abri uma escola preparatória, a Kano Juku (...). Minha escola preparatória não foi batizada nem teve nenhuma cerimônia oficial de inauguração, simplesmente foi crescendo, e a vizinhança a chamou de Kano Juku.

A escola funcionava como internato em salas alugadas num templo chamado Eishoji, em Shitaya, Kita Inari-cho. Também fundou, na mesma época, outra escola para ministrar aulas de inglês denominada Koubunkan. Das salas alugadas a maior era utilizada como um *dojo* de *jujutsu* tanto para a instrução de seus alunos como de outros que apareciam para praticar. Foi neste local, já exercendo a profissão de professor, que Jigoro Kano (apud WATSON, 2011, p. 49) funda sua escola chamada KODOKAN como podemos acompanhar em seu relato:

Tínhamos muitos problemas com as tábuas que se soltavam diretamente abaixo do tatame do *dojo*. Há uma história a esse respeito. De vez em quando eram necessários reparos em decorrência dos constantes impactos da queda dos corpos... O sacerdote-chefe estava preocupado. Reclamou que as vibrações resultantes das quedas dos alunos durante nossas práticas tinham feito as tabuletas do memorial da sala ao lado

do *dojo* cair no chão. Além disso, as telhas haviam se deslocado e caído também. Por fim, o sacerdote parecia temeroso de que viéssemos a destruir o templo completamente e pediu que parássemos de utilizar a sala principal como *dojo de jujutsu*. **Construímos um dojo para doze tatames ao lado de um dos portões do templo, e eu o chamei Kodokan.** Grifo nosso.

É importante evidenciar que o judô surge como atividade educativa própria de um espaço escolar e que estava integrado às outras atividades formativas realizadas por Kano. Fica claro, do ponto de vista da gênese do judô, que sua função primordial estava ligada aos objetivos educativos próprios do pensamento da educação integral, definida naquela época como educação intelectual, moral e física. Veremos adiante como este pensamento foi incorporado por Kano em seu programa educativo.

Também fica evidente a grande influência ocidental na formação acadêmica de Jigoro Kano, condição esta que seria em parte responsável pela integração entre o antigo e o novo, entre a cultura oriental e a ocidental na elaboração do judô.

Cayrols (2010, p. 12), quando trata de analisar esta questão diz que: ...“podemos afirmar que Kano fue un occidentalista, pero al mismo tiempo giro la mirada hacia el pasado japonês afanandose en conservar los frutos de una tradición luctatoria milenária”.

É importante ressaltar que o processo de integração Oriente-Occidente no pensamento filosófico é anterior à criação do judô assim como também é anterior ao ingresso de Kano na universidade de Tóquio.

Como aponta Valles (2002, p.140) o pensamento racionalista de espírito crítico e de abertura às ciências naturais provenientes do Ocidente tem como precursor, do ponto de vista da reflexão

filosófica, Banto Yamakata (1748-1821)³⁷ que, em seus estudos, já preconizava a integração da ciência européia com a filosofia oriental antes da era Meiji.

Essa afirmação, que evidencia a tese deste trabalho, ou seja, a influência da integração Oriente-Occidente nos fundamentos do judô é ilustrada na citação a seguir e na figura 2:

El Judô de Kano recoge otras influencias muy variadas que inciden sobre los aspectos filosóficos y éticos, que podemos dividir en dos: las que estaban presentes en La cultura japonesa (la ética *samuray* tradicional o *bushido*, las doctrinas filosófico-religiosas de Oriente), y las que Kano tomo del Occidente democrático, a través de sus lecturas y de su formación en La Universidad de Tokyo. (VILLAMON e BROUSSE, 2011, p. 115)

37. Yamakata, na esfera do pensamento filosófico, contribuiu para a integração do pensamento oriental com a ciência ocidental. Seu método remodelava o pensamento sobre a mitologia japonesa e suas idéias eram tidas como muito progressistas. Seu aporte ideológico sofria resistência pelas circunstancias históricas da época. Somente 47 anos após sua morte o Japão abria espaço aos novos pensadores contemporâneos diante deste tema em que foi precursor. Isso pode ser visto claramente na semelhança entre sua obra *Yume no Shiro* (O mundo dos sonhos) com a obra *Gakumon no Susume* (Recomendação da Ciência) de Fukuzawa Yukichi. (VALLES, 2002, p.155)

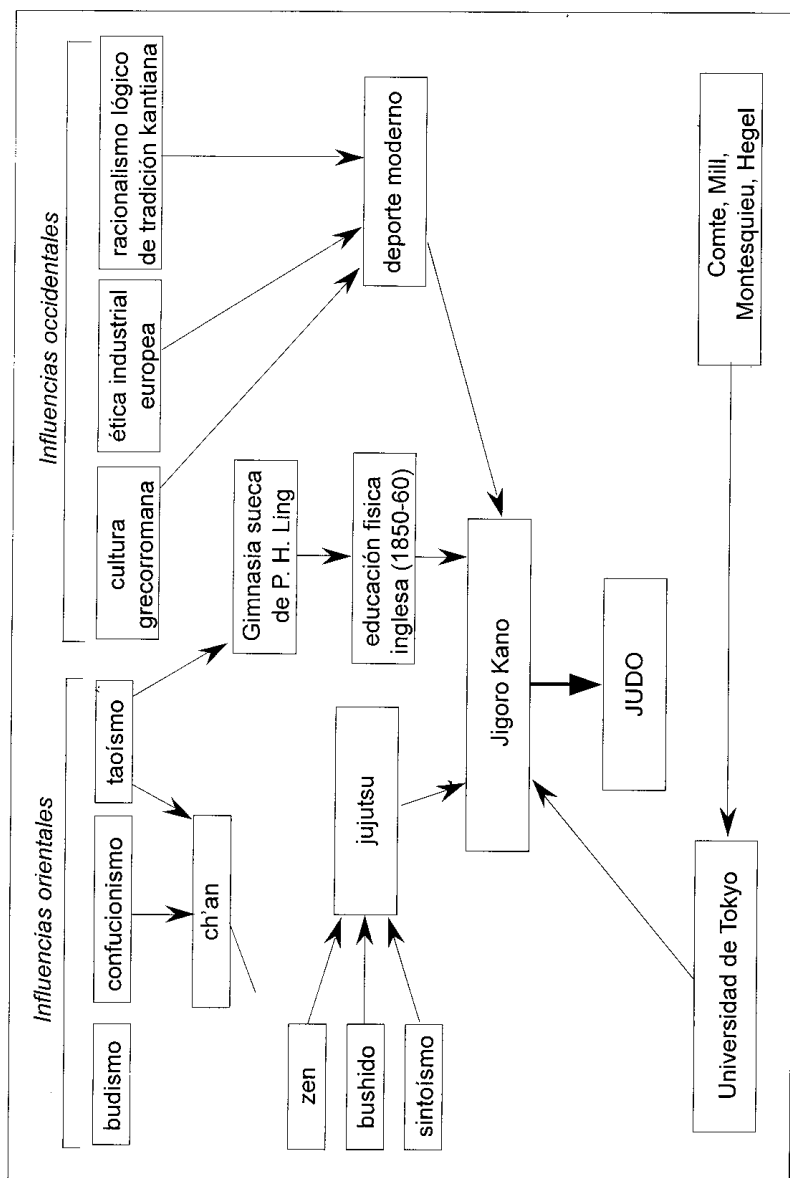


Figura 2 – Influências orientais e ocidentais na gênese do Judo. (VILLAMON e BROUSSE, 2011, p. 116)

A formação acadêmica e a grande influência política e social de Kano não somente foi fundamental na elaboração de seu método como também na divulgação deste pelo Japão e outros países. Como aponta Villamon e Casado (2009, p. 9) “lo mas destacable de su obra resulte ser el que desarrollara una extraordinária labor orientada a reformar y modernizar el sistema educativo del Japón”.

Seu interesse e envolvimento com a educação, logo no início de sua carreira, foram fundamentais também para o desenvolvimento do judô como um dos programas de formação integral do homem, segundo sua concepção.

Devemos considerar, no entanto, que a formação educativa recebida por Jigoro Kano não estava isolada do contexto histórico presente no Japão na década de 70 do século XIX, a mais fortemente marcada pelas influências ocidentais na economia, na educação e na sociedade em geral, onde se fortalece o espírito de iniciativa e as idéias de liberdade e direitos humanos (HENSHALL, 2008, p. 143)

Como nos mostram Junior (1999) e Carvalho (2007) é impróprio querer compreender os aspectos éticos e pedagógicos que dão fundamento educativo ao judô desconsiderando o contexto sócio-histórico deste fenômeno cultural.

Outro autor que também apresenta questões que se referem às influências orientais e ocidentais na origem do judô, Mauri de Carvalho, em sua obra *Judô: ética e educação em busca dos princípios perdidos*,³⁸ as tem apontado em número significativo de vezes, como podemos ver a seguir:

Teria a lógica mercadológica do capitalismo influenciado o pensamento do *Sensei* Jigoro Kano?

38. CARVALHO, M. *Judô: ética e educação – em busca dos princípios perdidos*. Vitória: EDUFES, 2007.

Em que labirinto intelectual estava enredado o *Sensei* Kano ao fundar o Judô?

Teria o *Sensei* Kano ficado a meio caminho entre a ética *samuraica* e a ética europeia calçada na lógica do mercado, do lucro a qualquer preço em desenvolvimento na Europa e, historicamente, que influenciava de forma decisiva o desenvolvimento científico e tecnológico japonês que se consolidaria no terceiro quartel do século XX?

O *Sensei* Kano era um adepto da “Restauração Meiji”, portanto, um monarquista aberto aos proclamas do capitalismo Ocidental ou seria um defensor incontestável do *Bushido*, o concreto e subjetivo obstáculo ao desenvolvimento do capitalismo no Japão, portanto, um intelectual contrário à transformação da vida dos japoneses em perversas relações de troca de capitalistas? (CARVALHO, 2007. p. 62-63)

Segue Carvalho dizendo que elucidar estas questões é fundamental para compreender o judô como meio de educação para a vida e que, poucos são os professores que adentram em debates a cerca desta temática. Daí a relevância do tema a que dedicamos essa obra.

Seus questionamentos não se encerram por aí. Segue desafiando explicações a respeito do “labirinto filosófico e moral” onde estava situado o fundador do judô.

Podemos em sua obra identificar posição frente a estas questões, que bem provavelmente estão baseadas em Gleeson (1975, p. 87-88) apontando para um entendimento fortalecedor da hipótese inicial deste trabalho, acentuando as estruturas fundantes do judô na integração Oriente-Occidente como vemos a seguir:

A propósito desta *antinomia*, há uma ambigüidade que achamos ser preciso explicar melhor. Se, por um lado, a perspectiva de tratar o judô como educação física parece provir de métodos tradicionais dos *Bushi*, por outro lado, parece que a perspectiva de educação política e filosófica teria mais a ver com o Occidente capitalista do que com o

Japão feudal. (CARVALHO, 2007. p. 118)

Carvalho segue afirmando:

Nesse clima político-econômico e social, o judô foi criado. Assim sendo, se por um lado a perspectiva metodológica de educação física utilizada por Jigoro Kano *Sama* parecia porvir do tradicional método *samuraico* – configurado como resistência aos ventos capitalistas –, por outro lado, não é incorreto dizer que sua perspectiva filosófica, política e pedagógica teria muito mais a ver com o Ocidente “democrático”. (CARVALHO, 2007. p. 134)

As questões formuladas por Carvalho corroboram o objeto de estudo dessa obra, que, devido à sua complexidade, não podem ser tratadas apenas superficialmente. Assim seguimos em busca de mais evidências.

Gleeson (1975) fala sobre o “labirinto intelectual” que Kano estava envolto como podemos apreciar nesta citação:

Mas deve-se compreender imediatamente que ele estava num ponto instável de continuação da história. Porém, não só ele tinha as habilitações para saber onde se apoiava e para saber que vias havia e donde vinham, mas também tinha a perspicácia de um utilitarista educativo para aproveitar as vantagens de todas elas! Isto é, como educador (e era esta a sua vocação na vida) ele sabia o que queria para as pessoas que estava influenciando, e estava disposto a utilizar todos os meios para atingir os seus objetivos. E os seus objetivos? Acho que podem resumir nas duas máximas famosas *Jita Kyoie* e *Seiryoku Zenyo* (mais relativamente esta última).

Voltando à ligação instável da história! As vias do Oriente vieram o Confucionismo, taoísmo, budismo (em geral), e Zen, sintoísmo, ética dos samurais (em particular); do Ocidente vieram às novas éticas industriais da Europa, a cultura Greco-romana e o lógico-racionalismo de Kant. (GLEESON, 1975, p. 87)

Este contexto de grandes mudanças que Kano estava imerso também é apresentada por Kim Sol (1999) como escreveu: “Kano’s education proceeded with these new influences all around him, and Kano was a deeply perceptive, highly intelligent observer.”

Niehaus (2010, p. 16) aponta também a relação de integração Oriente-Occidente mostrando que Kano era fortemente influenciado por idéias ocidentais de filosofia educacional especialmente o pragmatismo e o utilitarismo com um claro enraizamento nas tradições confucionistas de pensamento.³⁹

Sobre a questão do humanismo pragmatista o destaque recai sobre a Associação *Meiokusha*⁴⁰ e Fukuzawa Yukichi que influenciou, como nenhum outro pensador, o universo filosófico do Japão em sua época (VALLES, 2002, p. 240).

3.1 Jigoro Kano e a educação

“Quando eu era jovem, após me graduar na universidade, pensei em me tornar primeiro-ministro ou milionário, mas achei que nenhuma dessas opções seria satisfatória. Eu conclui que a educação é a única coisa a qual um homem poderia dedicar sua vida sem

39. “(...) uma história das ideias de contextualização deve ser feita e evidenciará que Kano era, por um lado, apegado a ideias e às filosofias da educação ocidentais, especialmente à do pragmatismo e do utilitarismo. E que por outro lado, tem significativas raízes nas tradições confucionistas de pensamento.” (NIEHAUS 2010, p. 16)

40. A Associação *Meiokusha* assim chamada por ter sido criada no sexto ano da era Meiji em 1873 e tinha por finalidade fazer expandir os limites das apirações dos intelectuais da época. A instituição surgiu por iniciativa de Mori Arinori que havia retornado dos EUA e tinha como membros Fukuzawa Yukichi, Tsuda Mamichi e Nishi Amane ambos enviados para estudar em países ocidentais. A *Meiokusha* publicava diversos artigos sobre temas ligados ao processo democrático e, em 1975 foi suprimida suas publicações por ordem governamental. Mesmo assim a Associação introduziu no Japão muitos aspectos das filosofias de **A. Comte**, **J.S.Mill** e **H.Spencer** marcando a entrada definitiva no positivismo no Japão. (VALLES, 2002, p. 197-198)

arrependimentos, e assim busquei uma carreira na área da educação”. (KANO, 2008. p. 120)

O forte componente educativo que conhecemos sobre a origem do judô certamente se deu pela grande atividade docente e administrativa em instituições educacionais que assumiu Jigoro Kano em sua carreira.

Além das escolas que fundou no início de sua atuação docente e do 1º cargo como professor de ciências econômicas e políticas no Gakushuin, Kano (apud WATSON 2011, p. 68) nos conta que de março de 1884 a 1887 foi nomeado professor de economia da Escola Agrícola Komaba. Em 1885 foi indicado, com a aprovação do imperador Meiji, para cargo de diretor do Gakushuin.

Kano faz sua 1ª viagem pela Europa de 13 de setembro de 1889 a 16 de janeiro de 1891 para realizar pesquisas educacionais. Ao retornar torna-se conselheiro do Ministério de Educação. Em 1893 é chamado pelo Ministério de Educação com a tarefa de credenciar livros didáticos para as escolas do país e nesse mesmo ano teve que renunciar o cargo de Diretor da Escola Superior de Kukamoto, para atender ao Ministério. Por ocasião desse fato, Kano (apud WATSON 2011, p. 99) afirma:

Por desejar que introduzissem no Japão reformas educacionais semelhantes às que haviam sido implantadas na Europa, fiquei muito interessado e entusiasmado com a idéia. Depois de muito refletir, decidi renunciar a meu cargo em Kukamoto.

Após a conclusão de seu trabalho de avaliação e seleção dos livros didáticos é convidado para dirigir o Ginásio Número Um. Neste mesmo período assume o cargo de reitor da Faculdade de Formação de Professores de Tóquio em setembro de 1893. Kano nessa época acumula três atribuições concomitantes: conselheiro do

Ministério da Educação, Diretor do Ginásio Número Um e Diretor da Faculdade de Formação de Professores de Tóquio.

Devido à dificuldade de se manter nas três funções, Kano acaba por dedicar-se em tempo integral como diretor da Faculdade de Formação de Professores cargo que ocupou por 3 vezes entre 1893 e 1921.

Kano (apud WATSON, 2011, p. 105) tão logo tem seu método definido, estabelece a relação do judô como processo educativo e seu desejo de torná-lo uma prática por todo o Japão como ele mesmo relata:

Minha ambição era uma expansão sistemática do judô por todo o país. Alguns anos antes, em 1888, eu tinha delineado esses planos para a Associação Imperial de Educação em minha palestra: *O valor do judô na educação*. Estavam presentes a essa palestra o ministro da Educação Takeyaki Enomoto, e o ministro (representante diplomático) italiano.

Como diretor da Faculdade de Formação de Professores Kano, por volta de 1894, monta um *dojo* na faculdade, a princípio numa sala improvisada e depois num ginásio denominado *Ushokan* que serviria para aulas de ginástica e de judô. Nesta mesma instituição organiza um curso especial em 1906, que combinava estudos de humanidades com treinamento de ginástica e, mais tarde, outros cursos que combinavam as disciplinas acadêmicas e o ensino de judô, kendô e outros esportes. O curso de Educação Física vai tomando forma, como Kano (apud WATSON 2011, p. 110-111) relata: “Por isso decidi estender o curso de Educação Física de três para quatro anos e ampliei o currículo de modo a incluir ética, educação, fisiologia e anatomia, junto com aulas de ginástica, judô, kendô e outras artes”.

Kano (apud WATSON 2011, p. 112) também descreve como deveria ser um instrutor de judô ideal:

É desejável que os instrutores treinem diligentemente para dominar as técnicas de ataque e defesa. Além de mestres hábeis num combate sem armas, os instrutores de judô devem ser habilidosos nas artes de *bojutsu*⁴¹ e *kenjutsu*.⁴² É igualmente importante que saibam como um homem pode valer-se de uma situação em seu proveito e vencer uma competição e porque o outro é derrotado. Precisam ter um conhecimento detalhado de Educação Física, de método de ensino e entendimento profundo do significado da educação moral. Por fim, o bom instrutor deve saber empregar os princípios do judô extensivamente para ajudar na vida cotidiana e como esses princípios podem ser benéficos para a sociedade em geral.

Nota-se que, na descrição acima, podemos identificar que a formação de um professor de judô ideal, ou, nas palavras de Kano, “um educador de primeira linha”, é necessário reunir conhecimentos provenientes da cultura oriental, como as técnicas de judô, *bojutsu* e *kenjutsu*; com as de origem ocidental, como as teorias de educação física e os métodos de ensino. Fica evidenciada a questão da moralidade que se fundamenta em parte no pensamento oriental e, em parte, no ocidental como veremos mais adiante.

Sobre este tema, durante o mandato na Escola de Formação de Professores, Kano (apud WATSON, 2011, p. 152-153) aponta:

Durante meu longo mandato de diretor da Faculdade de Formação de Professores de Tóquio, fui descobrindo cada vez mais a importância de transmitir a educação moral aos jovens. (...) herdamos dos nossos ancestrais e reconhecemos as normas de moralidade características do

41. A arte de manejar o bastão, conhecida no Japão como *bojutsu*, é uma arte presente em muitas outras culturas orientais. No Japão, seu refinamento aconteceu nos períodos Azuchi-Momoyama (1573-1603) e Edo (1603-1868). Kano publicou na Revista “Judô”, em abril do ano Showa 10 (1935) a relevância deste tipo de prática associada ao judô. Mais detalhes deste assunto podem ser encontrados em <http://www.judo-educazione.it/Judo/bojutsu.html>

42. Kenjutsu: Arte da Espada ou Técnica da Espada.

Japão, noemas essas baseadas em nossa relação com os membros imediatos da família e com os de fora do círculo familiar. Essas normas, observadas e transmitidas de geração a geração, foram fortemente influenciadas pela sabedoria do tradicional confucionismo e do budismo. (...) **Nos últimos anos, um número crescente de escritos oriundos de fontes estrangeiras também tem influenciado o pensamento japonês nesse importante aspecto.** Grifo nosso.

Quais seriam essas fontes estrangeiras que influenciavam o pensamento do povo japonês em torno da moralidade? Por que está temática era tão importante para Kano?

3.2 Do *jujutsu* ao Judô Kodokan: traços da integração Oriente – Ocidente

A educação superior recebida por Kano, segundo Villamon e Brousse (2011, p. 109-110) havia lhe ajudado a adquirir um espírito moderno e prático ao mesmo tempo em que incentiva a preservação da cultura japonesa que poderia adaptar-se aos tempos modernos. Esta formação intelectual possibilitou analisar as melhores técnicas provenientes do antigo *jujutsu* destacando as mais eficazes e acrescentando suas próprias criações integrando, desta forma, a “sutileza do *jujutsu* com o espírito da nova era”. (MATSUMOTO, 1996, p.37)

Esta mesma perspectiva de análise pode ser encontrada também em Niehaus (2010, p. 76):

Na segunda metade do período Meiji, Kano conseguiu criar um sistema de arte marcial, sistema que tinha em seu núcleo a arte marcial tradicional combinada com as mais recentes ciências ocidentais do esporte, medicina esportiva e disciplinas das ciências da Educação. Ele apresentou o judô, ao contrário do “velho” *jujutsu*, como um conceito

de educação holística, que, como parte do currículo escolar, deveria fortalecer o patriotismo do povo e ajudar o governo japonês a alcançar um plano de igualdade com os “países civilizados”. Este foi o ponto chave para o sucesso do judô.

Buscando evidências da integração Oriente-Occidente na transformação do *jujutsu* antigo no judô Kodokan, encontramos traços da influência ocidental a partir da preocupação metodológica de Kano de explicar, através de estudos sistemáticos das técnicas antigas das diversas escolas de *jujutsu* existentes, princípios comuns e lógicos entre elas, portanto uma metodologia fundada na razão, próprio daquilo que era considerado na época de pensamento moderno (CAYROLS, 2010, p. 13), como Kano afirma:

Assim, eu trabalhei com afinco em minha meta de reformar o judô, e em 1882 peguei os pontos fortes de cada escola, sem aderir a uma ou duas escolas em particular, e estabeleci o judô Kodokan com base em conceitos científicos modernos e de acordo com princípios educacionais. (KANO 2008, p.56)

A partir dessa citação, surgem as questões: que conceitos científicos modernos são esses? De quais princípios educacionais está tratando e de onde eles vêm? Questionamento similar foi apresentado por Watson (2011, p. 202) como segue:

...voltando aos objetivos de Kano, o que o teria influenciado acima de tudo quando pensou em adaptar o antigo jujutsu para a atividade positiva nos tempos modernos, mais especificamente uma atividade que, segundo ele, ajudaria a estimular o indivíduo intelectualmente e melhorá-lo moralmente?

De forma comparada podemos notar nos escritos de Herbert Spencer, um dos teóricos citado pelos autores com sendo de estudo

de Kano, com relação ao processo metodológico para elaboração do judô: “O estudo da ciência tem, portanto, uma grande importância por preparar para tudo isso, porque os conhecimentos racionais têm uma superioridade imensa sobre os conhecimentos empíricos”. (SPENCER, 1884, p.11)

A afirmação do modelo científico racionalista e utilitarista como meio único de guiar as ações de forma disciplinada, concentrando nos conhecimentos de maior valor, é defendida por Spencer como segue:

Para a direta conservação própria, para a conservação da vida e da saúde, o conhecimento mais importante é da Ciência. Para a indireta conservação própria, o que se chama ganhar a vida, o conhecimento de maior valor é a Ciência. Para o justo desempenho das funções de família o guia mais próprio só se encontra na Ciência. Para a interpretação a vida nacional, no passado e no presente, sem a qual o cidadão não pode justamente regularizar o seu procedimento, a chave indispensável é a Ciência. Para a produção mais perfeita e para os gozos da arte em todas as suas formas, a preparação imprescindível é ainda a Ciência, e para os fins da disciplina intelectual, moral e física – o estudo mais eficaz é ainda uma vez, a Ciência. (SPENCER, 1884, p. 87-88)

Matsumoto (2005, p. 238) ao analisar o sistema metodológico utilizado por Kano na transformação do *jujutsu* em judô afirma que “*este método é diferente a qualquer coisa do passado, principalmente porque se referia à ciência moderna e as teorias racionalistas*”.⁴³ Outro autor que apontou uma evidência a esse tipo de influência ocidental na metodologia adotada por Kano foi Ruas (1998, p. 25) como podemos ver:

43. “*But this method differed to anything in the past mainly because it referred to modern science and rationalistic theories*”. (MATSUMOTO, 2005, p. 238)

Jigoro Kano, era um pesquisador perfeccionista colocava o rigor científico na ponta dos seus trabalhos, conta em sua memória que na escola de Autos-Estudos da Universidade de Tokyo, se dedicou em profundidade ao estudo da metodologia e da didática e que importava livros da Europa para ajudar em suas pesquisas. Havia coletado centenas de técnicas e golpes e um dia, após ter recebido uma remessa de livros em inglês e francês, exclamou: – Achei! Era nada mais nada menos, do que uma classificação metodológica, que o inspirou na classificação do seu *Gokyo*.⁴⁴

O ensino do *jujutsu* antes de sua transformação em judô era feito através de uma metodologia intuitiva, ou seja, o discípulo praticava as técnicas mais por imitação e quase não recebia instrução de como realizar as técnicas. Este tipo de metodologia, própria do ensino do *budô* baseado nas tradições Zen budistas, desagradava Kano. Quando ele passou a fazer aulas de *jujutsu* desejava entender o porquê das técnicas, como elas eram executadas e como se relacionavam entre si. Essa abordagem de compreensão de sua prática retrata uma forma de pensamento analítico/dedutivo que é próprio do racionalismo e do positivismo, ou seja, correntes ocidentais de pensamento científico. Assim nos conta Kano:

A política educacional do passado era não ensinar a teoria no início para que depois os alunos praticassem as aplicações. Em vez disso, os instrutores ensinavam os alunos as técnicas que haviam aprendido durante seu próprio aprendizado e esses pupilos passavam essas técnicas a seus alunos. Portanto, o princípio básico que serviria como objetivo principal do ensino não era claro. (KANO, 2008, p. 31)

44. *Gokyo* é a organização de 40 técnicas de projeção organizados em 5 grupos de 8 técnicas cada.

Kano também nos dá um exemplo de como se ensinava *jujutsu* antes de desenvolver seu método:

Uma vez meu mestre me arremessou da maneira que hoje chamamos *sumi-gaeshi*. Eu não sabia como ele tinha feito aquilo, então lhe perguntei. Ele não disse nada e continuou a usar a técnica em mim repetidamente. Eu implorei para que ele me explicasse como fazia aquilo e ele usou a técnica em mim novamente. Dessa vez, pedi a ele que me explicasse em detalhes, como puxar os braços, como posicionar as pernas, como abaixar o quadril, sem usar o *waza* em mim. Então o mestre respondeu: “Mesmo que você pergunte algo assim agora, a resposta não será útil pra você. Mas se repetir o *waza* várias vezes e praticar, você aos poucos compreenderá” (KANO, 2008, p. 31)

Kano, ao organizar seu método, propõe o estudo e a prática das técnicas como o propósito de usar a energia mental e física de maneira mais eficiente para atingir os objetivos, não importando quais sejam eles.

Por outro lado, o tipo de treinamento que recebeu durante suas aulas de *jujutsu* o aproximou do método utilizado pelos praticantes de *budô* e, principalmente evidenciando a idéia de que o aprendizado deve ser vivido pelo corpo, um importante componente da cultura japonesa, como apresentado no capítulo I a partir dos estudos de Hirose (2010) sobre o *Mi*. Nesta perspectiva querer aprender uma *waza* (técnica) sem prática persistente e sistemática com o corpo inteiro, não é viver o *waza*. Essas experiências fortalecem em Kano o espírito de perseverança, seu assunto predileto (WATSON, 2011, p. 55).

Também no capítulo I mostramos algumas distinções entre o método de pensamento oriental, mais intuitivo, sustentado pela experiência direta, não intelectual, através de uma percepção mais apurada que tende a ser sintetizador, holístico, não-linear e ecológico e o método de pensamento racional do ocidental, linear, centrado e

analítico com a função de discriminar, medir e classificar. Assim, podemos sugerir que Kano, ao organizar sua metodologia de transformação do *jujutsu* para o judô adota o pensamento ocidental como referência para subdividir, classificar e compreender a mecânica dos golpes, mas não deixa de considerar a atitude de persistência na prática sistemática em busca do auto-aperfeiçoamento, como já mostramos, através dos termos *Shin gi tai* que traduz a maneira oriental de viver com o corpo um aprendizado.

Naoki Murata, no posfácio da obra *Energia Mental e Física: escritos do fundador do judô* (2008, p. 119-120) diz que “ao mesmo tempo em que respeitava e valorizava as tradições do jujutsu, Kano incorporou ao seu judô um novo conceito de moralidade e atendeu ao propósito da educação saudável ao enfatizar a ciência e a lógica”.

Desta forma, se por um lado Kano adota influências ocidentais como método científico, por outro evidencia a valiosa característica cultural do *jujutsu* para representar o pensamento oriental afirmando que: “Mesmo não estando livre de falhas, o jujutsu como um todo é uma herança cultural realmente valiosa que deve ser preservada” (KANO 2008, p.19).

Vale ressaltar que o processo de integração Oriente-Occidente permeava a sociedade japonesa na época da criação do judô. Modernizar e manter as tradições também consistia no desafio central da implantação do sistema de educação no Japão na época como aponta Duke (2009, p. 2) quando trata do Primeiro Plano Nacional de Educação situado na disputa entre a educação moral e a educação científica e diante da questão: “como modernizar tecnologicamente e cientificamente de acordo com o modelo ocidental enquanto preserva-se a soberania nacional e a tradição cultural oriental?”

Em outra passagem Kano (apud WATSON, 2011, p. 51) conclui que os esforços destinados à prática do *jujutsu*, que a princípio foram

criados para derrotar um inimigo num campo de batalha (*bujutsu*) possibilita, em sua forma transformada, um método de treinamento para fortalecer o homem para enfrentar os desafios da vida cotidiana, assim afirma:

A maioria das técnicas tradicionais de *jujutsu* foi criada somente para mutilar ou matar um inimigo e não trazem de forma alguma nada de positivo moral, intelectual nem fisicamente. No entanto, concluí depois de modificações que muitas dessas técnicas de *jujutsu* poderiam ser executadas de maneiras menos perigosas; poderiam ter uma natureza prática para o cotidiano da vida moderna, ter o valor como exercício físico e ajudar no desenvolvimento das faculdades mentais.

O termo judô não foi criação de Kano. Cerca de dois séculos antes da fundação do judô Kodokan, uma escola de *jujutsu* chamada *ryu Jikishim* utilizava o termo para caracterizar o estudo das técnicas de lutas sem armas que levava em conta o aspecto mental do treinamento. Dessa forma, Kano utilizou esse nome proporcionando uma releitura das técnicas de *jujutsu* evidenciando a formação física, moral e intelectual. Assim manteve viva uma parte da tradição oriental.

O nome da escola que fundou, a *Kodokan*, onde *Ko* significa “estudo” *do* significa “caminho” e *kan* quer dizer “lugar”, ou seja, “um lugar para o estudo do caminho”. O termo judô vem dos ideogramas *ju*⁴⁵ (cujo significado deriva da filosofia taoísta traduzido como ceder, flexível) e *do* (caminho ou via para o japonês relativo ao *Tao* chinês – um caminho a seguir na vida, um cultivo a si em busca da autoperfeição). Nesta passagem do *jujutsu* para judô Kodokan, Kano diz:

45. Para Draeger (apud VILLAMON & BROUSSE, 2011, p. 112), o conceito *ju* é o elemento de ligação entre o antigo *jujutsu* e o judô. Na opinião do autor este conceito transferiu-se através da escola de *jujutsu Yoshin Ryu*.

“A palavra *jujutsu* e judô são cada uma escrita com dois caracteres chineses. O *ju* em ambas é o mesmo e significa *suavidade* ou *dar forma*. O significado de *jutsu* é *arte, prática*, e não significa *princípio ou caminho*. O caminho é o conceito da própria vida. *Jujutsu* pode ser traduzido como *arte suave*, judô como o *caminho da gentileza*. A Kodokan é, literalmente, *a escola para estudar o caminho*. É um modo de vida.”(KANO,sd)⁴⁶

A partir do desejo de construir um método educativo eficaz, Kano promoveu significativas alterações na parte técnica do *jujutsu* resumidamente: a eliminação de práticas que pudessem ser lesivas;⁴⁷ aperfeiçoamento das pegadas (*kumi kata*) que permitiam à aplicação dos golpes de projeção orientando a queda e evitando lesões; o aperfeiçoamento das técnicas de queda (*ukemi*) pelo mesmo motivo, proteger o praticante; o sistema de graduação (*kyu – Dan*) e a elaboração de diversos *katas*. Porém aquilo que vem a ser evidenciado por Kano como o sentido maior do judô, envolvia o desenvolvimento de uma atitude moral utilitária.

Desta forma Kano, a partir da intenção de construir um consistente método educativo, aperfeiçoa o que já existia e não cria uma luta sem referências. Sendo o *jujutsu*, também na época com outras

46. Kano, Jigoro. (Undated.) *Jujutsu Becomes Judo*. Disponível em: <http://www.judoinfo.com/jhist5.htm>. Tradução do autor.

47. Esse movimento de reestruturação das lutas para uma condição menos lesiva também pode ser vista com relação ao boxe na Inglaterra como sugere esta citação: “Se compararmos os jogos populares realizados com bola nos finais da Idade Média com o futebol e o rugby, os dois ramos do futebol inglês que emergiram no século XIX, pode notar-se que existe um aumento da sensibilidade em relação à violência. A mesma mudança de orientação pode ser verificada no boxe. As formas mais antigas de pugilismo não eram totalmente desprovidas de regras. Porém, os punhos eram desprotegidos e muitas vezes as pernas eram utilizadas nas lutas. A luta assumiu as características de desporto pela primeira vez na Inglaterra com a introdução de regras que limitavam os danos físicos aos adversários, eliminando o uso das pernas nos combates. Além disso, o aumento da sensibilidade foi verificado com a introdução das luvas e, com o tempo, pelo acolchoamento destas, para amenizar os danos físicos aos adversários”. (STAREPRAVO e NUNES, s/d)

nomenclaturas – como: *yawara, kumiuchi, kogusoku, torite, kenpo, kakuda e shubaku* – uma prática com registros históricos de meados do século XVII seria improvável que Kano tivesse elaborado, em poucos anos, uma prática de luta desligada da tradição. O respeito à tradição ao que já existia, é marca forte da ligação oriental da elaboração do judô em seu aspecto prático. Podemos entender que, essa re-leitura do *jujutsu*, destinando-o a um propósito educativo, é retrato da enorme capacidade de Kano de compreensão do período histórico-social, que se tornou possível em função de suas experiências vividas em outros espaços que não o *dojo* onde tinha aulas.

Sua experimentação prática e um aprofundado estudo da luta de *jujutsu*, sua formação acadêmica de grande erudição, sua atividade docente de dimensões nacionais e sua experiência de intercâmbios internacionais compuseram os elementos que contribuíram, ao longo do tempo, na formulação do judô Kodokan, tornando-a uma escola com forte componente educativo, resultado de um pensamento sistêmico e convergente entre a tradição oriental e a emergência da ocidentalização.

Villamon e Brousse (apud CASADO e VILLAMON, 2009, p. 15-16) apontam a preocupação de Kano em unir o antigo com o novo, a tradição japonesa com a emergência da ocidentalização na passagem:

As razões desta fundação foram poder desenvolver suas próprias idéias durante os anos de intensas rivalidades entre as escolas de *jujutsu*, ainda por seu propósito de fundir o antigo com o novo, criando novos métodos e técnicas de treinamento e incluindo novas formas de pensamento, pois além das considerações técnicas, Kano, conhecedor das tendências europeu-norte-americanas em educação e esportes, deu importância relevante a elementos do pensamento ocidental moderno.⁴⁸

48. Tradução do autor.

Um dos marcos de interação Oriente-Occidente no processo de elaboração do judô Kodokan está evidente na transformação do *jujutsu* antigo. O *ju* (ceder e flexibilidade), termo que permanece na construção do judô, entendido tanto do ponto de vista físico como mental, implica em absorver a força de um oponente num processo de interceptação, descarte e/ou neutralização. A relação do *ju* com o taoísmo pode ser observado por Mosterin (apud CASADO e VILLAMON, 2009, p.14):

A exaltação da brandura é uma constante de Laozi. Por paradoxo que pareça, só cedendo se vence, somente mediante a doçura e a suavidade se triunfa sobre a força e a dureza. Esta é a lei do Tao, manifestada em toda a natureza, como mostra as águas maleáveis vencendo a dureza das pedras.

Este princípio é reconhecido por Kano em relação ao *Jujutsu* como segue:

Há vários registros antigos transmitidos através dos tempos sobre o verdadeiro significado do termo *jujutsu*, mas poucos deles são precisos. Pode-se dizer que esse nome aparentemente deriva de *ju yoku go o seisu*, que pode ser traduzido como *o suave controla o duro*.” (KANO, 2008, p. 35)

Kano (2008, p. 36) dá o seguinte exemplo, numa situação de luta, para esclarecer seu entendimento a respeito deste princípio:

Vamos imaginar que eu tenha um oponente cuja força, numa escala de 1 a 10, tenha potência 10, eu preciso enfrentá-lo com minha força de potência 7. O que acontecerá se eu resistir quando meu oponente me empurrar com toda a sua energia? Serei vencido, mesmo que eu use toda a minha força. Se, em vez de resistir a esse oponente que é mais forte do que eu, eu me adaptar e me ajustar a força dele e me

afastar, ele cairá para a frente, impulsionado pela força de seu próprio ataque. Sua força de potência 10 se tornará uma força de potência 3 e ele tropeçará e perderá o equilíbrio.(...) Essa estratégia pode ser usada seja qual for a “potência” da força usada, e possibilita que oponentes mais fracos vençam outros mais fortes. Essa é a teoria do *ju yoku go o seisu*.

No entanto, este conceito seria reorganizado por Kano por considerar insuficiente para explicar a aplicação dos *waza* (técnicas) do judô como aponta:

Contudo, com uma observação mais atenta, torna-se óbvio que nem sempre podemos explicar as coisas usando a teoria do *ju yoku go o seisu*(...). Mesmo nos chamados *jujutsu*, *yawara* ou *taijutsu* antigos, a teoria de *ju yoku go o seisu* não era suficiente para explicar os vários tipos de *wazas*, e apenas servia como uma explicação parcial (KANO 2008, p. 36-37)

Assim, Kano apresenta um novo conceito complementar ao existente para explicar o que de fato ocorre na aplicação dos *waza* do judô segundo sua interpretação, especialmente quando pensava em sistemas de forças e alavancas. O conceito complementar e denominado *Seiryoku Saizen Katsuyo* ou, de forma abreviada, *Seiryoku Zenyo*.

3.3 Os princípios do Judô Kodokan. *Seiryoku Zenyo*, *Jiko no Kansei* e *Jita kyoei*: influência do pensamento filosófico ocidental e o *Do* de interação Oriente - Ocidente

Quando se fala nos princípios filosóficos do judô são reverenciados os conceitos de *Ju* (*gentilmente vencer a brutalidade*), *Seiryoku Zenyo* (*melhor uso da energia*), *Jiko no Kansei* (*aperfeiçoa-*

mento próprio) e *Jita Kyoiei* (prosperidade e benefício mútuo), que juntos completam o propósito maior da prática do judô descrito por Kano.

Antes de analisarmos esses conceitos é importante salientar que eles não surgiram ao mesmo tempo, foram aparecendo e se estruturando no transcorrer da história e ajustando-se à realidade social.

Segundo Suzuki (1986, p. 35), de 1882 a 1899 foi dada maior ênfase à competição nas disputas com o *jujutsu* como forma de provar a eficácia do método de luta, porém nunca foram tomadas como fim e sim como um meio. De 1889 a 1899 Kano explica a teoria do *Ju*. De 1900 em diante somente o conceito de *Ju* não era suficiente para abranger o método e seus propósitos. Surge então o enunciado *Seiryoku Zenyo em 1910*⁴⁹ e, finalmente em 1922, *Jita Kyoiei*.

Jigoro Kano, ao desenvolver o judô Kodokan a partir da cultura tradicional do *jujutsu*, demonstra uma forte ligação com o pensamento ocidental emergente na época, influenciado por sua grande preocupação em construir um método educativo para atender as transformações sociais vigentes, que envolviam a crescente industrialização e militarização do país e relações internacionais conturbadas, Kano aponta:

Eu fiz isso pesquisando tanto quanto possível o *jujutsu* que até então existia, mantendo o que, no meu entender, valia a pena manter e descartando o restante, estudando profundamente as técnicas e teorias e reformulando-as de uma maneira que fosse aplicável para a sociedade atual. (KANO, 2008, p.19).

Neste sentido Jigoro Kano afirma que a prática do judô deve ser de acordo com o princípio *Seiryoku Zenyo*. Cunningham (apud

49. Data também apresentada por Niehaus (2010, p. 168).

CASADO e VILLAMÓN, 2009, p. 28), assim compreendem o termo: *Se diz respeito a uma energia vital, ryoku traduz-se como poder ou força e, na integração do ideogramas, seiryoku é entendido como vitalidade. Zen significa bom, virtuoso, melhor e yo é uso. De maneira que o princípio Seiryoku Zenyo é o melhor uso da energia vital.*

A energia mental e física deve ser usada de maneira mais eficiente possível para que se chegue ao resultado desejado, Isso quer dizer que é necessário que se aplique o método ou a técnica mais eficiente para o uso da mente e do corpo. Se usarmos o termo *seiryoku* para designar a energia mental e física de uma pessoa, isso será expresso como *seiryoku saizen katsuyo* (o melhor uso da energia). (KANO 2008, p. 39-40)

O princípio *Seiryoku Zenyo* é considerado por Kano como essencial e deve ser aplicado na atividade de luta,⁵⁰ no treinamento mental e na educação moral além de estendê-lo para a vida diária. Este princípio, segundo Oimatsu (1984), a partir da declaração de memória de Suichi Nagaoka, um dos discípulos de Kano, já era ensinado em 1897 mas foi declarado efetivamente como um fundamento em 1910.

Procuramos entender este conceito com mais profundidade, em primeiro lugar para conhecer melhor sua origem e num segundo momento identificar a possível integração entre o pensamento oriental e ocidental em sua formulação.

Quando Kano explica o princípio no treinamento mental, chama a atenção para a delimitação de objetivos claros nas ações e o estabelecimento de procedimentos precisos e eficazes seguidos da elimi-

50. Os fundamentos técnicos do judô na aplicação dos golpes são basicamente o *Kuzushi* (desequilíbrio do adversário) o *tsuruki* (entrada do golpe) e *Kake* (projeção). Kano explicava estes fundamentos técnicos utilizando o sentido *Seiryoku Zenyo* (melhor uso da energia) através do princípio das alavancas.

nação de dispêndio de energia desnecessária. Este conceito de aplicação de energia de maneira eficiente, apresenta-se muito similar ao conceito de esforço apresentado por John Dewey (1859 – 1952) em sua obra “Vida e Educação” publicado em 1902. Quando Dewey explica o conceito de esforço com fins educacionais diz que não pode ser entendido como “simples dispêndio de força e de energia” assim para Dewey o que determina a necessidade do esforço é “fazer o indivíduo mais consciente do fim e do propósito de sua ação; e depois, libertar a energia, fazendo-o passar de um combate cego e sem reflexão para um combate inteligente e refletido”.

Para Kano, segundo Maekawa e Hasegawa (1963), o “uso mais efetivo da energia” está relacionado com o objetivo de uma ação que, quando melhor realizado torna-se “mais efetivo” assim, “tudo o que uma pessoa faça, deve fazê-lo a fim e obter bons resultados. O melhor meio para obter bons resultados é o uso da própria energia na direção certa com o mínimo de desperdício possível e efetivamente”.

Como aponta Maekawa e Hasegawa (1963) Kano estabeleceu um princípio básico a partir de seu forte desejo de adotar a eficiência e o “racionalismo moderno” a partir da observação de vários aspectos da vida concluindo que, muitas pessoas, desperdiçam sua energia diariamente. Kano inferiu que para se alcançar um propósito almejado e para que tenha sucesso a pessoa não deve desviar-se do caminho, indo direto ao objetivo.

Com relação ao “racionalismo moderno”, seguem os autores afirmando que este princípio se mostra como uma reflexão pessoal de Kano sobre as idéias do racionalismo ocidental mas precisamente das correntes filosóficas do utilitarismo⁵¹ de Stuart Mill assim como

51. O utilitarismo, corrente filosófica que relaciona o bom com o útil e dá base e critério para os valores morais. Trata de um pensamento Inglês sobre ética, política, economia que estava presente nos séculos XVIII e XIX. O utilitarismo pode ser considerado a

suas experiências de observação em relação ao modo de vida ocidental e a sociedade industrial (MAEKAWA & HASEGAWA, 1963, p. 6). Em nota, Casado e Villamon (2009, p. 29) confirmam esta interpretação.

Carr (1993, p. 180) também atribui ao conceito *Seiryoku Zenyo* uma parcela de influência do utilitarismo pragmático pois o “*ju*” (suave – flexível) tende a idéia de racionalização do uso da energia.⁵²

Basicamente o princípio *Seiryoku Zenyo* comporta o uso da própria energia para obtenção dos máximos resultados, ou seja, concentrar as forças físicas e mentais com maior efetividade em consonância com um objetivo.

primeira manifestação do positivismo na Inglaterra, um complexo positivismo moral. Na prática, a moral é vista como instrumento de ação para agir sobre o mundo social. O efeito da ação utilitária deve ser o mais abrangente possível produzindo o maior bem possível a todos. Dos diversos autores utilitaristas Stuart Mill foi o mais lido no Japão Meiji. Baseado numa referência ética e política o movimento pretendia alcançar o bem-estar individual de modo que outros poderiam se beneficiar dele. Para Mill o ser humano sabe que para ser verdadeiramente feliz também deve querer a felicidade do outros. Por isso deveria se estimular o desejo altruísta e não um movimento individual e egoísta, mas sempre mantendo o homem em posse de sua liberdade individual. A obra *Sobre a Liberdade* (1859) foi utilizada pelo governo japonês para racionalizar e justificar a economia comercial e industrial que estava crescendo no Japão. Neste livro Mill esboçou uma sociedade que exigia de seus membros uma responsabilidade ativa para promover o desenvolvimento das instituições democráticas. O utilitarismo era uma alternativa racional ao confucionismo porque colocou ênfase na produtividade, fundamental para aquela época e também porque se tratava de uma doutrina social onde o trabalho era para o bem de todos. Como as pessoas estavam ligadas ao confucionismo o mais fácil era absorver seus pressupostos. (IMPARATO, R. s/d) Disponível em <http://ebookbrowse.com/jigoro-kano-e-il-judo-kodokan-pdf-d213938160>

52 The second principle, *seiryoku-zen'yo* (“maximum efficiency”), guided much of Kanô’s innovative development of technique. Drawing on pragmatic utilitarianism, he saw the “flexibility” of *jû* (in *jûdô* and *jûjutsu*) as making sense because it minimizes the expenditure of force by not meeting the force head on, but strategically directing it. Every element of every technique was clearly analyzed – “The true feature of Judo is to show justice through reason. That no action is to be done without reason is most important.” 76 Thus, *jûdô*, like other modern sports reflects an interest in rationality and constant scientific improvement. (CARR, 1993, p. 180)

A mesma perspectiva de análise também é anunciada por Cayrols (2010, p. 17) considerando que este princípio fundamental é um claro exemplo de aplicação dos processos de racionalização.

Oimatsu (1984) diz que Kano instruía seus estudantes a conduzirem suas atividades com o espírito de nunca desistirem. Para isso escrevia algumas máximas como: *tsutomureba kanarazu tassu* (se houver esforço, sempre há realizações) ou *katsuryoku* (esforço). Estas, entre outras mensagens, transmitiam a essência de *Seiryoku Zenyo*.

Esta idéias transmitidas aos alunos podem ser encontradas na obra de Smiles, “O Poder da Vontade” de 1859, no sexto capítulo intitulado “Energia e Constância” como podemos observar nas passagens a seguir:

Uma boa dose de energia torna o Homem capaz de accubar-se com as mais áridas minuciosidade, de se aplicar aos mais ímprobos trabalhos, e afinal o eleva a uma posição eminente, seja qual for a condição social em que elle haja nascido. (...) É na firmeza de propósito, e não na eminencia dos talentos, na vontade de trabalhar com energia e perseverança, que não no poder de triumphar das difficuldades, que teremos em todos os casos segurar garantias de bom êxito; de onde se segue que no character humano a energia é verdadeiramente a força principal. (SMILES, 1870, p. 205) *Grafia original*.

É parte do discurso de SMILES tratar da importância do estabelecimento das metas e a aplicação de energia em sua direção:

Os vagos desejos e as aspirações sem alvo determinado engendram de ordinário uma espécie de chlorose no espírito dos mancebos; importa, pois, que esses desejos se traduzam em fatos e atos. Não basta esperar (...); deve-se, entremantes, combater e perseverar. (...) Formada uma resolução, revela que a executemos com ardor e sem nos desviarmos da nossa meta. (SMILES, 1870, p. 206)

Na citação a seguir pode-se resumir a idéia central do sexto capítulo da obra de Smiles:

É a força de resolução, *a vontade*, que dá ao homem o poder de fazer ou de ser tudo quanto elle próprio tencionou fazer ou vir a ser. (SMILE, 1870, p. 209)

Existe uma forte semelhança entre os pensamentos de Kano e de Smiles com relação ao esforço, vontade, determinação e emprego da energia em busca de uma meta definida, porém, além disto, é interessante notar que, apesar de Kano entender a energia como força vital inseparável do físico e do espírito (MAEKAWA & HASEGAWA, 1963) ela não denomina a “energia” pela definição oriental o *Ki (Chi)*, que mais do que uma integração espírito/físico é uma energia universal como descrito no 1º capítulo.

Mais que isso, de acordo com Niehaus (2010, p. 169) Kano adota o termo *Seiryoku* e não *Ki* de forma proposital para descharacterizar o uso metafísico do conceito de energia como força universal da vida proveniente das tradições confucionistas de pensamento. O conceito de energia de Kano e a integração da força física, como grandeza física mensurável, somada ao poder da mente que envolvia o intelecto e a vontade.⁵³

O autor segue afirmando que este princípio tem “claros paralelos com o utilitarismo e pragmatismo inglês” (NIEHAUS,

53 “Uma característica marcante das versões de Kano, é que para energia ele escolhe a expressão *Seiryoku* em vez do frequentemente usado para as artes marciais, *ki*. Com isso, ele se volta claramente contra um uso metafísico do termo energia, como é o ancorado por *ki*, como força universal da vida, nas tradições confucionistas de pensamento, bem como na filosofia das artes marciais. Essa demarcação será reforçada pelo fato de que ele toma às vezes como sinônimo de *Seiryoku* o termo *chikara*, que pode ser traduzido simplesmente como força. Energia e força constituem para Kano dois componentes juntos: a partir da força corporal, como grandeza física mensurável e a partir do poder do Espírito”. (NIEHAUS, 2010, p. 169)

2010, p. 171) e que foi objeto de discussão em universidade por parte de pensadores como Nishi Amane e Fukuzawa Yukichi que analisavam seu conceito de moralidade e o utilitarismo europeu.

Reproduzo na íntegra a citação de Kano que se encontra em Niehaus (2010, p. 171) onde ele considera as influências utilitaristas de Bentham e Mill mais atenta para a sua própria interpretação sugerindo certas modificações:

Mais uma vez, algumas pessoas não pensam que os princípios desta Associação são idênticos aos do utilitarismo (*Kori Shugi*). [...] Mesmo no assim chamado utilitarismo, há grandes diferenças. O utilitarismo de Bentham tem um princípio pelo qual o valor do prazer é determinado pela quantidade de prazer. No utilitarismo de Mill não é a quantidade do valor, mas a existência de uma diferença na natureza do prazer. Quando se fala do utilitarismo de um modo geral, este é considerado um princípio que enfatiza o lado materialista, em detrimento do lado intelectual-espiritual. Para evitar mal-entendidos, portanto, é razoável dizer que o princípio da unificação da Associação de Cultura Kodokan não coincide totalmente com o utilitarismo. (KANO apud NIEHAUS, 2010, p 171)

A citação e o posicionamento de Niehaus apontam que Kano não nega a influência do utilitarismo mas rejeita uma aceitação acrítica e suas implicações para suas teorias. De fato, as ideias de Kano são significativamente diferentes em um aspecto: ao contrário das convicções do utilitarismo inglês voltadas para a felicidade materialista e pessoal, Kano fala principalmente da satisfação intelectual das necessidades. O indivíduo, seu desenvolvimento e sua felicidade são determinados pelas ações no contexto social. Assim, é possível para Kano conectar o racionalismo ocidental a ética e a política confucionista. Essa interpretação de Niehaus (2010, p. 171) configura um dado de extrema relevância para reforçarmos a tese de formação do processo de integração nos conceitos desenvolvidos por Kano.

Assim, como outras partes do método educativo de Kano, o conceito de energia também sugere a integração Oriente-Occidente.

O princípio chamado *Jiko No Kansei* significa a busca da perfeição como ser humano, ou melhor, a construção da auto-perfeição. Este conceito, combinado com *Jita Kyoie* e *Seiryoku Zenyo* corresponde à idéia central do judô de Kano, a utilização mais eficaz da energia em busca da auto-perfeição para o benefício e bem-estar mútuos.

Tal princípio geral elaborado por Kano, ainda sob a influência da primeira guerra mundial, baseado numa conexão de sua bem estabelecida teoria do uso eficaz da energia com o princípio da prosperidade mútua, correspondem ao “objetivo final da ação humana e da vida” que foi sugerido, segundo Niehaus (2010, p.172) como sugestão do educador americano John Dewey.

Jita Kyoie – onde “*Jita Kyo*” significa literalmente cooperar com outros e “*ie*” quer dizer glória, êxito de modo que o termo é interpretado como “prosperidade e benefício mútuo”.

Este princípio também sugere traços de integração Oriente-Occidente, porque nele coincidem valores confucionistas com o utilitarismo inglês. Atribuímos a este princípio um forte hibridismo e, de fato, uma marca do processo de integração na formulação dos princípios filosófico-educativos do judô.

Como vimos até o momento, Kano possuía formação educativa no confucionismo e acesso as filosofias ocidentais emergentes na época. Além disso, o governo japonês, com base no *Tetsugaku e Rinrigaku* (interpretação dos japoneses por meio da filosofia ocidental) somados a idéia de fortalecer o nacionalismo a partir do Reescrito Imperial, com base nas idéias de Confúcio, formaram circunstâncias únicas para a integração de correntes filosóficas em torno do método educativo chamado judô.

As religiões/filosofias orientais que envolvem a moralidade são

de uma forma ou de outra, influenciadas pelo confucionismo. Confucius was een sociaal filosoof, die leefde rond 500 voor Christus en hij leerde een niet-religieuze, utilitaristische (= nuttige), maar hoogstaande moraal, gebaseerd op diepe menselijkheid.

Confucius leerde dat de mens goed is, en door deugdzaam te leven, tot voortgang en harmonie zou komen. Confúcio ensinou que o homem deve buscar uma vida boa e virtuosa, de progresso e harmonia para si e para o pessoal e como sociedade. We horen Kano al weerklanken.

Uma virtude confucionista fundamental é – *Jen* (pronuncia-se *Ren*) e significa bondade, misericórdia, generosidade, caridade, humanidade como apontamos no capítulo 1. Pode ser traduzida também como amor puro e universal. A maior forma de carinho, para beneficiar o bem-estar dos outros. É o amor altruísta, imerecido, dado apenas por causa de um impulso interior.

Esse valor confucionista pode ser encontrado em *Jita Kyoie*, o princípio do bem estar e benefício mútuo do judô de Kano. A questão é: se ele tinha uma referência tão próxima da cultura japonesa com a tradição de centenas de anos, por que teve que alterar sua nomenclatura? Por que se deu o trabalho de re-estruturar o conceito *Jen* de Confúcio no seu método educativo?

Um relato de Kano, apresentado por Watson (2011, p. 154) pode ser um elo para considerar outra possível fonte de influência para a estruturação deste conceito fundamental de seu método. Nele encontramos uma relação entre o termo *Jita Kyoie* com o pensamento inglês, como segue:

Benefiting oneself and others – é uma interpretação inglesa de um dos meus princípios a ser seguidos na vida: *Jita kyoie*. As dificuldades de manter a harmonia social entre as pessoas não existem para o eremita. Entretanto, para a maioria dos seres humanos, a interação social implica

a possibilidade de que suas ações e pontos de vista às vezes entrem em conflito com as de outros. Isso pode provocar desentendimentos e desconfianças, o que muitas vezes resulta em desvantagem para ambas as partes. Para viver em paz com os semelhantes, portanto, é preferível uma relação que fomente ajuda mútua e cooperação. Isso significa que devemos estar dispostos a considerar as opiniões dos outros e mostrar disposição para o entendimento. Isto é, devemos adotar a prática de procurar benefícios não só para nós mesmos, mas também para os outros. (memórias de J. KANO, 2011, p. 51)

Realmente os ingleses pensavam sobre o assunto como podemos encontrar em Bentham (1748 – 1832) o conceito “maior felicidade”, ou seja, “o princípio que estabelece a maior felicidade por todos aqueles cujo interesse está em jogo, como sendo de justa e adequada finalidade da ação humana, e até a única finalidade justa, adequada e universalmente desejada” que dá fundamento ao “princípio da utilidade” que “entende-se aquele princípio que aprova ou desaprova qualquer ação, segundo a tendência que tem a aumentar ou a diminuir a felicidade da pessoa cujo interesse está em jogo” (BENTHAM, 1979, p. 3 e 4)

Stuart Mill (1806-1873),⁵⁴ estudioso da obra de Bentham, aprofunda o conceito da moral utilitarista na obra *Utilitarismo*,⁵⁵ uma das sugeridas pelos autores Kim Sol (1999), Matsumoto (2005),

54. Segue uma referência que aponta a influência dos estudos filosóficos de escritores ingleses por Kano: “*Kodokan Judo is a Japanese form of pedagogy, created by Jigoro Kano, based inter alia on neoconfucianist values and modern Western principles developed by John Dewey, John Stuart Mill, and Herbert Spencer. It was Kanô’s intention to educate both the mind and body.*” Carl De Créé & Llyr C. Jones. **Kodokan Judo’s Elusive Tenth Kata: The Go-no-kata “Forms of Proper Use of Force” – Part 1.** IndexCopernicus Journal, 2009. Disponível em: <http://journals.indexcopernicus.com/abstracted.php?icid=881131>

55. O utilitarismo é um pensamento ético que preserva a ação a fim proporcionar o bem estar. O pensamento utilitarista pode ser entendido como agir sempre para produzir o bem-estar máximo.

Ruas(1998), Helm (sd), Gleeson (1969), Villamon (2009), Waterhouse (2002)⁵⁶ e Niehaus (2010)⁵⁷ como de leitura de Kano, como segue:

... a educação e a opinião, que tem um poder tão amplo sobre o caráter humano, deveriam usar tal poder para estabelecer no espírito de todo indivíduo uma associação indissolúvel entre sua própria felicidade e o bem geral (...): para que o homem não apenas se torne incapaz de conceber a possibilidade de felicidade para si próprio e a adoção de uma conduta oposta ao bem geral, mas também que o impulso direto para promover o bem geral possa ser em todo o indivíduo um dos motivos habituais da ação, os sentimentos ligados a isso poderiam, dessa forma, preencher um amplo e proeminente lugar na existência senciente de todo ser humano. (MILL, 2007, p. 34)

Mais adiante, na mesma obra, quando trata da moralidade utilitarista com base no sentimento natural que reconhece a felicidade

56. “Kano Jigoro’s father chose not to go into the family business; but, after his wife died, brought his son to Tokyo. There the young man received most of his education, and became one of the very first graduates of Tokyo University. He studied both traditional subjects, including classical Chinese and calligraphy, and English language and : political thought. He became a fluent writer and Speaker of English, j even keeping his private diaries in English, rather than Japanese, and he was influenced in his thinking by such writers as Herbert Spencer, Samuel Smiles and **John Stuart Mill**”. WATERHOUSE, D. Buddhism and teaching Judô. HORI,V.S ; HAYES,R.P. ; SHIELDS,J.M. **Teaching Buddhism in the West**. New York: Routledge Curzon, 2002,p. 121.

57. *Kanos Pädagogik zielt – non humaniora, sed utilia – auf den „Erwerb von nützli-chen Fähigkeiten“, denn diese sind „von Natur aus das oberste Ziel der Erzie-hung“.Mit diesem utilitaristischen Ansatz, der als Konstante sowohl in den frühen Schriften als auch in den Spätwerken Kanos ausgemacht werden kann, steht er in der Tradition von Philosophen wie Jeremy Bentham (1748-1832) und John Stuart Mill (1806-1873) sowie der angloamerikanischen Erziehungsphilo-sophie, die in Japan während der Meiji- und Taisho-Zeit durch die Schriften Herbert Spencers und in der Taisho-Zeit durch John Dewey (1859-1952) auf breites Interesse stieß. Auch Kanô widmete sich dem Studium dieser Denker.* NIEHAUS, A. **Leben und Wer KANÔ Jigoros (1860-1938): EinForschungsbeitra zur Leibeszziehung und zum Sport in Japan**. Deutsche Nationalbibliothek: Ergon Verlag, 2010, p. 145-146.

geral como padrão de ética, Mill apresenta idéias que se intercambiam com o conceito *Jita Kyoei*:

Eles também se familiarizam como de fato cooperam com os outros, e propõem a si mesmos um interesse coletivo e não individual como meta (pelo menos por algum tempo) de suas ações. Na medida em que cooperam, seus objetivos identificam-se com os dos outros; há pelo menos um sentimento temporário de que o interesse de outros seja seus próprios interesses. Não apenas o fortalecimento dos laços sociais e todo o crescimento saudável da sociedade fornecem a cada indivíduo um interesse pessoal mais forte em consultar, de forma prática, o bem estar de outros; mas também o leva a identificar seus sentimentos cada vez mais com o bem deles, ou pelo menos com maior grau de consideração prática por tal bem. O bem de outros se torna para ele algo natural e necessário a se considerar, assim como a qualquer das condições físicas da nossa existência. (MILL, 2007, p. 51)

John Dewey também se propõe a estudar o assunto e, em sua obra *Teoria da vida moral* de 1908, apresenta suas interpretações sobre Benthan e Mill, como podemos ver no trecho a seguir:

Conseqüentemente, segundo a teoria de Mill, podemos dizer que “as leis e disposições sociais devem colocar a felicidade do indivíduo, tanto quanto possível, em harmonia com o interesse do todo, e que a educação e a opinião, que tão grande poder têm sobre o caráter humano, deviam usar este poder de modo a estabelecer, no espírito de todo indivíduo, uma associação indissolúvel entre sua felicidade e o bem do todo”. Resumindo, temos um princípio pelo qual podemos julgar o valor moral das disposições sociais: Tendem elas a orientar os membros da comunidade para encontrarem sua felicidade nos objetos e propósitos que trazem felicidade aos outros. (DEWEY, 1985, p. 264-265)

Na sequência Dewey aponta o caráter educativo da moral utilitária de Mill:

Há, também, um ideal formal e informal destinado aos processos de educação. Este deve criar, em todas as pessoas, interesses em promover o bem geral a fim de que encontrem sua própria felicidade realizada naquilo que podem fazer para melhorar as condições dos outros. (DEWEY, 1985, p. 265)

Creio que vale a pena destacar também um trecho da citação que Dewey retirada da obra de Mill para explicar o conceito de moral utilitarista e que tanto se parece com o conceito de Kano. Segue a citação:

(...) Esse fortalecimento dos laços sociais conduz o indivíduo “a identificar cada vez mais seus *sentimentos* com o bem” dos outros. “Ele passa como que instintivamente, a estar consciente de si próprio como um ser que, *naturalmente*, tributa respeito aos outros. O bem de outros torna-se-lhe coisa a ser atendida natural e necessariamente, como qualquer das condições físicas de nossa existência (...) (Mill, citado por Dewey, 1985, p. 265)

A forma como Kano descreve seu conceito, coloca-o muito próximo da moral utilitarista Inglesa.

Curioso é saber que Kano e Dewey se encontram em Tóquio no dia 1º de abril de 1919, num domingo pela manhã, em exibição promovida por Kano especialmente para demonstrar seu método educativo. Dewey relata este encontro e nos dá idéia do que pensava a respeito do judô de Kano:

My other experience that I have not written about is seeing Judô. The great Judo expert is president of a normal school, and he arranged a

special exhibition by experts for my benefit, he explaining the theory of each part of it in advance. It took place Sunday morning in a big Judo hall, and there were lots of couples doing “free” work, too; they are too quick for my eye in that to see anything but persons suddenly thrown over somebody’s back and flopped down on the ground. It is really an art. The Professor took the old practices and studied them, worked out their mechanical principles, and then devised a graded scientific set of exercises. The system is really not a lot of tricks, but is based on the elementary laws of mechanics, a study of equilibrium of the human body, the ways in which it is disturbed, how to recover your own and take advantage of the shiftings of the center of gravity of the other person. The first thing that is taught is how to fall down without being hurt, that alone is worth the price of admission and ought to be taught in all our gyms. It isn’t a good substitute for out-of-door games, but I think it is much better than most of our inside formal gymnastics. The mental elements is much stronger. In short, I think a study ought to be made here from the standpoint of conscious control. Tell Mr. Alexander to get a book by Harrison – a compatriot of his – out of the library, called “The Fighting Spirit of Japan.” It is a journalist’s book, not meant to be deep, but is interesting and said to be reliable as far as it goes. I noticed at the Judo the small waists of all these people; they breathe always from the abdomen. Their biceps are not specially large, but their forearms are larger than any I have ever seen. I have yet to see a Japanese throw his head back when he rises. In the army they have to the Buddhist Zen teaching of the old Samurai. However, they have adopted a lot of the modern physical exercises from other armies. (DEWEY, sd, p. 31-32)

Não somente Mill e Dewey escrevem sobre a moralidade como Spencer também coloca a utilidade das ações como problema geral frente à atividade educativa. Em sua obra, *Educação intelectual, moral e física*, descreve:

O problema geral que compreende todos os problemas especiaes é aquelle que tracta de maneira como havemos de proceder em todas as

situações e circunstancias da vida. De que maneira havemos de tractar o corpo; de que maneira havemos de tractar o espírito; de que maneira dirigiremos os nossos negócios, a nossa família, a nossa acção civil; de que maneira havemos de explorar as fontes de felicidade, fornecidas pela natureza, de que maneira devemos usar nossas faculdades para máxima vantagem nossa e dos outros – como viveremos completamente? E sendo isto a coisa mais necessária que temos que aprender, é esta, portanto, a principal coisa que a educação nos deve ensinar. (SPENCER, 1870, p. 16) *Grafia original.*

A citação de Spencer é de fato um dado importante a ser considerado ao analisarmos as influências ocidentais na formulação do método educativo do judô.⁵⁸

Fica a dúvida se Kano primeiro estabelece o conceito *Jita Kyoie* e depois encontra similaridade com o pensamento dos filósofos ingleses ou, ao contrário, se apropria das idéias emergentes da época para construir seu conceito. Partindo do pressuposto que Kano não era um estudioso profundo do tema da moralidade, como foram Confúcio em os Analectos, Bentham na obra *Uma Introdução aos princípios da moral e da legislação* de 1789, Mill no *Utilitarismo* de 1861 e Dewey na *Teoria da vida moral* de 1908 e, guardando a similaridade dos conceitos, além das referências de suas épocas de

58. Mais significativo é entendermos porque Spencer e Mill tinham como preocupação o desenvolvimento do conceito de bem estar e benefício mútuo como referência para a atitude moral. Estas questões são postuladas por Mill no auge da crise existente na Inglaterra entre a classe operária frente a burguesia. Em outra importante obra de John Stuart Mill, com o título *Sobre a Liberdade* de 1859, o autor trata no capítulo IV – *Dos limites da autoridade do estado sobre o indivíduo* – de responder a questão: “Qual, então, o justo limite à soberania do indivíduo sobre si próprio? Onde começa a autoridade da sociedade? Quanto da vida humana se deve atribuir à individualidade, quanto à sociedade?” (MILL, 1991, p. 117). Aqui Mill aponta que a conduta mais apropriada é vencer a indiferença egoísta e garantir a liberdade de ação de seus interesses próprios desde que estes não afetem o interesses dos outros, tema muito discutido na obra e que remete ao conceito do benefício mútuo.

elaboração, é plausível que Kano tenha integrado esses conceitos para pensar na finalidade maior de seu método educativo principalmente porque respondiam às necessidades emergentes na época para a construção de uma nova nação.

Situando esta ideia no contexto histórico, como era desejo e necessidade das lideranças japonesas na era Meiji, estudar o Ocidente para avançar tecnologicamente e acelerar o processo de modernização do país, Kano, como afirma Watson (2011, p. 201), teve influência deste emergente pensamento e situação. Afirma isso, pois, segundo ele, o Japão, em busca de empreender desenvolvimento, trata de traduzir para o japonês diversas obras do original em Inglês. Os autores mais conhecidos e influentes no Japão na segunda metade do século XIX eram os filósofos Herbert Spencer e John Stuart Mill e do escritor Samuel Smiles. Afirma Watson que as obras de influência mais marcantes são: O Poder da Vontade de Samuel Smiles, do original *Self-Help*, que em Japonês chamava *Jijoron*, traduzido em 1871 e que se tornaria leitura obrigatória para os alunos das universidades japonesas. Sobre a influência desta obra em Kano, Watson (2011, p. 204) aponta:

O Poder da Vontade é de fato muito inspirador e, pelo fato de sua tradução em língua japonesa ter ganhado tanta popularidade no Japão na época de Kano, não duvido de que ele, sendo um educador tão zeloso, teve conhecimento da famosa obra e, quem sabe tenha sido influenciado por ela.

O mesmo entendimento é apresentado por Waterhouse (2002, p. 121) afirmando que, pelo fato de Kano ser um fluente escritor e falante de inglês, permitiu manter seus diários anotados nessa língua em vez do japonês, sendo influenciado, em seu pensamento, pelos escritores Herbert Spencer, Samuel Smiles e John Stuart Mill.

Outros estudos apontam pela influência de Dewey sobre as idéias de Kano como apresentamos na passagem a seguir:

The philosophical ideas of Europe were playing important roles in educational development in Japan and America throughout the late 1880's. Kano, as a young student in Japan, must have been familiar with Western philosophy and thought in the area of educational development since his country was in the process of Westernization. Gleeson, in his book **ANATOMY OF JUDO**, indicated that Kano's "JITA KYOEI" or mutual welfare and benefit concept is quite typical of the leading philosophies of the Western world. Examples of this attitude appear in the writings of Jeremy Bentham and John Stuart Mill in England around the early and mid-1800's. These men were the leading social and educational reformers of their time. Gleeson speculated that perhaps Kano's principle was something of an eclectic one in that the modern ideas of the West had found an affinity with the old ideas of the East, and Kano produced a cross-fertilization which was something of his own. (HELM, s/d)

A possível afinidade apontada por Gleeson é indicador da integração Oriente-Occidente na elaboração dos fundamentos do judô, considerando que existe uma afirmação precisa desta influência feita por Kano, no trecho exposto por Niehaus (2010, p. 171) que foi apresentado anteriormente, onde declara diretamente as influências de Bentham e Mill como referência para sua obra tornando fortes as evidências desse processo de integração.

Em busca de mais evidências que esclareçam essas entre outras possíveis influências conceituais, seja no modelo científico adotado por Kano para estruturar os fundamentos do judô, tanto técnicos como didático, ou nos valores e pensamentos filosófico-educativos, investigamos o posicionamento de outros autores.

Encontramos em Kim Sol (1999), por exemplo, indícios do processo de integração Oriente-Occidente estabelecidos por Kano através da "sintese entre a antiga cultura oriental japonesa, filosofia

chinesa e teoria esportiva ocidental”. Segue KIN SOL afirmando que Kano não só transforma o *jujutsu* em judô como enfatiza seu método como inovador, pois integrava antigos conceitos chineses taoístas sobre o cotidiano e, mais importante que isso, uma filosofia baseada em ideias europeias de progresso social pelo esforço individual. Este conceito, segundo Kin Sol, não tem raízes em nenhum sistema de filosofia oriental, e que Kano apropriou-se como referência para estabelecer o termo “*Jita Kyoēi*” (prosperidade e benefício mútuo). O autor segue sugerindo que outro importante fundamento filosófico do método de Kano chamado “*Seiryoku zenyo*” (melhor uso da energia) parece ter vindo da filosofia inglesa, embora misturado com pensamentos taoístas encontrados no pensamento chinês.

O mesmo autor revela que o conceito do *Tao* de desenvolvimento de um “homem natural”, livre de preconceitos vinculados, no desenvolvimento do caráter em busca do auto-aperfeiçoamento por meio da iluminação, foram combinados por Kano com as idéias de esforço mútuo, do filósofo britânico Herbert Spencer (1820-1903), como meio de criar uma sociedade melhor. Kin Sol aponta ainda a ligação entre os conceitos antigos chineses com a expressão moderna “bem estar e benefício mútuo” como natural para Jigoro Kano, pois acreditava na construção de uma sociedade mais humanizada pela prática do judô.

Já com relação às filosofias proveniente do Zen budismo, como Jigoro Kano não era um mestre Zen, Kin Sol afirma que não há provas da possível ligação entre Zen budismo ou qualquer ideologia budista com o judô.

No capítulo *Buddhism and teaching judô* do livro *Teaching Buddhism in the West*⁵⁹ Waterhouse (2002. p. 120) descreve a

59. Judo and Buddhism

As one who teaches about Buddhism and not only teaches about jūdō but also how to

relação entre o budismo e o ensino do judô. Ele afirma que o budismo não tem ligação com a maneira de ensinar judô na atualidade e apresenta pouca influência em sua história, em seu desenvolvimento e na forma de praticar. Segue afirmando que o *judoka*, diferente de outros praticantes de artes marciais, não discute assuntos religiosos. Por outro lado afirma haver conexões entre o judô e algumas religiões asiáticas em especial o Taoísmo e o Xintó. Segue afirmando o autor que, apesar do budismo não ter sido referência direta para a elaboração do método, numa análise minuciosa podem ser encontradas a permanência de alguns elementos do budismo em rituais simples de etiqueta preservados nas práticas de judô.

O primeiro deles sem dúvida é o nome do local da prática do judô, o *dojo*.

Dojo se refere ao lugar em que práticas budistas são feitas. Por exemplo, uma sala usada para meditação *zen* também é chamada de *dojo*. *Jô* significa “lugar”, o lugar em que o treinamento é conduzido ou onde são feitas demonstrações formais de artes marciais, ou

do it, I have been asked to discuss the teaching of jūdō in relation to Buddhism. This presents me with a dilemma, since Buddhism does not enter very much into the way that I teach jūdō, or even what I teach about it. Moreover, it is my considered opinion that Buddhism has had little influence on jūdō—whether on its history and development, or on the way in which it is taught and practised worldwide. Jūdōka, unlike practitioners of some other martial paths, tend not to discuss religious matters at all; nor do they tend to religiosity as individuals. Rather, the philosophical and religious implications of judo are left to emerge implicitly out of judo practice. I can say this with some confidence, having been involved in judo for a long time, and having had the privilege of meeting and training under very senior people in the judo community, both in Japan and else where. Nevertheless, there are connections between judo and East Asian religions, especially Taoism and Shinto; and, if one looks hard enough, Buddhist elements too can be detected. Perhaps Buddhist morals can even be drawn from my course on jūdō, in addressing the topic of this paper, I need to be only moderately Creative. WATERHOUSE, D. Buddhism and teaching Judô. HORI, V.S ; HAYES, R.P. ; SHIELDS, J.M. **Teaching Buddhism in the West**. New York: Routledge Curzon, 2002, p. 120.

Embu, é chamado de *embu-jo*. Um *shiai-jo* é o lugar onde acontecem as competições de *budo*. Se você treina ao ar livre ou em lugar não especificamente devotado ao treinamento do *budo*, tecnicamente não está em um *dojo*, e sim em um *keiko-jo*, um “lugar de prática”. *Do*, é claro, se refere ao “caminho”, uma disciplina ou uma arte. Portanto, um *dojo* é o lugar para seguir o caminho (DAVE, 2011, p. 23).

Um *dojo* tradicional, que originalmente é uma construção destinada a exercícios espirituais ou religiosos, servia para prática do *budo*. Como o treinamento do *budo* pertencia às práticas de elevação espiritual ligadas ao taoísmo e a budismo aos poucos foi passando do ao ar livre gradativamente a espaços fechados de treinamento. Sua organização estrutural divide-se em: parede frontal chamada de *kamiza*, que também pode ser chamada de *shomem*, o lado oposto é a parede chamada *shimoza* onde fica a entrada do *dojo*, ao lado direito fica o *joseki*, a “lateral superior”, e a esquerda fica o *shimoseki*, ou parede do “lado inferior” (DAVE, 2011, p. 24). Alguns *dojo* possuem um santuário chamado *kamidana*. Nota-se que esta terminologia está também ligada ao xintoísmo, mas, apesar disso, não existem ligações entre os fundamentos educativos do judô com rituais xintoístas uma prática religiosa que, segundo Yamakage (2010, p. 37) é “a religião que reverência a grande natureza”, bem diferente do que ocorre com o Aikido de Morihei Ueshiba (1883-1969) que, declaradamente está diretamente ligado ao xintoísmo.

Como o Japão adota um hibridismo religioso/filosófico entre o confucionismo, budismo e taoísmo estas correntes de pensamento se refletem também no *dojo* e, em certa parte, foram assimiladas pelo judô Kodokan. Apesar de que, com relação às práticas de luta de origem japonesa, a que está diretamente ligada às raízes religiosas do xintoísmo nativo é o *sumo* e, o local desta prática não é chamado de *dojo* e sim *heya* ou *beya*.

O exercício de contemplação chamado *mokuso*, por exemplo, também pode ser encontrado em alguns momentos do treinamento do judô, mas não tem ligação com o budismo. *Moku* significa “silenciar” e *So* significa “pensamento” (DAVE, 2011, p. 103). Esta prática é muito confundida com o *zazen* onde *za* “sentado” ou “sentar” e *zen* quer dizer “meditação budista”. O *mokuso* é uma reflexão silenciosa e não tem caráter religioso. Já o *zazen* é uma prática meditativa do budismo para se alcançar o *nirvana*. Assim, no judô, não se pode observar uma prática meditativa nos moldes do zen budismo.

Os elementos do budismo presentes no judô correspondem a fundamentos de etiqueta e comportamento num determinado espaço. Waterhouse, em seu estudo, não apresentou traços de relação com os aspectos filosófico-religiosos mais profundos do budismo no método educativo de Kano além dos indicados acima.

O mesmo tipo de posicionamento é encontrado em Niehaus (2010, p. 174) ao afirmar que a busca da perfeição no sentido de Kano, que pode ser alcançado, por exemplo, pelo treinamento judô difere significativamente dos estados de iluminação e inspiração religiosa, como são encontrados em outras artes marciais.

Por outro lado, num artigo publicado pelo mestre *zen* Fausto Taiten Guareschi,⁶⁰ resultado de uma conferência realizada em 2 junho de 2002 em Genova, vemos, segundo o autor, que Jigoro Kano

60. Fausto Taiten Guareschi nasceu em Fidenza (Parma) em 1949. Pouco mais de um adolescente, ele começou a sua prática e estudo das artes marciais e, em particular no campo do judô, onde obteve resultados satisfatórios, primeiro como um competidor e depois como professor. No final dos anos 60, em Paris, começou um encontro na Tradição *Soto* com *Zen Taisen Deshimaru Roshi*. Em 1973, novamente em Fidenza, fundou a *Do Kyu Shin Kai, Escola de Artes Marciais*, onde se tornou presidente honorário.

Em 1984, tornou-se o primeiro herdeiro espiritual na Europa, fundou o mosteiro de Fudenji, o centro da encruzilhada espiritual e cultural de diálogo e de confronto com a cultura religiosa, filosofia e ciência hoje.

Atualmente é Professor da NSCT – Seminário Teológico de Nova Catequese – de estudos

foi influenciado por princípios do budismo além das influências ocidentais. Ao elaborar seu método pode orientar-se por intermédio de um professor de filosofia indiana, um importante estudioso japonês chamado Hara Tanzan, que ministrou aulas na Universidade Imperial de Tóquio como podemos acompanhar no relato a seguir:

E' del tutto probabile che Jigoro Kano si sia ispirato a certi principi basilari del Buddhismo per formulare il suo metodo, come il Maestro Addamiani mi ha invitato a considerare. Dalla descrizione di John Stevens delle figure di Ueshiba, Kano e Funakoshi si capisce effettivamente che il giovane Kano studia all'Università imperiale di Tokyo in un'epoca di apertura del Giappone all'Occidente. Un'apertura problematica: gli insegnanti vengono dalla Germania, dall'Inghilterra e dagli Stati Uniti, quindi nella sua preparazione Kano è anche influenzato dalla sua frequentazione di eminenti personaggi della cultura, molto sensibili peraltro al valore della tradizione giapponese, che non intendono affatto prevaricare. Jigoro Kano è anche allievo di quel maestro Zen che appare nell'episodio "La strada fangosa", riportato nelle "101 storie Zen". Due monaci avanzano lungo una strada fangosa. (GUARESCHI, 2002, p. 18)

Segue o Mestre, afirmando que os conceitos *Seiryoku Zenyo* e *Jita kyoei* destacam a cultura budista de Jigoro Kano pois expressam os sentidos dos termos *Jiriki* e *Tariki* próprios do budismo, e que foram sugeridos como uma importante influência a ser considerada neste estudo pelo prof. Dr. Niehaus através de email (anexo 2), após concordar com as análises apresentadas neste estudo. Vejamos parte das comunicações por e-mail de Niehaus:

I certainly agree with your analysis of influences on Kano Jigoro. May I also suggest to take a look into Buddhist thought? The concept of

budistas e catequética dos Fudenji, encarregado de ensinar o Dharma budista através da antropologia e estética teológica, com particular referência à tradição bramânica, chinês e japonês. <http://filosofiasuinavigli.wordpress.com/relatori/taiten-guareschi-fausto/>

jita is also used in Buddhist philosophy. Buddhist schools are for example divided into jiriki and tariki schools. Jiriki-schools rely on the power of the self/ person for enlightenment and tariki-schools rely on the help of the bodhisattvas and other helpers. Kano certainly opposed any form of religion as can be seen in his writings, however I think that it can be argued that certain philosophical concepts belong to the core of a culture. The ethical and moral system in Europe is for example very much influenced by Christian beliefs although life and law are secular now, the under current would still be a unconscious Christian grid of moral beliefs. The same could be argued in the case of Buddhism in Japan. Even people not believing in Buddhism can and will still be adapting Buddhist values as they are part of a cultural memory. (Comunicação por e-mail do Prof. Dr Andreas Niehaus em 28 de fevereiro de 2013 *in* anexo)

Vejamos também o texto de Guareschi a respeito deste assunto:

... il famoso Hara Tanzan, noto studioso giapponese, docente di Filosofia Indiana nei corsi della famosa Università Imperiale di Tokyo a cui partecipava Jigoro Kano. Le stesse formulazioni *sei-ryoku-zen'yo* e *ji-ta-kyo-ei* ("il miglior impiego dell'energia" e "amicizia e mutua prosperità" o "io e gli altri insieme per progredire" - traduzioni eleganti, ma a parer mio non esaurienti) evidenziano la cultura buddhista di Jigoro Kano. I noti concetti del próprio e dell'altrui potere (*jiriki* e *tariki*), mutuati dal Buddismo, sono palesi in *ji-ta-kyo-ei* e ricorrono costantemente nell'insegnamento di Kano, evidenziando quindi lo Judo come una via non rivolta per niente alla sola auto-realizzazione. *Ji-ta*, io e l'altro, io e gli altri: non necessariamente una collettività, ma l'*irriducibilità* del sé ad un'identità sostantiva. Il sé, inteso non come se medesimo (*mu-ga*), è un problema di cui non si parla molto, come dei contenuti e delle forme che emergono nell'insegnamento e nel programma di Kano. (GUARESCHI, 2002, p. 19)

Na continuidade de seu artigo, Guareschi ao tratar dos rituais presentes no judô, como discutidos anteriormente, enfatiza a síntese entre Oriente-Occidente na proposição de Kano como segue:

Nel Dôjô vige una regola e si configurano delle norme a cui il *rei* introduce e da cui a conclusione distacca. Anche *Dôjô* è un termine del lessico buddhista: deriva dal sanscrito *Bodhimanda*, che è il luogo del risveglio. Il Sig. **Kano ha fatto una sintesi mirabile tra Oriente e Occidente in un'epoca fondamentale della trasformazione mondiale, globale.** Dà una sorta di statuto, legittima il luogo di addestramento, elevandolo a luogo e tempo del *sacro*, non diversamente da qualsiasi *tempio*, qualsiasi *chiesa*. (GUARESCHI, 2002, p. 20) Grifo Nosso

Na atualidade é raro observar a relação entre as atividades desenvolvidas nas aulas e treinamentos com os conceitos apresentados pela interpretação de Guareschi, no entanto, não podemos desconsiderar, apesar disso, que os aspectos atitudinais e as normas relacionados a etiqueta constituem uma forte ligação com os valores orientais provenientes do Budismo.

As normas de etiqueta e cerimonial que fazem parte dos fundamentos do judô são denominadas *Rei Shiki*.

Estas normas de etiqueta, que tem sua origem no Japão feudal, integram correntes de pensamento provenientes do budismo, do taoísmo e do confucionismo integradas no xintoísmo. O *Rei Shiki*,⁶¹ segundo Casado (2011, p. 221), surge em função da necessidade de manter o controle dos governantes sobre as castas inferiores no período Tokugawa, afirmava e reforçava o comprimento irrestrito das normas de etiqueta enaltecendo idéias de equidade, lealdade, fidelidade e subordinação dos inferiores fortalecidos pelo confucionismo.

Expressos através de ritos e normas que permitiam manter o poder foram, segundo Casado, “a exaltação e deformação das idéias

61. Rei significa: saudação, cortesia, respeito, etiqueta, gratidão. Shiki significa: cerimonial, protocolo, regras, normas. (Normas de etiqueta para los exames del cinturón negro, real federación española de judô, departamento de Aikido, comisión de grados. Disponível em : http://www.dojocam.com/documentos /etiqueta_protocol_rfjda.pdf)

da doutrina de Confúcio por parte dos governantes para submeter o povo a uma ditadura militar, favorecendo o surgimento de um caráter humanista do pensamento chinês no Japão feudal”. O conjunto destas normas, influenciada por diversas correntes de pensamento orientais, deram origem ao *Bushido*, o código do guerreiro, que estabeleciam protocolos de comportamento que regulavam a existência de toda a ordem militar, por sua vez, permitiram que as artes marciais *bujutsu* se adaptassem em normas de etiqueta que exaltavam os valores humanistas do *budô*. Valores como lealdade, obediência, respeito, ordem, autocontrole, bondade, fraternidade, higiene do corpo e do espírito são expressos pelos ritos e normas de etiqueta e foram transportados ao judô a partir das *ryu* (escolas) de *jujutsu*.

A etiqueta, um conjunto de regras formais e informais de comportamento, não está diretamente ligada ao ato de lutar como diz Casado (2011, p. 224). É um comportamento ritual composto de diversos gestos repetitivos que regulam de forma sutil as interações no *dojo*. As normas de etiqueta estão carregadas de simbolismos que adquirem um grande valor e relevância de transmissão das correntes de pensamento oriental. O judô de Kano carrega parte destas normas de etiqueta que, mesmo sem uma clara profundidade em direção as correntes filosófico-religiosas⁶² de origem, preservam uma importante e considerável influência oriental em seus fundamentos educativos.

Por outro lado Imparato (s/d) afirma que Kano não foi inspirado somente pelos clássicos chineses como também pelos escritos ocidentais que foram traduzidos na época, ou, como afirma este autor,

62. Com relação ao distanciamento das doutrinações religiosas provenientes do Oriente é importante, em primeiro lugar, ressaltar que não se distinguiu no Japão, na época anterior a formulação do judô, filosofia de religião. Parto da hipótese que Kano, ao organizar seu método educativo, teve o cuidado de não acentuar aspectos religiosos e rituais provenientes do Oriente para facilitar a internacionalização do judô. Sabemos que os países democráticos tendem a constituir um estado laico. Vincular o judô a uma religião em específico limitaria sobremaneira a expansão do judô como método

que o próprio Kano ajudou a traduzir em nome do Ministério da Educação. Segue dizendo, assim como mostramos pela análise de outros autores, que Kano foi influenciado pelo utilitarismo, em especial pelo filósofo e economista John Stuart Mill e pelo filósofo Inglês Herbert Spencer. Além disso, também sofre influências do positivismo social do filósofo francês Auguste Comte. Segue afirmando que o contato com estes autores foi através dos estudos na Universidade de Tóquio em 1877.

Assim, pelo que foi apresentado até o momento, podemos identificar como o processo integrativo marca fortemente o projeto educativo de Kano. Esse modo de pensamento, com forte componente de sincretismo, não é originalmente seu. O processo de incorporação de novos valores, idéias e modos de fazer é típico do povo japonês que segue agregando elementos conceituais de outras culturas, modelando-os de acordo com suas necessidades eminentemente práticas. Esse mesmo tipo de processo integrativo pode ser visto na relação entre o budismo e o xintoísmo, por exemplo, assim como nas manifestações artísticas em suas diversas formas de expressão e nas interligações bem representadas pelo termo *Wakon Yosai*.

Podemos notar ao longo deste estudo como Kano, tomando este característico modo de pensar, consegue articular diversos conceitos antigos com os emergentes em torno das mudanças em toda a

educativo. Por esses motivos rituais “religiosos” provenientes do Oriente como budismo, xintoísmo e taísmo tenham permanecido nas “entrelinhas” da praticada do judô onde, mais claramente podem ser observados apenas rituais de etiqueta. Esta condição permitiria ao professor (Sensei) aprofundar elementos do *budô* ou afastar-se deles de acordo com sua formação bem como adequá-los ao espaço de prática. Isso é o que empiricamente se observa em algumas academias tradicionais de judô no Brasil que, conforme a formação do Sensei, em geral de origem japonesa, reforça mais os valores de origem Oriental que outras. Observa-se, também empiricamente, que a prática de judô escolar cuida pra não adentrar nas questões “religiosas” a fim de respeitar o estado laico da instituição educativa. Valeria à pena investigar esta questão em outro estudo.

sociedade japonesa no período Meiji interpretados a partir de suas experiências pessoais.

No processo de construção dos fundamentos de seu método, Kano estabelece, de acordo com Casado e Villamón (2009, p. 29), a finalidade de praticar judô. Se for com o exclusivo propósito de adquirir um fortalecimento físico (*rentai-hô*) e o de desenvolver uma boa técnica de luta (*shôbu-hô*) é denominado como *kyoji judô* (judô equivocado) porque tem um sentido limitado. O Judô entendido no sentido mais amplo deve reunir o *rentai-hô*, o *shôbu-hô* e o *sushin-hô* (desenvolvimento intelectual e moral) definido como *kogi judô*.

Podemos então afirmar que o sentido amplo do judô (*kogi judô*), ou seja, o caráter de formação moral para ser útil a sociedade, demonstra a integração de uma filosofia oriental baseada em Confúcio com a filosofia ocidental utilitarista, em especial nas idéias de John Stuart Mill e reforçadas por John Dewey. Este caráter de moralidade se tornaria um forte elemento de diferenciação do *jujutsu* e do judô Kodokan como o próprio Kano afirma:

Chego à convicção de que o estudo do judô, em toda sua generalidade, é mais importante que a simples prática do *jujutsu*, porque a real inteligência do mesmo nos permite aplicá-lo a todos os aspectos da vida (...) Não somente pelo procedimento que segui, podemos chegar a mesma conclusão por interpretação filosófica das **operações** cotidianas nos negócios ou por raciocínio filosófico abstrato. (KANO, 1932, p.195)⁶³

Com relação à finalidade do judô, Kano declara:

Em resumo, o judô é uma disciplina física e mental, e suas lições podem ser aplicadas na nossa vida diária. O princípio fundamental do judô, que governa todas as técnicas de ataque e defesa, é que, qualquer que seja o objetivo, ele é mais facilmente alcançado através do uso, com

63. KANO, J. L'éducation par le Judô. In JAZARIN, J. **Le Judo, école de vie**. Paris: Le Pavillon, 1974, p 189-207 cit. por Casado e Villamon (2009, p. 22).

máxima eficiência, da mente e do corpo. O mesmo princípio aplicado em nossas atividades cotidianas leva a uma vida melhor e mais racional (...). O princípio da máxima eficiência – se aplicado na arte de ataque e defesa ou usado para refinar e aperfeiçoar a vida diária – requer que haja, acima de tudo, ordem e harmonia entre as pessoas. E isso só pode ser obtido por auxílio e compreensão recíprocos. O resultado é o bem-estar e o benefício mútuo. **A meta final da prática do judô é ensinar o respeito pelos princípios da eficiência máxima e do bem-estar e benefício mútuo.** (KANO, 2008, p. 29) Grifo nosso

O fundamento educativo que Kano estabeleceu para o judô é encontrado em diversas passagens de seus relatos e em diferentes obras. Quando Kano, por exemplo, descreve os três níveis da prática do judô resume como finalidade que “o propósito do estudo do judô é aperfeiçoar a si mesmo e contribuir para a sociedade” (KANO, 2008, p. 85). Várias são as sentenças afirmativas neste sentido na obra *Energia mental e Física: escritos do fundador do judô*, das quais seguem algumas:

“Com um corpo bem treinado e uma mente aprimorada, você pode aplicar seu treinamento para o bem da sociedade. (...) O Valor real de uma pessoa é determinado com base no quanto ela contribui para a sociedade durante a vida” (KANO, 2008, p. 78).

“...o propósito do judô é o aperfeiçoamento do ser humano, que deve contribuir para a sociedade e se adaptar ao seu tempo” (KANO, 2008, p. 79).

“A força física, conquistada por meio do judô ou de outra modalidade de exercício, só tem valor quando a pessoa usa a força pelo bem da sociedade” (KANO, 2008, p. 86).

A finalidade maior do Judô de Kano, como vimos, determina o *do (Tao)* que, pelos dados apresentados até o momento, sugerem uma estrutura conceitual de interação Oriente-Occidente.

Esta perspectiva de análise dos dados se fortalece se conside-

rarmos a moralidade o principal componente de diferenciação entre o antigo *jujutsu* e o judô de Kano, fundamentada por correntes filosóficas proveniente do Oriente e do Occidente.

Jigoro Kano tratava do tema da formação moral do homem como um dos principais assuntos das palestras feitas para seus alunos. Sua metodologia como aponta Oimatsu (1984) de trabalho consistia em basicamente quatro partes: 1) a prática do *kata* (forma) 2) o *randori* (treino livre) 3) *kogi* (palestras) 4) *mondo* (perguntas e respostas). Suas palestras eram importantes para conduzir os praticantes de judô para o caminho (*do*) que Kano acreditava ser o ideal, ou seja, a formação do homem para contribuir pra sociedade. Com o crescimento da Kodokan e o aumento significativo do número de praticantes, mesmo com a ajuda de seus alunos mais adiantados reproduzindo suas palestras, em várias ocasiões, tornava-se impraticável manter uma regularidade devido a agenda intensa de compromissos e viagens para o exterior. Surge então a necessidade da publicação de uma revista que pudesse transmitir os valores morais da prática do judô para um grande número de praticantes.

Assim Kano (apud WATSON, 2011, p. 137-138) explica esta iniciativa:

No início do Kodokan, eu dava palestras com freqüência no dojo. Orientava os alunos acerca das técnicas, dos princípios do *kata* e do verdadeiro objetivo do judô – o caminho para viver a vida como praticante de judô e como membro responsável da sociedade. Também falava sobre uma ampla gama de assuntos, como, por exemplo, o significado de ser membro da Kodokan, a importância de cultivar altos padrões de moralidade, como ter êxito na vida, entre outros. (...) Em virtude de meu firme compromisso, muitas vezes tinha que viajar por todo o Japão e uma vez ou outra para o exterior. Assim, minhas séries de palestras eram interrompidas algumas vezes durante um longo período. (...) Depois de analisar o problema durante alguns anos, ficou evidente que a verdadeira necessidade era a publicação de uma revista.

Kano então publica a revista *Kokushi* (patriota) de 1898 a 1903 para seguir difundindo suas idéias. Seguiu publicando além dessa, diversas outras revistas de 1893, quando ele tinha 34 anos, até 1938, quando morreu aos 79 anos de idade.

As principais publicações segundo Higashi (sd) e Hiehaus (2010, p. 19) são: *Dosokai Zasshi* (1893); *Kokushi* (1898); *Judo* (1915); *Yuko no Katsudo* (1919); *Judo Kai* (1922); *Taisei* (1922); *Judo* (1922); *Sakko* (1924); *Judo* (1930). Uma pesquisa feita por Higashi (sd) analisou as finalidades e os fatores de fundo por trás de cada um dos periódicos em busca de dados que revelassem a essência do pensamento de Kano. Na série de revistas *Kokushi*, uma publicação que chegou a 60 volumes, a análise de Higashi chegou aos seguintes pontos:

- 1) Ele deu exemplos de como as pessoas podiam agir na vida diária.
- 2) Ele usou palavras de fácil compreensão.
- 3) Ele destacou a maneira como as pessoas devem viver como indivíduos e cidadãos japoneses.

Analisando as outras revistas o autor apresenta uma classificação em três temas principais:

- 1) Aperfeiçoamento moral e a construção do caráter; 2) Judô;
- 3) o aperfeiçoamento moral e judô.

Alguns temas educacionais também foram observados nas revistas, analisados e classificados em:

- 1) Mesmo com a transição dos periódicos, a mensagem educativa de Kano centrada na construção do caráter não mudou.
- 2) As transições nas publicações feitas por Kano levavam em conta a situação política no Japão e no exterior.

Em sua conclusão Higashi diz: “This study concludes that Kano, **with an international perspective**, developed a Japanese educational philosophy through his enlightening journals and it was passed down to the present”.

Nota-se que, pela conclusão desse estudo, Kano não apresenta conteúdos em suas publicações ligados a filosofias orientais como budismo, taoísmo ou mesmo o *bushido*. A que mais se aproxima a temática das publicações e a moralidade confucionista.

Porém não é apenas a moralidade o único elemento de análise dos fundamentos educativos do judô. O fenômeno de integração Oriente-Occidente também se revela em outros componentes formulados por Kano. Existe, no entanto outra questão: se Kano adota como referência a moral utilitária inglesa é interessante saber o que motivaram os ingleses a estabelecerem este conceito, e mais, será que a moralidade na Inglaterra tem ligação com a necessidade de desenvolvimento da moralidade no Japão? Terá Kano importado um modelo de moralidade desconsiderando seu contexto de origem?

Matsumoto (2005, p. 238-239) é mais um dos que relata esta formulação quando diz que Kano apropriou-se de uma longa tradição que mesclava o pensamento de Confúcio com elementos do taoísmo e xintoísmo especialmente reforçado pela ideia de que “conhecer” implica em “fazer”. Essa herança vivida por Kano foi combinada com seus estudos ocidentais sobre educação. Neste campo Matsumoto afirma que Kano certamente adaptou de Herbert Spencer o “princípio das três culturas” que ele chamou de *Shugi, San e Iku*, ou seja, a aquisição de conhecimento, o ensino da moral e a formação do corpo pela Educação Física.

Antes de seguir relatando as motivações para a formulação da moral utilitarista inglesa, que supostamente foi utilizada por Kano ao elaborar o judô, bem como sua relação com a Educação Física na Europa, vamos observar o quadro que resume as influências orientais e ocidentais na formulação dos fundamentos filosófico/ educativos do judô.

Conceito	Significado	Ocidente	Oriente
<i>Ju</i>	Suave – Flexível	_____	Taoísmo – Ceder para vencer; gentilmente vencer a brutalidade; somente diante da suavidade se triunfa sobre a força e a dureza.
<i>Seiryoku Zenyo</i>	O melhor uso da energia	Racionalismo moderno (Stuart Mill); Concentrar energia em metas definidas (Dewey); Esforço, dedicação, determinação, perseverança (Smiles)	Ki - Energia Vital, física e espiritual.
<i>Jita Kyoie</i>	Prosperidade e benefício mútuo	Moralidade utilitarista (Benthan, Stuart Mill) reforçados como método educativo (Dewey)	Jên (Ren) Confúcio – benevolência, respeito e benefício aos outros. Projeção relacional nas interações interpessoais Conceito <i>Jiriki – Tariki</i> (budismo)
<i>Jiko no Kansei</i>	Busca da auto-perfeição	Pensador Inglês Samuel Smiles na Obra o Poder da Vontade	Conceito taoísta do Auto conhecimento e Auto aperfeiçoamento
<i>Kata e randori</i>	Prática da forma dos golpes e treino de luta	Método analítico dos movimentos do corpo. Estudo mecânico de alavancas, pontos de apoio e aplicação de força. Subdivisão e classificação das técnicas	Rituais de etiqueta – <i>Rei Shiki</i> com elementos sutis das filosofias orientais praticadas no <i>dojo</i> . Princípio <i>Shin-Gi-Tai e Shu – Ha-Ri</i>
<i>Do</i>	Caminho a ser trilhado	<i>A meta final da prática do judô é ensinar o respeito pelos princípios da eficiência máxima e do bem-estar e benefício mútuo. (KANO, Judô Kodokan, 2008, pag. 29)</i> Tendência integrativa entre a auto-afirmação e a interação com o ambiente e as pessoas. Semelhante ao conceito de Hollos de Koestler retratando uma filosofia para a humanidade de integração de valores e pensamentos do Oriente e do Ocidente (capítulo I) Conceitos <i>Jiriki e tariki</i> de integração entre o poder pessoal (individual) e a outra força (exterior)	

Quadro 2 - Princípios filosóficos/educativos do judô e as influências Orientais e Ocidentais.

3.4 O método educativo de Jigoro Kano, o princípio das três culturas – *Shugi, San e Iku* – e a Educação Física na Europa no séc. XIX

O que levou Kano a praticar *jujutsu* foi sua inferioridade física diante daqueles que o submetiam a uma posição de subordinação. Sua busca inicial com relação à prática de exercícios era o fortalecimento do corpo para se defender.

Essa sua motivação inicial direciona seu pensamento a respeito do que considerava eficiente como método de Educação Física. Entre as atividades que praticava em sua época de estudante, ou seja, beisebol, boxe, caminhada, remo e *jujutsu*, de acordo com seus objetivos, Kano (apud WATSON, 2011, p. 50) identificou no *jujutsu* sua superioridade de acordo com o que desejava, como afirma:

Embora o remo ajude de certa maneira a manter a forma física, se não moramos perto do rio ou um lago grande, a viagem de ida e volta toda a vez que saímos pra remar não só faz perder um tempo valioso como também é muito fatigante. Além do mais, a prática irregular do remo não ajuda muito o desenvolvimento muscular. Portanto (...) passei a considerar que o remo para mim particularmente, não era a atividade adequada.

Sobre a caminhada e o beisebol Kano (apud WATSON, 2011, p. 50) afirma:

Eu e meus colegas da Universidade de Tóquio formamos um clube de caminhada e de tempos em tempos saíamos para viagens em torno das áreas montanhosas de Tóquio (...). Olhando para trás agora, acabo constatando que foi uma experiência cansativa e não creio que tenha beneficiado muito fisicamente. Jogar beisebol implica principalmente em arremessar a bola e rebater, mas esses esforços físicos exercitam

poucos grupos musculares. Além disso, é necessário um espaço aberto muito grande e dois times para jogar devidamente uma partida. (...) Embora o jogo de beisebol seja divertido, não é na verdade uma atividade própria para o exercício vigoroso de todos os grupos musculares do corpo.

E assim conclui Kano sobre a melhor finalidade dos exercícios físicos: “portanto, no meu modo de pensar, para o exercício de todos os grupos musculares, não há nenhuma atividade física mais benéfica que um treinamento vigoroso do tipo *jujutsu*”.

O estágio inicial de prática de *jujutsu* por Kano em busca de fortalecimento do corpo, integrados aos valores educativos que precisavam ser desenvolvidos no Japão na época, somados com seus estudos acadêmicos envolvendo filosofias ocidentais, foram determinantes para a elaboração de seu método educativo baseado em três elementos fundamentais por ele denominados *Shugi* (cuidado e fortalecimento do corpo pela Educação Física), *Iku* (desenvolvimento moral e ético) e *San* (aquisição de conhecimento), ou seja, o desenvolvimento físico, moral e intelectual (CASADO e VILLAMON, 2009, p. 26). Este fundamento foi aplicado por Kano, como sugere Maekawa e Hasegawa (1963), Watson (2011, p. 204), Niehaus (2010, p. 146) e Callan (2008, p. 48 a 53) a partir dos estudos de Herbert Spencer⁶⁴ na obra, “Educação intelectual, moral e física” de 1863, como diz Watson (2011): “Kano muitas vezes menciona *San – Iku – Shugi*, ou três educações: aquisição de conhecimento, estudo da moralidade e Educação Física, possivelmente adaptados

64. Herbert Spencer (1820-1903), filósofo inglês representante do positivismo, bastante influenciado por Charles Darwin, desenvolveu sistemas de pensamento significativos em sua época baseando-se nas ciências naturais. Vale lembrar que, de acordo como Michio (apud DUKE, 2009, p. 235), Spencer foi o mais lido e, possivelmente, o mais influente pensador social e político ocidental no Japão durante os anos 1880.

dos ensinamentos de Herbert Spencer”. O próprio Watson continua: “as teorias pedagógicas de Spencer salientam que deve ensinar as crianças a ser indivíduos que contribuem para o bem da sociedade”.

No que diz respeito ao termo *Shugi* (cuidado e fortalecimento do corpo pela Educação Física) é de se perguntar que princípios epistemológicos existiam na época sobre a Educação Física que poderiam ser utilizados como fundamento por Jigoro Kano. Esta busca de referências é indicada por Watson (2011, p. 30) no prefácio das obras Memórias de Jigoro Kano quando diz: “Kano dedicou muito tempo e energia de sua vida à pesquisa educacional. Fez treze viagens oficiais ao exterior a fim de fazer relatórios sobre os sistemas educacionais vigentes nos países estrangeiros, particularmente sobre a Educação Física no Ocidente”.

O próprio Kano afirma, no livro judô Kodokan, seus propósitos a respeito do judô e sua relação com a Educação Física como segue:

Como tive grande sucesso em aplicar o princípio da máxima eficiência nas técnicas de ataque e defesa, eu me perguntei se a mesmo princípio poderia ser aplicado na melhoria da saúde, ou seja, na Educação Física. Qual é o objetivo da Educação Física? Já ouvimos muitas opiniões sobre isso. Depois de pensar demoradamente sobre a questão e conversar com várias pessoas que conheciam o assunto, conclui que seu objetivo é **tornar o corpo forte e saudável, e, ao mesmo tempo, formar o caráter através da disciplina mental e moral.** Tendo assim esclarecido o propósito da Educação Física, vamos ver até que ponto os seus métodos comuns estão em conformidade com os princípios da eficiência máxima. (KANO, 2008, p. 24) Grifo nosso.

Kano segue afirmando que existem muitas diferentes práticas esportivas e de ginástica que possuem uma natureza competitiva e diz que seus objetivos originais não eram promover o desenvolvimento físico equilibrado e boa saúde. Afirma que alguns esportes

deveriam ser abandonados ou reformulados, pois pouco contribuem com a Educação Física uma vez que “deixam de fazer um uso mais eficiente das energias mental e física, e impedem o progresso em relação a promoção da saúde, da força e da **utilização do corpo**”. (KANO, 2008, p. 24).

Com relação às atividades de ginástica, Kano diz que não são adequadas para a Educação Física, segundo suas concepções, pois apresentam dois problemas: o despertar do interesse e a utilidade. Conclui dizendo que seu método reúne exercícios que combinam movimentos de membros, pescoço e tronco e seguem o princípio da máxima eficiência promovendo um desenvolvimento físico e moral harmoniosos. Para atingir seus objetivos de Educação Física Jigoro Kano cria o *Seiryoku Zenyo Kokumin Taiiku* (Educação Física Nacional de Máxima Eficiência) cujo objetivo é segundo ele: “promover o desenvolvimento de mentes e corpos fortes e saudáveis, ser interessante e útil”. (KANO, 2008, p. 243).

Nas três partes que Jigoro Kano dividia o judô Kodokan, em seu desenvolvimento, ele se apoiou no que já estava estruturado no *jujutsu*. Kano (2008, p. 23) diz:

“A organização do judô Kodokan é hoje basicamente a mesma da época em que eu criei, mas naquele tempo, quando explicava o judô, eu o dividia em três partes: seu uso como método de luta (arte marcial), como método de treinamento (Educação Física) e como método de treinamento mental (incluindo o desenvolvimento do intelecto e da moral e a aplicação do judô na vida diária).”

Notamos, no entanto que dos três pilares que serviram de base para a formulação do judô Kodokan, dois já estavam presentes no *jujutsu* como o próprio Kano (2008, p. 18) reconhece:

Embora o combate esteja no cerne da prática do *jujutsu*, a Educação Física e o treinamento mental sempre estiveram entre suas metas. Esse quase nunca foi um ponto de discussão, pois o treino para a luta exige que se mova o corpo de várias maneiras, o que levou o *jujutsu* a se tornar indiretamente um tipo de Educação Física. Entretanto, pela mesma razão ele se tornou um método de treinamento da mente.

A concepção da educação intelectual, moral e física como modelo de educação integral é também encontrada na obra de Samuel Smiles, *O poder da vontade*, como vemos a seguir:

A educação que podemos adquirir, por meio dos nossos próprios esforços, compreende a cultura ou o desenvolvimento da todas as faculdades, da nossa natureza *physica*, moral e *intellectual*. Importa, pois, que cada uma destas faculdades seja desenvolvida, e que cada uma, por outra parte, contribua até certo ponto para o desenvolvimento das outras. (...) Se quisermos ter um homem completo, devemos pôr muito cuidado em que a mais perfeita harmonia presida à cultura destas três ordens de faculdade. (SMILES, 1870, p.349-350) *Grafia original*.

Niehaus (2010, p.146) aponta aproximações significativas entre o conceito central da obra de Spencer (educação intelectual, moral e física), pela qual afirma ter sido fonte de referência de Kano, com o conceito de educação integral de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) baseados no princípio “cabeça, mão, coração”.

Incontri (1996, p. 22), ao analisar a obra de Pestalozzi, relata que a partir da filosofia de homem por ele concebida derivou seu método “entendido como uma visão do desenvolvimento integral do homem, por meio do qual Pestalozzi pretendeu descobrir leis eternas, que regem esse desenvolvimento, do ponto de vista do seu tríplice aspecto: moral, intelectual e físico”.

Outro ponto de forte ligação de Pestalozzi com Jigoro Kano e a da realização do homem pela moralidade além de sua proposta de

“ensino mútuo” como método educativo. Tendo estas análises como referência pode-se sugerir que Kano não é o “pai da educação integral” como apresentado no título da obra de Eico Suzuki (1986) uma vez que este conceito é anterior a sua obra.

Molina (2011, p. 247) afirma que Kano demonstrou um grande interesse pelos aspectos educativos e sociais do Ocidente. Por isso colocou-se em contato com as ideias de pensadores como Spencer, Darwin, Hegel, Comte, Stuart Mill e Thomas Arnold além de visitar diversos países para estudar seus sistemas educativos e, em especial, a Educação Física. O autor segue dizendo que a introdução da Educação Física nos currículos dos países industrializados surgiu para solucionar o problema da excessiva atividade intelectual que tomava os currículos escolares. Desta forma Kano se vale das soluções emergentes desses países que propõem uma educação que promovesse um equilíbrio das três dimensões: intelectual, física e moral.

Para melhor analisarmos as possíveis influências recebidas por Kano das obras de pensadores ocidentais ao traçar os fundamentos educativos do judô, precisamos saber com mais detalhes que circunstâncias estes pensadores estavam vivendo para elaborar suas obras e, possivelmente interligá-las com as circunstâncias vividas por Kano em seu momento histórico.

A obra de Spencer, Educação intelectual, moral e física (1863), nasce em plena crise do capitalismo na Europa, marcada pela luta de classes entre a burguesia e o proletariado. Ele começa questionando os conhecimentos de maior valor, isso devido ao fato ao modelo burguês de valorização das “futilidades” que garantiam somente a satisfação de uma minoria, motivo da geração da crise. A educação intelectual era a privilegiada na época e pertencia à aristocracia. Spencer questiona as referências da época e sugere uma educação que tenha utilidade não só para um grupo minoritário mais

para a sociedade como um todo. Na busca de entender “de que maneira devemos utilizar as nossas faculdades para máxima vantagem nossa e do outros” Spencer, a partir da obra de Mill (Utilitarismo) apresenta uma proposta educativa frente à formação do homem de forma integral. Evidentemente esta proposta visa atingir a maior parte da população da época e está voltado para o fortalecimento da classe operária, dessa forma equilibra a luta de classes.

A luta de classes⁶⁵ em torno do capital, presentes na segunda metade do século XIX na Europa, exige medidas para reordenar os papéis e as instituições sociais. A partir dessa situação aparecem esforços para despertar nobres sentimentos coletivos, na tentativa de diminuir a “tensão entre buscar aquilo que era melhor para o indivíduo e para a sociedade, os valores coletivos, as virtudes sociais e o sentimento de responsabilidade individual para com o todo social...” (HEROLD JUNIOR, 2004, p.167)

Paul Bert (apud Herold Junior, 2004) entende que a educação ganha valor sobre a instrução e liga-se a luta de classes, que exige solidariedade, benevolência, complacência e demais virtudes do cidadão. O homem, neste contexto, além de ter que ser honesto

65. Para não fugir do foco da pesquisa o assunto está sendo tratado somente de passagem. O que interessa para o estudo é traçar uma ligação entre as motivações ocorridas na Europa que deram ambientação para as obras de Mill, Smiles e Spencer e suas ligações com os conceitos elaborados por Kano. No entanto vale a pena apresentar a hipótese de residir no fenômeno das lutas de classe entre o proletariado e a burguesia inglesa a origem do conceito do “benefício e prosperidade mútuo” agregados à necessidade da “educação integral” (física, moral e intelectual), um projeto de educação de cunho liberal, proposto pela classe dominante na época. Para maior aprofundamento a respeito das condições sociais presentes na época e que resultaram na luta de classes apontada, sugerimos a leitura do texto “*La situación de la clase obrera en Inglaterra según las observaciones del autor y fuentes autorizadas*” - Federico Engels 1845 – Disponível em: <http://doctoradosociales.com.ar/wp-content/uploads/2012/08/Clase-Obrera-Engels-completo.pdf>

consgo mesmo deve ser bom com os outros. Desta forma a educação que era essencialmente intelectual passa a assumir um caráter moral onde a educação corporal é acrescentada dentro dessa perspectiva. Daí a motivação para o desenvolvimento da obra Educação intelectual, moral e física de Spencer.

Como Kano viaja à Europa para conhecer os sistemas educacionais vigentes na região no final do século XIX e início do século XX, em especial relacionados à Educação Física, vale a pena entender se as concepções ocidentais influenciaram a formulação de seus fundamentos educativos.

Cabe uma pergunta instigante, por que afinal de contas Kano estava tão preocupado em apontar a moralidade como característica fundamental de seu método educativo? De onde surge essa preocupação? Estará sua origem nos acontecimentos históricos do Japão *Meiji* uma vez que o povo japonês tinha uma forte influência de Confúcio, do xintoísmo e do *bushido*, todas estas correntes de pensamento repletas de códigos de conduta e comportamento⁶⁶?

66. É importante salientar que no período Tokugawa (1603 -1868) os comportamentos das pessoas eram controlados pelo poder militar. Aqueles que apresentavam comportamentos diferentes do esperado para sua classes eram castigados e muitas vezes mortos cruelmente. Assim a obediência era uma forma de manter as classes sociais sobre controle. Não era o juízo moral que mantinha o sentido de organização coletiva. É este o motivo pelo qual os japoneses demonstram certa aparência tranqüilizadora e pacífica e por assim dizer inofensiva aos detentores do poder hierárquico independente do grau de turbulência real por que passavam. A ideia de “expressão aparente” que se referia a autoridade formal e o verdadeiro poder, ou seja, a aparência exterior é dada pela expressão *Omote ou Tatemae* e aquilo que vai na realidade interior e dada pela expressão *Ura ou Honne*. Assim, quem aparentasse comportar-se adequadamente e respeitasse a autoridade não causando nenhuma desordem seria provavelmente deixado em paz. (HENSHALL, 2008, p. 83-84)

Este controle “moral” era exercido pela classe samurai que, por não terem uma utilidade social no período Tokugawa direcionaram a prática da luta para o desenvolvimento da virtude moral em torno do código do *bushido* que surge como forma de controle da inutilidade prática do samurai. Uma das funções para a existência desta classe guerreira era o aperfeiçoamento da virtude moral que deveria ser modelo de referência para o resto

Seria o processo de ocidentalização capaz de eliminar esta formação moral a ponto de ser necessário “resgatá-la” num método educativo?

Pois existe a possibilidade de Kano ter importado a preocupação original de evidenciar a moralidade no desenvolvimento de seu método educativo e, mais que isso, ter importado também o sentido de educação integral, ou seja: intelectual, moral e física.

Herold Junior (2004) apresenta as bases para a disciplina de Educação Física na Europa do século XIX num estudo que tinha como objetivo “verificar o modo como as questões educativas mais amplas da sociedade, associadas à resolução das contradições do capitalismo no século XIX, foram absorvidas por aqueles que pensaram a Educação Física na Europa”. Os resultados deste estudo são fundamentais pra compreender o modelo educativo ligado a Educação Física que Jigoro Kano encontrou em suas viagens para a Europa o que nos permite traçar as influências de origem ocidental nos fundamentos do judô.

Assim nos conta Herold Junior (2004, p. 168):

A instituição da Educação Física como disciplina de origem obrigatória, assim como as demais disciplinas, vêm carregadas de um forte componente moral. Mais do que desenvolver as forças individuais necessárias à luta pela vida, que se trava nas relações de troca entre indivíduos livres, ela se preocupa em disciplinar essas.

da sociedade que seriam punidos e disciplinados caso fosse necessário. Yumaga Soko (1622 – 1658) foi o primeiro a apresentar este entendimento e escreveu “O samurai passa sem a tarefa do agricultor, do artesão e do mercador e limita-se a praticar este Caminho. Se alguém pertence às três classes do povo comum transgredir estes princípios morais, o samurai pune-o sumariamente e, portanto, promove na terra adequados princípios morais”. A referência a moralidade, no entanto é diferente da concepção ocidental. Não se trata de uma questão de bem ou mal, mas de fazer o que é esperado, no contexto das relações sociais e da ordem. Quem sair da linha é sumariamente punido. (HENSHALL, 2008 p. 88)

Quem sabe kano não estaria em busca de outras possibilidades de formação da moralidade social que não estivesse fundada no medo e no controle externo da população.

Nesse estudo, Herold Junior conclui que é inegável que o pensamento educacional liberal se altera significativamente para responder a crise do capital no século XIX. Isso ocorre para criar condições de coesão social, apesar de estar intocada a idéia de que o aprimoramento do indivíduo é a base lógica e concreta para o aprimoramento social.

Nas suas conclusões aponta:

Longe de uma preocupação com o desenvolvimento da aptidão física e com aspectos higiênicos e eugênicos, as atividades físicas foram pensadas em sua importância educacional. A atividade pela atividade, ou somente para o aumento da força e da flexibilidade, era, ao contrário, aquilo que deveria ser rechaçado. As práticas corporais foram consideradas e colocadas no interior da nascente escola pública pelo reconhecimento cabal da sua relevância na formação do cidadão, do indivíduo responsável também em seus comportamentos e pensamentos. (HEROLD JUNIOR, 2004, p. 173)

A tendência de educação integral baseada na moralidade utilitarista, com fins de produzir a harmonia social, devido à luta de classes em torno do capital na Europa, tem forte semelhança com os propósitos educativos apresentados por Kano no seu método especialmente após o episódio da 1ª guerra mundial. Kano acreditava que com uma orientação moral bem definida poderia fazer a nação japonesa prosperar e promover o desenvolvimento saudável de todos os cidadãos. Podemos notar esse seu entendimento em sua reflexão a cerca do Japão neste período como presidente do Conselho de Cultura Kodokan em 1922. Assim Kano (apud WATSON, 2011, p. 157-158) afirma :

Os recentes acontecimentos no mundo tornaram as relações internacionais cada vez mais complicadas. Se as nações não conseguem reconciliar suas diferenças, fica-lhes difícil manter sua independência.

Uma vez que no Japão muitos são contrários a essa tendência que se espalha internacionalmente, o nosso país deve se esforçar para manter relações amigáveis com os outros. Refletindo sobre os assuntos do Japão atual, muitos japoneses têm pouca ambição, estão confusos do ponto de vista ideológico, e as classes privilegiadas economicamente costumam buscar apenas os prazeres. O aumento dos conflitos de terras e os arrendatários há discórdias constantes. **O aumento dos conflitos entre capitalistas e trabalhadores pode provocar a desintegração social. Está muito claro o aumento das lutas pela igualdade entre os desprivilegiados e os ricos. A sociedade japonesa precisa ser resguardada logo dessa situação.** Quando adotam doutrinas estrangeiras como necessárias, os intelectuais sentem compulsão semelhante. Os que têm longa experiência de pesquisa no judô Kodokan têm adotado o *princípio Seiryoku Zenyo*, dispondo seus trabalhos para o bom uso em benefício próprio e da sociedade. Grifo nosso.

O Conselho de Cultura da Kodokan, fundado em 3 de abril de 1923 tinha como propósito promover o conceito “*seiryoku saizen katsuo*”, ou seja, “*a melhor prática do uso das energias*” em busca do aperfeiçoamento próprio e o da sociedade, como podemos ver em seus objetivos (WATSON, 2008, p. 158):

1. Buscar o aperfeiçoamento físico, intelectual e moral de cada indivíduo a fim de que ele seja capaz de beneficiar a sociedade.
2. Respeitar a história do Japão e o trabalho de ajudar a melhorar o que se considera necessário para o bem da nação.
3. Contribuir para a harmonização da sociedade com a ajuda e compromisso mútuos entre indivíduos bem como entre organizações.
4. Procurar a eliminação pacífica do preconceito racial no mundo pela promoção das atividades culturais.

O Conselho de Cultura da Kodokan, assim como outras instituições como a Associação dos Faixas Pretas e as diversas revistas que publicava foram iniciativas para levar adiante seu

propósito educativo. Kano (apud WATSON, 2001, p. 176) percebeu que, somente a prática do judô no *dojô* não era suficiente para a formação moral que tanto valorizava como se observa nesta passagem:

Olhando para as condições sociais do Japão de hoje, observa-se a necessidade premente de que as pessoas recebam orientação moral e de que se encontrem meios de melhorar seu padrão de vida. É difícil atingir os verdadeiros objetivos do judô, que são a promoção de benefícios para a sociedade, esperando tão somente que as coisas aconteçam ou apenas praticando o judô no *dojô*. Por outro lado, é mais provável que esses objetivos sejam plenamente atingidos se forem considerados os conhecimentos intelectuais a mais do Conselho de Cultura da Kodokan.

Kano afirma, na seqüência do trecho acima exposto, que o principal propósito do Conselho de Cultura é “atuar como extensão do treinamento do judô, ao mesmo tempo em que libera esse treinamento dos limites convencionais do *dojô*, para que esse conhecimento exerça mais influência na vida cotidiana das pessoas”.

Sua possível importação ao modelo educativo japonês parece estar relacionada ao processo de transformação social da era *Meiji* e da era *Taisho* que, assim como na Europa, estava em crise também de luta de classes devido às reestruturações sociais. Parece ser admissível a implantação de uma proposta educativa baseada nos pensadores ingleses diante da crise vivida em fins do século XIX e início do século XX no Japão, inclusive com relação à moralidade utilitária após uma década (1870-1880) onde o sentimento de individualismo torna-se maior.

A partir dessas análises podemos refletir e aprofundar o entendimento sobre o sentido que Jigoro Kano atribui ao *do* (caminho) pertencente ao judô Kodokan. Em parte representa o

modelo de pensamento oriental, um caminho que leve ao autoconhecimento, a autoperfeição, o *Tao*. Por outro lado, o conceito do auto aperfeiçoamento é priorizado pelos ingleses como afirma Smiles:

A liberdade não é somente o efeito de um engrandecimento político; é sobretudo o resultado de um engrandecimento moral, fructo da energia, da independência, da liberdade das acções individuais. A maneira porque um homem é governado pode não ter immensa importância, ao passo que tudo depende da maneira por que elle se governa a si mesmo. (SMILES, 1870, p. 4) *Grafia original*

No entanto, esse autoconhecimento deve ser útil à sociedade como apontou John Stuart Mill. Todo desenvolvimento pessoal deve servir não só para benefício próprio, mas para beneficiar outras pessoas: um carater utilitarista portanto, um modelo de pensamento ocidental. Além disso, a referência que faz sobre a máxima eficiência em todas as acções, tanto no tatame como fora dele coincidem com um pensamento predominante na época em função do crescente processo de industrialização.⁶⁷

A respeito desse assunto, Kano (2008, p. 54) vê que o seu principio de melhor uso da energia tem afinidade com os processos de eficiência no trabalho promovido por Frederick Taylor,⁶⁸ quando

67. Das Prinzip der effektivsten Nutzung der Energie bezieht sich auf eine gesellschaftliche, politische und ökonomische Ebene und schließlich als Anspruch auf alle Ebenen menschlichen Handelns. (NIEHAUS, 2010, p. 170)

68. **Frederick Winslow Taylor** (1856 – 1915) foi um engenheiro mecânico estadunidense, inicialmente técnico em mecânica e operário, formou-se engenheiro mecânico estudando à noite. É considerado o “Pai da Administração Científica” por propor a utilização de métodos científicos cartesianos na administração de empresas. Seu foco era a eficiência e eficácia operacional na administração industrial. Uma das suas principais obras é *Princípios de Administração Científica* de 1911.

afirma que “um grande esforço também deve ser feito para o desenvolvimento do comércio e da indústria, entre outros assuntos que merecem consideração”.

Considerar essas afinidades conceituais não significa que Taylor foi referência para Kano desenvolver seus fundamentos filosófico/educativos para o judô. No entanto, esse relato é importante para evidenciar como grandes pensadores e lideranças em diferentes áreas no período de desenvolvimento do judô sofreram influências das filosofias utilitaristas de Mill. Podemos observar claramente as semelhanças conceituais nos trechos da obra de Taylor que descrevem os fundamentos da administração científica:

O principal objetivo da administração deve ser o de assegurar o máximo de prosperidade ao patrão e, ao mesmo tempo, o máximo de prosperidade ao empregado.

A expressão máximo de prosperidade é usada, em sentido amplo, compreendendo não só grandes dividendos para companhia ou empregador, como também desenvolvimento, no mais alto grau, de todos os ramos do negócio, a fim de que a prosperidade seja permanente (...).

Parece tão evidente por si mesmo o princípio que a máxima prosperidade para o patrão acompanhada da máxima prosperidade para o empregado devem ser os dois fins principais da administração... (TAYLOR, 1960, p. 13)

Observa-se na citação acima uma forte semelhança entre o princípio maior da administração científica com o conceito *Jita Kyo-ei* de Kano.

Na citação seguinte podemos notar que Taylor reúne dois importantes conceitos que Kano atribuiu para o judô, a máxima eficiência ou, o melhor uso da energia, para a prosperidade mútua, vejamos:

Ninguém ousará negar que o indivíduo atinge sua maior prosperidade, isoladamente, quando alcança o mais alto grau de eficiência, isto é, quando diariamente consegue o máximo rendimento. Este fato é também evidente, ao trabalharem juntos dois homens. Para exemplificar: se você e seu operário se tornaram tão adestrados que juntos fazem dois pares de sapatos por dia, enquanto seu competidor e o operário dêle fazem somente um par, é claro que, depois de ter vendido os dois pares de sapatos, você poderá pagar ao seu operário mais do que seu concorrente que produz somente um par, cabendo a você, ainda, lucro maior do que a seu competidor. No caso duma indústria mais complexa, estará perfeitamente esclarecido que poderá ser obtida a maior prosperidade permanente do operário, acompanhada da maior prosperidade permanente do patrão, quando o trabalho da empresa for realizado com o menor gasto de esforço humano, combinado com o menor gasto das matérias-primas, com a inversão de capital em instalação de máquinas, em edifício, etc. Ou, por outras palavras: **que a maior prosperidade decorre da maior produção possível dos homens e máquinas do estabelecimento, isto é, quando cada homem e cada máquina oferecem o melhor rendimento possível.** Assim, a menos que seus homens e máquinas estejam produzindo mais do que os de seus concorrentes, é claro que não podem seus operários receber mais do que os operários que trabalham para seus competidores. E como este fato é verdadeiro com relação a duas companhias vizinhas, também o será com municípios duma comarca e mesmo entre nações. **Em uma palavra, o máximo de prosperidade somente pode existir como resultado do máximo de produção (...).**

Se e exato o raciocínio acima, conclui-se que o objetivo mais importante de ambos, trabalhador e administração, deve ser a formação e aperfeiçoamento do pessoal da empresa, de modo que os homens possam executar em ritmo mais rápido e com maior eficiência os tipos mais elevados de trabalho, de acordo com suas aptidões naturais. (TAYLOR, 1960, p. 14-15) Grifo nosso.

Taylor pensava na administração científica do trabalho e Kano pensava no desenvolvimento de um método educativo para o Japão

numa época de desenvolvimento de seu processo de industrialização e é plausível pensar que existia, a partir dessa afinidade de fins, propósitos educativos vinculados ao judô designados também para a formação de trabalhadores eficientes.

Pode-se sugerir que não foram às obras de Spencer e de Mill que isoladamente serviram de base para criar os fundamentos educativos do judô. Estas foram entrelaçadas por Kano com aquilo que viveu em sua experiência de vida, em parte pela prática do *jujutsu*, em parte pela formação acadêmica e em parte por sua atuação política. O judô, e sua ligação com a Educação Física, neste sentido, é estruturado em uma tripla influência como mostra a figura 3.

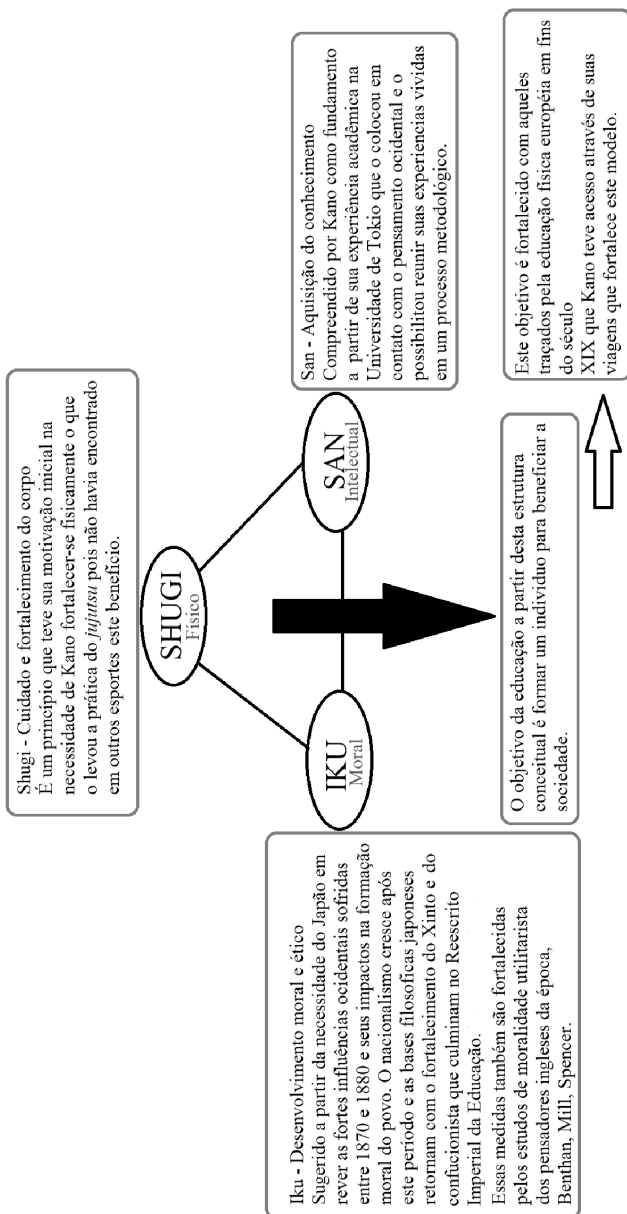


Figura 3 – Razões que levaram Kano a estabelecer seu método de educação baseados nos conceitos *Shugi* – *Iku* – *San*.

3.5 O pensamento sistêmico de Jigoro Kano na fundação do Judô Kodokan: estruturando uma referência

Jigoro kano, um pacifista convicto, que dedicou toda sua energia para difundir no Japão e no Ocidente suas idéias de paz e de igualdade de direitos, independentemente de crenças religiosas, culturais e políticas em torno de um ideal educativo, mostrou sua capacidade de sintetizar diferentes correntes de pensamento num período de intensa revolução cultural que lhe permitiu a formulação de um método de ensino que se tornou uma importante instituição, o judô Kodokan.

Este equilíbrio entre a tradição e modernidade, que define o desenvolvimento, pode ser visto na citação abaixo:

É preciso saber que o verdadeiro desenvolvimento do mundo começa com a ação combinada de duas forças: a força que põe em movimento e a força que conclui (...) Sem estas duas forças, não há sociedade. No entanto, ambas precisam estar em harmonia. Se vence a força do movimento, há agitação e, finalmente, morte. Se vence a força unificadora, o desenvolvimento cessa. [...] Se somos muito ligado ao antigo, não há progresso. (KANO, apud NIEHAUS, 2010, p. 180)

Diante das evidências apresentadas, podemos propor que os fundamentos educativos que estruturaram o judô fazem parte de um complexo sistema de influências provenientes das instituições, das ações e das linguagens orientais e ocidentais vividas por Jigoro Kano. Valendo-se de seu potencial intelectual, sua profunda habilidade de leitura da realidade e capacidade de sincretismo, conseguiu estruturar uma nova instituição adequada as emergentes necessidades da época.

Carvalho (2007, p. 173) apresenta uma descrição semelhante de seu entendimento frente à elaboração do judô como segue:

Jigoro Kano sama sistematizou um conjunto de técnicas corporais e um complexo de idéias e pensamentos (uma ideologia) montados sob as determinantes dos interesses objetivos e subjetivos de classe dominante de sua época, que serviria de suporte teórico/ histórico à nova arte/doutrina (Dô, ocidentalizado poder ser compreendido como vereda para a sabedoria) transformada em esporte pelos ocidentais.

A mesma interpretação é feita por Imparato(s/d) dizendo que Kano, combinando o melhor da arte marcial japonesa, o budismo, o confucionismo, o xintoísmo, o taoísmo numa síntese consciente com seus estudos ocidentais, elaborou seu método educativo ao longo de um período de tempo, aperfeiçoando-o à medida que aprofundava seus estudos em relação a outros autores, incluindo os ocidentais.

Assim também afirma Cayrols (2010, p. 15) ao dizer que:

El judô es un producto fruto del encuentro entre la cultura oriental y la cultura occidental, y posiblemente ahí radica su gran contribución para crear um deporte que, sin haber nacido en la cuna del deporte, pudiese formar parte de la cultura deportiva universal.

Podemos então, a partir dos dados levantados, apresentar um modelo sistêmico de pensamento (figura 4) utilizado na época por Kano. A intenção em fazê-lo, quando tratamos de entender a relação de integração Oriente-Occidente, e fundamental para pensarmos o judô no mundo contemporâneo.

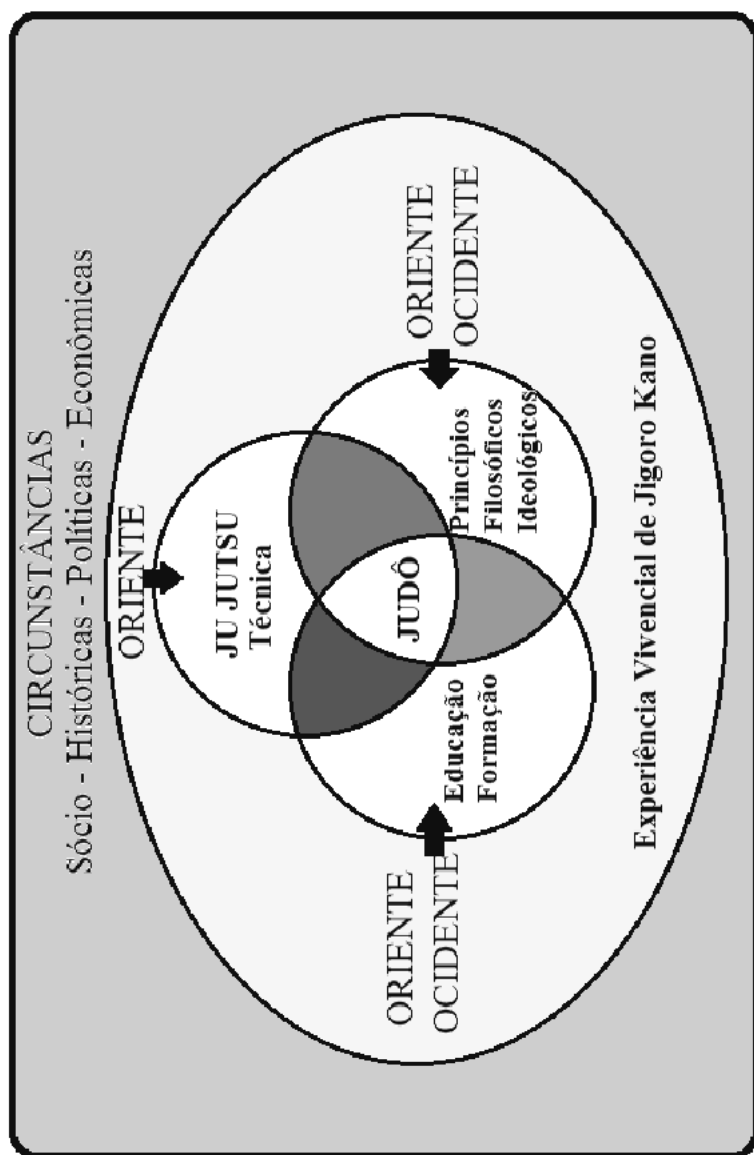


Figura 4. Modelo sistêmico de pensamento de Jigoro Kano ao formular o método educativo denominado judô. Pode-se notar como considerou diversos elementos emergentes integrando a cultura do Oriente com o Ocidente.

Para concluir o capítulo, é importante apresentar uma citação de Kano (apud WATSON, 2011, p. 139), na ocasião da formação do *Judokai* em dezembro de 1915, uma sociedade que tinha como finalidade promover o cultivo e o conhecimento entre os alunos, que reforça a tese da integração Oriente-Occidente na constituição do judô. E, mais do que isso, uma declaração de contribuição educativa para o povo japonês frente ao processo de relações internacionais conturbadas devido à 1ª guerra mundial.

A recente influência da cultura ocidental na sociedade japonesa, nas instituições e na ideologia tem chamado atenção e também causado muita agitação. A intelectualidade teme que, por causa dessa influência, que vem de mãos dadas com a prosperidade econômica, muitos japoneses estejam ficando cada vez mais decadentes e, portanto, considera necessário todo empenho para anular esses efeitos. Nesse aspecto, a formação do judô pode ser útil. Nos últimos trinta anos, ou desde a fundação do Kodokan, temos visto que o judô pode ter efeito benéfico não apenas no aperfeiçoamento moral e físico de muito dos nossos jovens, mas também na unificação de sua ideologia. Devido a crescente expansão econômica do Japão, o impacto do judô e de outros aspectos da cultura japonesa na sociedade não se restringe mais apenas a este país, mas também se estende a terras distantes.”

Fica claro no trecho escrito por Kano a perspectiva ideológica atribuída ao judô e a interligação deste método educativo frente às transformações sociais no Japão em função das influências da cultura ocidental.

Autores como Casado e Villamon (2009) e Niehaus (2010) apontam que existe uma tendência utópica nas ideias de Kano, pois em suas propostas, não se posiciona como um revolucionário ou reformador político. Esse fato retrata a vulnerabilidade do pensamento de Kano, porém, segundo Kanemoto e Neagari (apud

NIEHAUS, 2010, p. 179) afirmam que, apesar da especulação abstrata e de um princípio idealista, sua perspectiva de mudança social está voltada para ações cotidianas que mostram a relevância concreta de seu método de pensamento retratando uma abordagem pragmática das ações humanas que encerram, em conjunto, os princípios *Seiryoku Zenyo* e *Jita kyoei*. Desta forma não se trata somente de uma condição ideológica.

No entanto, provavelmente devido a essa vulnerabilidade, a ideologia sofre um desvirtuamento a partir do momento em que o judô transforma-se de um método educativo numa prática esportiva alterando nesse processo os sentidos atribuídos a sua prática.

A esportivização do judô dá início ao fenômeno que denominamos de desintegração Oriente-Occidente com forte predomínio dos valores e pensamentos ocidentais como veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

A (des)integração Oriente-Occidente: judô e o processo de esportivização.

O que vamos apresentar neste capítulo é o rompimento do processo de integração, originalmente organizado por Kano em seu método educativo, a partir do predomínio dos valores ocidentais sobre o judô, quando este passa a ser entendido como prática esportiva.

4. O judô pós 2ª guerra – o processo de esportivização da luta e o distanciamento da linguagem e pensamento oriental

O judô *Kodokan*, em todo seu desenvolvimento, foi se construindo dentro de um processo de integração de valores e pensamentos provenientes dos sistemas simbólicos orientais e ocidentais. Criada a partir de um modelo de pensamento sistêmico, que combinava aspectos da tradição oriental numa síntese consciente com os estudos ocidentais, integrados ao contexto sócio- histórico-político da época, a *Kodokan* sofre significativas influências em seu projeto original a partir da 2ª guerra mundial.

A esportivização por que passa o judô, é entendida nesse estudo, como um processo de transformação de uma prática com fins

educativos em um esporte moderno e competitivo, associado a transformações dos sistemas simbólicos de valorização, que provoca um distanciamento dos valores e pensamentos orientais, suprimidos pela completa ocidentalização da prática da luta de judô.

Ao alterar os sistemas simbólicos, a intencionalidade do praticante de judô também se altera. O homem que luta judô, após o processo de esportivização, passa a valorizar em maior grau os aspectos competitivos da prática, conceito este que enaltece os valores ocidentais em detrimento de outros possíveis sentidos atribuídos a luta e que tem maior relação com a prática do *budô*, portanto promotores de valores e pensamento de origem no extremo Oriente.

Jigoro Kano desejava que o judô, como metodologia de ensino, adotasse um caráter internacional, como forma de contribuir para o entendimento entre os países. Tal atitude de Kano, segundo Villamon e Brousse (2011, p. 117), por volta dos anos 30, apresentava certa ameaça à estrutura da sociedade japonesa extremamente rígida em sua disciplina, baseados num militarismo disfarçado de *Zen*, ou artes marciais *Zen*, a serviço do nacionalismo.

Esta tendência nacionalista imposta pelos militares japoneses, como seguem afirmando os autores, impuseram uma política voltada para a guerra, exaltando em todo o país, o “*espírito do guerreiro*” enaltecendo o *bushido*. As artes marciais, nessa época, deveriam servir para “inculcar” na população os valores ligados ao *bushido* e ao nacionalismo. A instituição que promovia esta formação era a *Daí Nippon Butokukai* (Associação das virtudes marciais do grande Japão), uma associação patrocinada pela Família Real com delegações espalhadas por cerca de quarenta prefeituras que, por volta de 1906, contava com cerca de um milhão e trezentos mil afiliados configurando-se a mais poderosa, influente e patriótica instituição governamental para fomentar o ensino das artes marciais (CASADÓ e VILLAMON, 2009, p. 36).

A *Kodokan*, escola de Kano, era contrária à tendência do governo de utilizar o judô para fins militares, mesmo porque isto ia contra os princípios filosóficos e pedagógicos de seu método e, mesmo sofrendo pressão do governo, Kano recusou importantes subvenções e apoios, resistindo as tendências militares propostas em torno das atividades físicas e artes marciais. Isso porque ele tinha um espírito humanista, expresso em seu grande esforço em impulsionar reformas educativas em seu país. Kano defendia publicamente uma posição pacifista frente ao totalitarismo e ultranacionalismo no Japão o que, em certa medida, lhe causava isolamento político.

As diferentes posições entre a *Kodokan* e a *Butokukai* geraram uma certa rivalidade. Kano presencia a massificação da prática do judô ao mesmo tempo que, por conta da ausência de uma unidade, assiste a mudanças drásticas nas suas finalidades educativas originais e seu sentido humanista (CAYROLS, 2010, p. 18). Esta transformação intensifica-se com sua morte em 1938⁶⁹ e a apropriação do

69. Sobre a morte de Jigoro Kano, relata o Ministro das relações exteriores do Japão M. K. Hirasawa: Em 01 de maio o tempo estava bom, embora o vento estava um pouco forte. Pela primeira vez, o mestre Kano estava ausente na sala de jantar e perguntei ao capitão qual a razão da sua ausência. Ele respondeu: “Ele está com 39 graus de febre e ficou na cama.” Nós estávamos preocupados porque ele era uma pessoa de idade. Eu tinha ouvido falar pelos corredores que o Sr. Kano tinha dito: “. Eu não me sinto velho”. Ele tinha vindo ao refeitório por volta das 10h30 tomou seu café da manhã e depois vomitou. Na parte da tarde, fomos para a sala de jantar. Quando eu cheguei no refeitório notei que tinha quatro almofadas e perguntei: “Então o Sr. Kano virá esta tarde?” O Capitão respondeu: “ele é tão teimoso, certamente virá.” Começamos a comer quando o vemos aparecer, auxiliado por um jovem ajudante. Ele parecia muito mais fraco do que o da noite anterior. Seu rosto estava pálido e disse: “. Está fazendo muito frio”. Suas pernas estavam fracas, então sentou-se na almofada, tremendo. Ele comeu um pouco e em seguida, começou a ter náuseas e pediu a um garçom para alcançar uma tigela. Ele se sentia impaciente e eu podia ver que estava muito transtornado. Ele comeu um pouco de arroz e tomou um pouco de Sake com alguma dificuldade, porque suas mãos estavam tremendo. O jovem companheiro sugere que volte para sua cabine, mas ele respondeu: “Não, ainda não”, e tenta ficar um pouco mais, em seguida, diz ao jovem para acompanhá-lo e se retira.

judô pela *Butokukai*. Muitos professores, discípulos de Kano saíram da *Kodokan* e não puderam seguir com a transmissão dos conhecimentos deixados por ele. O judô *Kodokan* passa por um período de desaparecimento que se inicia a partir de 1930, passando pela morte de Kano, até chegar a 2ª guerra mundial (CASADÓ e VILLAMON, 2009, p. 38-39).

Graças a posição independente de Kano frente ao nacionalismo e militarismo da política do governo, que levou o Japão a 2ª guerra mundial, a *Kodokan* foi o primeiro centro autorizado pelas forças de ocupação americanas a ensinar novamente o judô. Uma nova etapa se iniciava no seu desenvolvimento que acaba sobrevivendo

Em 2 de maio, teve 40 graus de febre. O médico do navio fez compressas no peito para prevenir a pneumonia e o fazia com todo o cuidado possível. Então ele envia um telegrama a Tóquio relatando que Kano estava seriamente doente. Com esses cuidados, no dia seguinte, a febre baixa até 38 graus e desejávamos que assim se mantivesse até chegar em Yokohama, onde ele poderia ter a possibilidade de ir para um hospital.

Na tarde do dia 03 de maio, tivemos uma reunião de passageiros a pedido do médico. Eu não sabia o motivo de uma reunião tão importante, todo mundo estava triste. Em seguida, o capitão nos convida para uma conversa alguns minutos em sua cabine. Eu vi que na porta do quarto de Kano havia um jovem parado e pensei que poderia ser devido ao atendimento do médico.

Não imaginava que a coisa era realmente séria e muito menos que ele estava prestes a morrer.

Na parte da manhã, como de costume, levantei-me às 8h30 para o café, e lá me encontrei com o Comissário do navio, que me informou: “Sr. Kano está morto.”

Você não pode imaginar o meu espanto. Eu não sabia o que fazer. O capitão tinha os olhos vermelhos de chorar e a barba por fazer. Todos estavam em silêncio.

Ouça, o Mestre Kano tinha morrido enquanto dormia, de forma muito tranquila, de pneumonia às 5h33. Seu corpo estava deitado na cama. Eu não sabia o que pensar sobre os Jogos Olímpicos que estavam para serem realizados em Tóquio, e para o qual ele havia viajado sozinho. Nem sei por que ele não havia sido acompanhado, o que eu sei, é que ele tinha trabalhado duro como dirigente. Ele morreu dois dias antes de chegar ao porto de Yokohama. Eu tive a grande honra de ter passado os últimos 11 dias de sua vida com ele e eu quero lembrar dos imensos serviços que prestou ao Japão e ao mundo, com sua dedicação incansável no Maru Hikawa, 4 de maio de 1938. (AMICI, T.A. Dr. Jigoro Kano: cronologia del Dojo Kodokan. In: **Judô – DO**, 2004, p. 88-91. Disponível em: <http://www.judo-do-amici.smargentina.com>)

à morte de seu fundador, passando por uma nova formulação dos sistemas simbólicos, transformando-se num esporte que rapidamente se espalha pelo mundo.

A nova configuração do judô, no entanto, distanciava-se muito do judô *Kodokan* original, a partir do intenso processo de esportivização, submetendo-se à cultura desportiva ocidental impondo uma grande quantidade de novas interpretações que distorceram sua perspectiva e propósito inicial.

Assim o judô, a partir do final da 2ª guerra, passa por uma rápida transformação, de um método educativo formulado por Kano no final do século XIX e início do século XX para um esporte moderno como podemos ver na citação:

En 1945, tras la derrota japonesa, los americanos, en su deseo de eliminar el espíritu gerrero y revanchista en el Japón, prohibieron todas las actividades inspiradas en bushido. Las artes marciales y el judô fueron prohibidos, y los judokas solo podian entrenarse en la clandestinidad. El Butokukai fue definitivamente suprimido, y al año seguinte, el kodokan fue autorizado por las tropas de ocupación americanas a abrir sus puertas, con la condicion de no presentar al judô como un arte marcial, sino como un deporte. (VILLAMON e BROUSSE, 2011, p. 123).

Essa transformação promove várias alterações em sua organização, natureza e finalidade e, para efeitos de nosso estudo, um distanciamento dos valores e pensamento orientais provocando a desintegração Oriente – Occidente, além de construir um novo campo de sistemas simbólicos e de transmissão cultural.

As mudanças incluem a expansão internacional da prática, crescimento do processo de racionalização e codificação das regras para competição como apontam Goodger e Goodger (apud VILLAMON e BROUSSE, 2011, p. 121). O conceito de racio-

nalidade reforça a tendência de perda da identidade do judô com o Japão a partir do processo de ocidentalização, uma vez que especialistas não orientais desenvolvem áreas como: novos métodos de treinamento, sistema de arbitragem, questões administrativas e normas de competição, voltadas a um processo de comercialização adaptando o judô para se tornar mais atrativo ao público.

Depois da 2ª guerra mundial o judô torna-se uma prática bastante difundida pelo mundo principalmente por ter se transformado num esporte olímpico e, o processo de esportivização segundo Villamon et al.(2004), que iniciou nos anos 50 seguindo numa forte ascensão até o início dos anos 70 do século XX, atraiu muitos praticantes pelo aspecto esportivo.

Matsumoto (2005) e Villamon e Brousse (2011) apontam que a internacionalização do judô ampliou-se com a fundação da Federação Internacional de judô⁷⁰ e a criação dos campeonatos mundiais em 1956 e 1958 em Tóquio e depois dos Jogos Olímpicos de 1964, reforçando a dimensão esportiva do judô contribuindo sobremaneira para o crescimento da popularidade.

No Japão, após esses eventos, fortaleceu-se a dimensão competitiva do judô em maior grau do que com relação aos aspectos educativos, morais ou espirituais como afirma Matsumoto (2005).

A popularização do judô no Ocidente a partir da esportivização provoca, segundo Frederic (apud VILLAMON e ESPARTERO, 2011, p. 76)

70. Após a 2ª guerra mundial resurge o interesse internacional pelo judô que teve o marco de seu desenvolvimento na Europa em 26 de julho de 1948 no Imperial College de Londres com a criação da União Européia de Judô por um grupo liderado por Gunji Koizumi, Trevor Pryce Leggett, Jonh Barnes, Dr. Feldenkrais e F. Kaurert representando os Britânicos; P.Buchelli e F. Limfuhr representando a Itália e L.de Jarmy da França (WATSON, 2000, p. 137).

...un paradójico fenómeno o efecto de ida e vuelta, es decir, dichas artes marciales exportadas por el Japon a la cultura occidental, han sido convertidas en deportes por la misma para, posteriormente, ser devueltas a su pais de origen bajo esta vestidura deportiva que, finalmente, há terminado por imponerse.

Este processo de inversão de valores e sistemas simbólicos das lutas de origem japonesa que, ao passar pelo processo de esportivização no ocidente, sofreram diversas interferências político, econômicas e ideológicas são explicadas por Fouquet (apud VILLAMON e ESPARTERO, 2011, p. 76-77) numa dupla perspectiva. A primeira explica o fenômeno de esportivização das artes marciais⁷¹ japonesas no Ocidente numa transposição de uma cultura para a outra que, por destituir-se de seu contexto de origem, tendem a reter ou preservar o que considera mais proveitoso. A segunda perspectiva diz respeito à sobreposição da cultura dominante sobre a cultura minoritária como observamos neste relato:

Asi, desde los primeros contactos, la cultura occidental há deseado imponer al Japón – al igual que todo el Extremo Oriente – sus puntos de vista en matéria de progresion y evolucion del gênero humano. De este modo, aquella desportivizacion no seria si no una expresion mas de la imagen de Occidente representado como emisor de un movimiento de civilizaci3n hacia fuera, de implantaci3n - cuando no imposici3n – de reglas y pautas socioculturales que habrían de influir y determinar el desarrollo social e intelectual de la civilizacion oriental. (VILLAMON e ESPARTERO, 2011, p. 77)

71. Artes marciais podem ser definidas como um conjunto de práticas e artes de combate desenvolvidas em distintos países asiáticos não somente por integrantes militares ou guerreiros mas também por diferentes membros de outras classes sociais, que possa apresentar um fim mais espiritual do que puramente prático. (VILLAMON e ESPARTERO, 2011, pág. 68)

Este processo foi desenvolvido e definido por Guttman e Thompson (apud VILLAMON et al., 2004) como *difusão reversa*.

Após afirmarem que o judô e o *budô* são um produto da fusão das abordagens tradicionais e modernas para as artes marciais japonesas, o que neste estudo convencionou-se denominar integração Oriente-Occidente, Villamon et al. (2004) trazem também o conceito de *modernização reflexiva* desenvolvida por Giddens, Beck e Lash (1994).

Quando apontamos o processo de re-significação da prática do judô no transcorrer de seu percurso histórico percebeu-se certa semelhança com a idéia de *desencaixe* descrita por Giddens (apud VILLAMON et al., 2004).

Este conceito reforça três características das instituições modernas que são: o distanciamento espaço/temporal, o desenvolvimento do mecanismo de *desencaixe* e a apropriação reflexiva do conhecimento.

Assim, segundo Villamon et al. (2004) o judô passou por este *processo de modernização reflexiva ocidental* que está baseado nas seguintes características:

- Estruturação do judô em clubes, organizações, associações e federações;
- Filiação destas instituições em organismos internacionais como o COI, estados nação, instituições militares e instituições comerciais (mídia, publicidade, patrocínio).

Assim, fica evidente que o judô passa pelo *processo de desencaix*e, ou seja, é retirado de seu contexto de origem, é reestruturado de acordo como outros valores culturais, transformando desta maneira os sentidos e significados de prática entrando no processo de *institucionalização reflexiva*, ou seja, novas instituições atribuindo novos significados e valores para a prática do judô.

Com os novos valores e significados atribuídos ao judô através de novas instituições, predominantemente ocidentais, afirmamos que esta etapa caracteriza o processo de desintegração Oriente-Occidente nos fundamentos do judô que migram de método educativo para prática esportiva.

Desta forma o judô, ao ser transformado em prática esportiva perde suas ligações conceituais com os valores e pensamentos orientais, mesmo porque as instituições esportivas privilegiam o sentido competitivo da prática, e, impõem este processo de transformação em retorno ao Japão, demasiadamente ocidentalizados.

Matsumoto⁷² (2009) apresentou dados que mostram que o Japão atual afastou-se dos valores e pensamentos orientais que são por ele entendidos, na atualidade, apenas como estereótipos. Entre eles estão o conceito de orientação de grupo (coletivismo), auto-conhecimento, percepção interpessoal e consciência, emotividade, ética no trabalho, prática organizacional em recursos humanos e casamento. Segundo dados de seu estudo, publicados no livro *The New Japan*,⁷³ os comportamentos dos japoneses contemporâneos não condizem com esses estereótipos. Para ele, esse processo deve-se principalmente às alterações sofridas na sociedade japonesa após a 2ª guerra mundial, impostas pelas forças de ocupação americanas, que trouxeram mudanças no sistema educacional, na remoção dos poderes espirituais do imperador e na consolidação de instituições democráticas.

72. David Matsumoto, Ph.D., é professor de psicologia e diretor do Laboratório de Pesquisa Cultura e emoção na *San Francisco State University*. Matsumoto é um reconhecido especialista no estudo da interação, emoção e cultura humana; é autor de 250 obras sobre estes temas, e serve como um consultor intercultural a muitas corporações internacionais. Ele é presidente da Comissão de desenvolvimento do judô na Federação dos EUA.

73. MATSUMOTO, D. **The new Japan: Debunking Seven Cultural Stereotypes**. USA: Nicholas Brealey Publishing, 2007. Disponível parcialmente em: <http://www.amazon.com/New-Japan-Debunking-Cultural-Stereotypes/dp/1877864935>

Conclui que a realidade psicológica de hoje é muito diferente da visão estereotipada de cultura japonesa.

O processo de internacionalização do judô e sua transformação como esporte desvinculado dos valores orientais de origem, marcam profundamente a forma como ele é praticado nos últimos 50 anos no Japão. Contribuindo com a tese de Frederic (apud VILLAMON e ESPARTERO, 2011, p. 76) sobre o processo de inversão dos valores orientais e ocidentais das artes marciais de origem japonesa Matsumoto (2005, p. 243) aponta que os professores de judô japoneses, em comparação com professores americanos e poloneses, valorizam as conquistas competitivas mais que os valores como honra, patriotismo, justiça e espiritualidade. Segue afirmando que americanos e poloneses preservam mais os valores educativos do judô como observamos a seguir:

Because of the pervasive view of judo as a sport in Japan, especially among its coaches and instructors, it is no wonder that judo practices focus on competition training rather than educational, moral, or spiritual development.(...) As a result judo loses its ability to influence intellectual or moral development.(...) It seems that judo in Japan, while continuing to demonstrate that it is the strongest in terms of world level competition, has lost some of its appeal among the Japanese public to deliver the educational, intellectual, and moral benefits that it originally espoused. Further I believe that this loss is the result of the ever increasing gap between the philosophy and nature of contemporary judo practices, with its emphasis on harsh brutality, and the dynamic, fluid, and ever changing realities of the psychology of the Japanese people, which is increasingly focusing on immediate gratification. (MATSUMOTO, 2005, p. 243)

Como vimos, o judô praticado no Japão na atualidade, além de afastar-se de valores orientais também se desvincula dos princípios educativos e filosóficos estabelecidos por Kano em seu método.

Nesta perspectiva o processo de desintegração não é somente dos valores e pensamentos orientais e ocidentais mais também do judô como método educativo.

Apesar do crescimento da popularidade fica evidente, portanto o distanciamento dos princípios pedagógicos e filosóficos do método organizado por Kano e seus ideais originais. O *dô* no processo de esportivização transforma-se em busca de resultado em competição passando a ser um fim em si mesmo e não um meio de evolução como podemos ver nesta passagem:

El *do* no se considera como una parte importante del judo moderno, y existe un grupo creciente de practicantes del moderno deporte del judô a quienes nos lês importa en que medida se separe este deporte de las nociones originales de Kano, y creen estar asistiendo una muerte lenta de la parte espiritual del judô, bajo el progreso de una fuerza imparable llamada modernizacion. Muchos de los que practican judô hoy en dia tienen poco tiempo para dedicarse al perfeccionamento de su caracter, puesto que necesitan pasar todo tiempo preparando-se para las competiciones.(...) El judo tradicional há dado lugar a una nueva forma de deporte moderno de judô, que vê la competicion como un fin en si mismo (VILLAMON e BROUSSE, 2011, p. 136-137).

Villamon e Espartero (2011, p. 101) também reforçam esse conceito ao afirmar que o judô, e as demais atividades de *budô* moderno desenvolvidas no Occidente perderam, em geral, a essência original, limitando-se a aplicar e copiar as técnicas e exercícios introduzindo uma série de valores culturais, que estamos denominando neste estudo de sistemas simbólicos, desligados dos princípios originais. Isso se deve, segundo os autores, porque a maioria dos centros de treinamento direciona o objetivo para o ensino de uma maior quantidade de técnicas possíveis em vista a conseguir a vitória e o triunfo em competições.

Possivelmente, a destituição dos valores e pensamentos orientais e a reconstrução dos sistemas simbólicos (sentidos e significados) da prática do judô, permitiu tornar-se a primeira prática de origem não ocidental a fazer parte do movimento Olímpico. Por outro lado, a conversão do judô em esporte moderno, com todas as características de um esporte de competição, distanciou o judô de seus fundamentos filosófico-educativos a ponto de romper com o processo de integração Oriente-Occidente presente em sua construção original.

Pensar sobre esta reestruturação dos sistemas simbólicos em torno das artes marciais de origem oriental e, especificamente o judô, também foi marcante no estudo de Pimenta (2008). Segundo o autor, a transformação na estrutura do pensamento que vai do místico ao racional, o que para nosso estudo refere-se ao Oriente e o Occidente, em função do avanço do capitalismo, que valoriza as atividades físicas como produtos específicos de acúmulo de bens econômicos (fortemente divulgados nos meios de comunicação), transforma as artes marciais orientais, criadas a princípio com fins bélicos, em práticas esportivas que visam a competição, a rivalidade, os benefícios extrínsecos e a vitória a qualquer preço. Como afirma Herold Junior (1999, p. 17) “O único interesse no judô passou a ser as medalhas olímpicas e não o conhecimento de suas raízes na cultura nipônica; a obrigação de vencer a todo custo e não o prazer de lutar judô”.

Ressalto que, o processo histórico-antropológico relativo ao homem que luta, que vai das primeiras atividades das práticas orientadas para fins bélicos (*bujutsu*), para sua migração em prática do *budô*, mais destinada ao auto aperfeiçoamento e evolução espiritual, marcam a primeira reestruturação dos sistemas simbólicos que, em seguida, ao surgir o judô *kodokan*, ingressam na segunda

reestruturação simbólica quando o *jujutsu* é convertido em judô, entendido como método educativo, antes de entrar no processo de esportivização.

Nessa análise podemos dizer que a transformação do judô em esporte moderno configura a terceira reestruturação dos sistemas simbólicos da trajetória do judô, etapa esta marcada pelo processo de desintegração Oriente - Occidente como afirma Gleeson (1975, p. 57): “Todo conceito de esporte e de competição é um produto da cultura européia, e da cultura inglesa (...) A competição, tal como se apresenta hoje, não é parte natural do pensamento oriental”.

Esta perspectiva de análise é reforçada por Cavalho e Pinto (2009) em sua interpretação:

A partir de todo o processo de racionalização do pensamento, da produção industrial, do comportamento humano e da violência. Da substituição do misticismo ao racionalismo material mercadológico, induzido pelo capitalismo as artes marciais/ esportes de combate em voga originadas no Extremo Oriente, passam a ter valor mercadológico, aqui os princípios fundamentais de sua criação passa mais dar vazão a um conglomerado de ações que distorcem a fundamentação filosófica e a doutrinação religiosa originada em grande parte pelo budismo e do confucionismo, por uma frenética e até certo ponto exagerada espetacularização das artes marciais/esportes de combate.

É importante considerar que o distanciamento dos valores orientais do judô deixa de configurar um aspecto geográfico, ou seja, as transformações dos sistemas simbólicos, devido à globalização da prática do judô como esporte competitivo, não mais garante que países orientais como o Japão mantenham os pressupostos originais elaborados por Kano.

Além disso, podemos entender a prática competitiva como uma reestruturação simbólica do *bujutsu*, ou seja, a intencionalidade

da luta para a guerra, onde o foco principal está na superação do outro. O *bujutsu*, ou melhor, a luta real, ocorria para dominar territórios ou mantê-los sobre seu poder. A competição é uma mudança simbólica deste “estado de guerra” onde a vitória em competições substitui o foco da “batalha real” para uma “batalha do domínio do patrimônio cultural e econômico” onde a luta gira em torno da manutenção do “poder” atraindo assim novos investimentos que fazem crescer este patrimônio.

Este movimento circular, ou seja, uma espécie de retorno à condição pragmática de finalidade para a ação humana na luta é afirmada por Carr (1993) como vemos a seguir:

In order to examine this rewriting of history and reality, I shall trace the process by which the killing *art* of *jûjutsu* was modernized in the late nineteenth century by Dr. Jigorô Kanô. Since that time, *jûdô* has gone through a circular development. When the *bushi* used the art in its early forms, it was the quintessence of competition (life and death) and pragmatism (there are no rules in war).

After Kanô revived the art as *jûdô*, he gave it a distinctly philosophical and moral bent, that was mostly concerned with proper form and execution. Finally, in the present day, *jûdô* as the modern sport is again marked by extremely difficult competition and an emphasis on pragmatism (of course the stakes now are much lower—only prestige and money). (CARR, 1993, p. 168)

Como aponta Carvalho (2007, p. 119) o judô fundado pelo Ocidente trouxe novos mecanismos ideológicos que apontam para o surgimento do ideal de um novo homem onde novos valores morais serão estruturados. O individualismo é, segundo o autor, um desses novos valores morais. Como vimos no capítulo I a projeção egocêntrica, uma das fortes características do pensamento ocidental, que reforça o individualismo e a tendência em colocar os interesses

próprios acima dos interesses coletivos. Dentro desta forma de observação Carvalho (2007, p. 122) segue afirmando que “o judô é inegavelmente parte do processo de formação do homem capitalista, do pequeno burguês e dos personagens repressivos e ideológicos serventes à classe dominante”.

Um dos problemas centrais vividos a partir da esportivização do judô diz respeito a esses novos valores culturais que são construídos em torno da prática competitiva. Como diz Strieder (2002, p. 19), esses novos espaços de convivência, geradores de modelos relacionais estruturados a partir da forma como a linguagem atribui valor as práticas cotidianas e, posso acrescentar, práticas corporais, promovem a:

...visão fragmentária da realidade, organização disciplinar do conhecimento, exagerada tendência individualista, aposta infável para vivências competitivas, descompromisso coletivo na construção de futuros mais promissores e, como conseqüência disso, uma radical indiferença com relação a concepções de interdependência.

Vale ressaltar que a interdependência é um dos mais importantes conceitos do pensamento oriental que, na transformação do judô educativo para o esporte competitivo, tende a ser desvalorizada.

Além do que, os valores morais radicados no individualismo, próprio do modelo competitivo, é fundamentalmente contrário as projeções de moralidade estabelecidas metodologicamente por Kano como principal objetivo da prática do judô, expresso através de uma de sua máxima, *Jita Kyoie* (prosperidade e benefício mútuos), que, como vimos, é a excelência da integração entre a interpretação da realidade moral do mundo ocidental entendida e estabelecida por pensadores de grande influência como Stuart Mill, Herbert Spencer e John Dewey com a tradição oriental de Confúcio e outros

elementos provenientes das correntes filosóficas do *budô*. Todo este importantíssimo sistema simbólico é desconsiderado para atender uma nova gama de valores “impostos” ao homem moderno.

Esta predominante tendência à competitividade do judô, além de marcar a desintegração Oriente – Ocidente como processo filosófico que equilibra as diferentes formas de compreensão da realidade frente ao homem em atividade de luta, entendida como manifestação da cultura corporal da humanidade, torna preocupante suas conseqüências frente a quantidade de crianças participantes desse processo que, muitas vezes são definidas como vivências educativas importantes e fundamentais para o desenvolvimento humano. No entanto, além de muito distante dos valores orientais apresenta-se distante dos fundamentos educativos estipulados por Kano em sua metodologia original.

Esta análise é reforçada por Carr (1993, p. 184) que afirma que para o judô desportivo sua razão de ser é a competição e, portanto se afasta das concepções filosóficas originais de Kano.

Os campeonatos de judô para crianças, por exemplo, que cada vez mais cedo formam seres dentro dessa realidade, pode ser melhor analisado na citação a seguir:

Vejam as competições infantis e juvenis, onde crianças e adolescente são tratados como adultos em miniatura, não são determinadas por decisões corretamente políticas, à medida que as decisões políticas corretas têm por base a responsabilidade moral. Essas competições são postas e repostas por professores de judô politicastro que dizem ser as trocas de favores, fruto da vontade política. Nada mais distanciado da verdade, nada mais falcioso!

Não podemos deixar de notar que o grosso dos comentários sobre os campeonatos infantis não apontam a questão do desenvolvimento morfológico e fisiológico e da técnica, apenas evidenciam que a introdução precoce das crianças em competição é uma forma de dizer

para elas que a competição é um aspecto inerente à “natureza humana”, e inculcar na consciência infantil, plasticamente ingênua, as regras que regem a dinâmica das sociedades capitalistas, onde a minoria manda e a maioria obedece, por extensão: respeito inconsciente ao professor; ao árbitro; ao presidente etc.

“Forçar” ou incentivar crianças à prática da competição precoce deve ser tratado como intencionalidade operante ou decisão intencional de introduzir nas crianças a tese estúpida que afirma a competição e o individualismo como características inerentes às sociedades humanas”. (CARVALHO, 2007, p. 203-204)

A citação é longa, mas é importante para entendermos como as dimensões do processo de esportivização do judô sugerem novas abordagens de análise educativa se as correlacionarmos às propostas por Jigoro Kano.

Isso abre espaço para uma grande discussão a respeito dos valores educativos da prática do judô como esporte competitivo frente aos princípios educativos do judô formulado por Kano que Wagner Bull, no prefácio da obra *Memórias de Jigoro Kano* (2008, p. 22) chama de “distorções geradas pela valorização dos aspectos competitivos do judô olímpico” e, mais que isso, frente aos valores e pensamentos filosófico-antropológicos provenientes do processo de integração Oriente-Occidente precursores de uma filosofia da humanidade baseadas numa motricidade que valorize a interdependência.

4.1 A busca do rendimento esportivo e o afastamento da educação integral

O processo de esportivização do judô não surge de imediato. Ele foi se desenvolvendo gradativamente e aos poucos se aproximava ao modelo de esporte moderno proveniente da Inglaterra.

A migração do modelo educativo de Kano, que ainda resguardava princípios e valores do Oriente, para o modelo ocidental de esporte moderno em parte já estava sendo traçado por ele em especial por seu envolvimento com o movimento olímpico de Pierre de Coubertain.

Kano sabia que este processo de migração desvirtuaria o judô de seus pressupostos originais e, por este motivo colocava-se numa posição neutra em relação à inclusão do judô no movimento olímpico.

De fato ele já previa, e de certo modo, estava preocupado com o destino do judô como esporte.

Em uma passagem Kano (apud WATSON, 2011, p. 31) diz:

Tenho sido questionado por várias pessoas de diversos setores quanto ao sentido e a possibilidade do judô ser introduzido nos Jogos Olímpicos. Minha opinião sobre este assunto é um tanto passiva. Se esse for o desejo dos membros de outros países, não tenho objeção, mas não me sinto inclinado a tomar nenhuma iniciativa. Por um único motivo: o judô na realidade não é um mero esporte ou jogo. Eu o considero um princípio de vida, arte e ciência.

Este trecho foi retirado de uma carta sua enviada a Gunji Koizumi em 1936 para evidenciar que ele não desejava ver o judô transformar-se num esporte como os outros.

Porém Koizumi foi um dos líderes que protagonizaram a organização esportiva do judô na Inglaterra com a criação da União Européia de Judô (WATSON, 2000, p. 137)

Diante disso cabe questionar: a característica principal do desenvolvimento do judô como prática esportiva de alto rendimento, constituída de valores filosóficos ou morais que reforçam as características do homem na modernidade, ligados ao capitalismo,

reflexo do pensamento ocidental, aproxima ou distancia a possibilidade educativa da formação integral do ser humano?

Norteados por esta questão, podemos analisar as implicações educativas presentes na adoção da prática do judô de alto rendimento como modelo metodológico e filosófico a ser seguido.

Parte desse processo de análise foi feito por Carvalho (2007, p. 24-26) que ousou questionar a manutenção de uma prática pedagógica cuja ideologia está fundada nos processos hierárquicos irrefletidos que favoreceram a “estabilidade da sociedade capitalista”, ou seja, a ideologia dominante que claramente retrata o modelo das sociedades ocidentais.

Segue dizendo que velhas concepções de mundo e velhos paradigmas devem ser repensados e que as práticas pedagógicas judoísticas não devem estar baseadas no “simples educar para a obediência, submissão e aceitação voluntária da servidão dos interesses de uma classe dominante dissoluta”

Isso sem contar a forte massificação do judô como esporte de rendimento, sua quase imposição como modelo único de referência para a evolução de sua prática, a necessária vinculação aos órgãos reguladores (federações) que detêm o poder de validar e oficializar as graduações e a centralização da expressão máxima de sua prática no ato competitivo que apontam para a participação de crianças cada vez mais jovens em competições oficiais.

Essa preocupação também é apontada por Carvalho (2007, p.28) que afirma que “*a competição precoce, onde o importante é vencer ou vencer a qualquer custo, precisa ser rigorosamente negada a todos os indivíduos até os 17 anos.*”

A educação integral, uma das premissas do judô Kodokan, perde-se nesse universo de práticas que valorizam em demasia o individualismo, vertente totalmente contrária às emergentes

necessidades educativas contemporâneas que vislumbram o “educar para a solidariedade”, além do forçado distanciamento, e até por que não afirmar, a proibição da ludicidade na expressão da motricidade, contraria aos processos naturais de formação da representação mental na infância, sem contar o distanciamento das relações dialógicas em razão da manutenção das estruturas hierárquicas determinadas pelas instituições representativas (federações e confederações).

Esta perspectiva de distanciamento da educação integral pensada e vivida por Pestalozzi, seguida de Herbert Spencer e vinculadas por Jigoro Kano ao judô, dá lugar a uma educação de desintegração e fragmentação do ser a partir de práticas pedagógicas fundadas na “ideologia dominante de interpretação mecanicista”. Assim segue Carvalho (2007, p. 35):

Enquanto prática social, histórica datada, esta “arte de combate” permanece a referendar o autoritarismo, o individualismo, a competitividade, a falsa “neutralidade” política e as práticas burocráticas medievais verificáveis por via empírica.

Há de perguntarmos: dimensão valorativa do esporte de competição, parâmetro de referência para o judô na atualidade, é fator de humanização do homem em sua totalidade?

Segundo Gonçalves (2007, p. 161-162) o esporte competitivo perdeu a essência fundamental da prática motora do humano, sua capacidade de simbolizar no universo da ludicidade como podemos acompanhar:

O esporte competitivo, conforme já afirmamos, perdeu, há muito, suas características lúdicas, ao reproduzir as tendências históricas da sociedade industrial: a racionalização, a competição, o rendimento e

a elitização. A gratuidade do movimento presente no jogo, a liberdade corporal, foi transformada, no esporte competitivo, em regras rígidas, onde prevalecem a disciplina e a instrumentalização do corpo.

O entedimento da corporeidade vivida pelo homem na cultura oriental, fundada na integralidade do ser humano em conexão com a realidade que o envolve, perde espaço como referência de valor educativo a ser vivenciado para dar lugar a uma corporeidade que, ao privilegiar a superação do outro, torna o corpo um instrumento dos ideais competitivos.

Assim, o esporte espetáculo, fim último do processo no qual o judô é parte integrante, deixa de preocupar-se com o homem em sua integralidade, para viver o processo de seleção e especialização de atletas submetidos a exaustivos processos de treinamento voltados exclusivamente ao rendimento competitivo, como reforça Carvalho (2007, p. 234):

O esporte, tanto individual quanto coletivo, sob a perspectiva de uma sociedade competitiva produz a um só tempo resultados desastrosos: ignorância, individualismo, competição, meritocracia. A competição, em nada atenua os efeitos deletérios da prática competitiva, apenas escamoteia a inevitável construção de um *ethos* mórbido sob o qual homens e mulheres se batem pelo “nada ser” ou pelo “ser nada”, simplesmente “ter”!

Como afirmam Pinto et al. (2009) em relação as transformações do judô para prática esportiva:

O que deveria ser uma prática física voltada ao bem estar e ao aperfeiçoamento de cada indivíduo praticante tomando parte dos princípios postos por Jigoro kano, dá lugar a uma prática física dotada de uma infinidade de estruturas e subgrupos que o tornam algo que sua criação não determinava.

Para se pensar na educação integral é necessário olhar para o *ser humano* que pratica judô e não o judô que pratica o *ser humano*.

4.2 O judô competitivo: um sistema simbólico do *bujutsu*

Como vimos anteriormente o judô, em seu processo histórico como atividade de luta, passa por transformações em seu sistema simbólico, ou seja, os sentidos e significados atribuídos às finalidades da prática dos movimentos e das técnicas que compõem o repertório motor da luta.

Quando Kano promove mudanças no antigo *jujutsu* não alterou apenas as estruturas e classificações técnicas dos golpes, construiu também novos sentidos para sua prática. Lembrando que esses novos sentidos foram construídos a partir de um pensamento sistêmico, retrato da integração dos valores e pensamentos provenientes do Oriente e do Ocidente num projeto pedagógico-filosófico visando a formação do homem.

Barreira (2012, p. 37) explica que as artes marciais, as lutas e as modalidades esportivas de combate possuem valor intrínseco, especialmente quando se afastam da necessidade de utilizá-las como forma de sobrevivência. Esses componentes são por ele classificados como “objetivação valorativa”, ou seja “à objetivação dos motivos que atraem seus praticantes e daqueles que os mantêm sendo praticantes”.

Sabemos que os motivos para a prática do judô se alteram historicamente e com isso criam novas intencionalidades aos praticantes.

Kano, ao criar o judô, dá um sentido moral e filosófico ao combate, numa integração entre o velho e o novo, de forma a não atribuir a luta um fim em si mesmo, como ocorria nas lutas feudais

onde o pragmatismo foi fundamental, pois o combate baseava-se na preservação da vida.

Na atualidade, após o processo de esportivização, evidentemente os combates não ocorrem mais por necessidade de preservação da vida, mas o pragmatismo, próprio das lutas feudais no Japão, pode ser observado no objetivo de ganhar prestígio, sucesso e dinheiro que são indicadores do sistema meritocrático das políticas econômicas e culturais das sociedades ocidentais onde a disputa competitiva vê a concorrência com um fim em si mesmo (VILLAMON et al. , 2004).

Esta aproximação pode ser vista no relato a seguir:

In the midst of the battle, the two figures meet. Stained with mud and blood, they cast off their broken swords and collide in a last, desperate effort at survival. Their armored limbs clash violently and snake around each other to get a tight grip. There is a pause, and before he can think, one of the warriors feels the tearing burn of his enemy's dagger under his chest guard. With a yell the larger one hurls the other to the ground with a dull thud. The fallen warrior's eyes quiver shut as his foe rushes on

The crowd is a dazzling nova of flashbulbs. With their once-clean white uniforms hanging limply about their sweaty bodies, the contestants show clear signs of tiring. The clock ticks past 10 minutes, but it is no time to be faint of heart, for both had scored half points and the championship is on the line. Back and forth they feint until—an opening! In a flash, the match is over with a clean reverse hip throw. Quickly, they bow and leave the mat—one to enjoy a riotous victory party, the other to nurse wounded pride and plan for the next encounter. . . . (CARR, 1993, p. 167)

Assim, como afirma Carr (1993, p. 187) “o guerreiro clássico lembra o atleta de elite onde o foco está na praticidade e não no espírito da arte”

Um dos objetivos deste trabalho é entender os fundamentos filosófico-educativos que compõem os sistemas simbólicos da luta de judô, consecutivamente sua “objetivação valorativa” e as suas influências na construção da intencionalidade dos praticantes.

Neste sentido os sistemas simbólicos atribuídos á prática de luta vão formando diferentes modos de “objetivação valorativa” que como vimos, aproximam a prática do *bujutsu* com a competição moderna (atividade de luta com fim em si mesma) assim como pode aproximar as práticas de luta fundamentadas no *budô* e o judô de Kano com uma proposta de reestruturação a partir da Ciência da Motricidade Humana (atividades de luta destinadas a uma finalidade mais ampla e abrangente)⁷⁴.

4.3 A crise de identidade do judô: arte marcial, defesa pessoal, prática educativa ou esporte de competição?

As transformações históricas nos sistemas simbólicos da prática do judô, ou seja, o *dô* tem provocado na atualidade certa crise de identidade com relação aos seus fundamentos educativos, objeto de estudo deste trabalho.

A crise de identidade pode ser vista através das ações afirmativas das instituições ligadas ao judô ao apresentarem diferentes propósitos de prática justificados por técnicos e professores nas escolas, clubes e academias. Uns defendem o treino para a competição, outros defendem o retorno aos fundamentos originais enquanto outros revestem de simbolismos de origem oriental as ações vividas no *dojô*. Outros dão ao judô o sentido de uma prática

74. As perspectivas educativas contemporâneas do judô a partir de sua construção teórica referenciada pela Ciência da Motricidade Humana é sugestão de objeto de estudo da sequência desta pesquisa.

de defesa pessoal e outros procuram benefícios estéticos ou melhora da qualidade de vida.

Diante de tantas possibilidades de significação da prática, motivo gerador de uma crise de identidade, como interpretar os seus fundamentos educativos? Quais destas tantas maneiras de valorização da prática devem ser usadas como referência para pensar nos fundamentos filosófico-educativos para o judô contemporâneo?

Os diversos processos de adaptação dos sistemas simbólicos relativos à prática do judô em seu desenvolvimento histórico nos permitem organizar um processo de dimensionamento do *dô*. Para este fim, adotaremos como referência um modelo de hermenêutica própria para interpretar a evolução antropológica do sentido da luta frente aos campos de significação, valoração e de ação.

Isso vem ao encontro da tentativa de estabelecer como, na atualidade, o judô, diante de tantas alterações em seu sistema simbólico no transcorrer da história, pode ser compreendido.

Como podemos organizar atividades educativas através da linguagem corporal diante destas diversas formas de interpretação das ações humanas na luta de judô? Como adotar um referencial filosófico-educativo?

4.4 Trajetória das alterações nos sistemas simbólicos da luta de judô diante da linha evolutiva antropológico-filosófica das diferentes intencionalidades do homem nas lutas de origem japonesa

A partir do percurso metodológico da pesquisa até o momento e, baseando-se nos dados coletados e seus indícios, foi possível traçar uma linha evolutiva entre os diferentes períodos históricos por onde a luta no Japão culminou na elaboração do judô até chegar ao processo de esportivização, bem como suas transformações de

intencionalidade de acordo com os diferentes contextos, circunstâncias e sistemas simbólicos atribuídos as lutas orientais e especificamente ao judô.

Foi possível apresentar as influências dos valores e pensamentos provenientes do Oriente e do Ocidente nessa linha de pensamento o que nos permitiu formular uma trajetória histórica conceitual para o judô.

Esta abordagem serve para compreender o momento histórico que vivemos e apresentar a proposição da re-integração Oriente-Ocidente como caminho a ser percorrido pela prática do judô na contemporaneidade e, além disso, apóia-la teoricamente na Ciência da Motricidade Humana (CMH), tema central da continuidade dessa pesquisa.

Essa forma de análise e proposição, por si só, já apresenta uma re-integração Oriente-Ocidente uma vez que se apóia na CMH que se baseia na compreensão da motricidade do homem a partir da contribuição de uma filosofia ocidental com perspectiva holística defendida pelo filósofo português Manuel Sérgio.

Como descrito no final do 1º Capítulo, direcionamos as perspectivas de compreensão do judô rumo a uma filosofia da humanidade que tem por princípio a integração dos valores e pensamentos provenientes das concepções de interpretação dos fenômenos humanos provenientes do Extremo Oriente e do Ocidente.

De acordo com o quadro 3 esta forma de caminho a ser trilhado, ou seja, o *dô* do judô no processo de re-integração Oriente-Ocidente, remete a uma possibilidade de re-interpretação dos princípios fundamentais que vão construir os valores educativos do judô contemporâneo.

Assim, a partir desta referência, a intenção é buscar re-organizar os valores e pensamentos que justifiquem a prática educativa do judô

na formação do homem contemporâneo apoiados nos princípios teórico da CMH.

No quadro a seguir as linhas 1,2,3,4 são provenientes de um processo que já ocorreu. A linha 5 é uma proposição feita como processo de desenvolvimento do judô contemporâneo pertencentes ao momento atual, que certamente pode vir a ser objeto de estudo para a seqüência desta pesquisa.

Vejamos o quadro a seguir:

Trajatória das alterações nos sistemas simbólicos da luta de judô				
Período	Componente Técnico	Sistema Simbólico	Occidente	Oriente
Ausência de sistema simbólico da luta				
Pré-Tokugawa < 1600 Períodos Kamakura (1185-1333) Muromachi (1392 -1573) Azuchi- Momoyama (1573-1600)	<ul style="list-style-type: none"> • Bujutsu • Máxima eficiência em combate real • Feudalismo • Período do “guerreiro clássico” 	<ul style="list-style-type: none"> • Guerras Intertribais • Controle de recursos • Formação de pequenos reinos (clãs) • Domínio e expansão de território • Ascensão ao poder através das batalhas • Guerras internas e contra ameaças externas • A luta com fim em si mesma. (Barbárie) • Guerras civis • Shogun – (grande general subjugador de bárbaros) • Recompensa 		
Surgimento de sistema simbólico da luta – “DO” de auto-perfeição e evolução espiritual				
Período Tokugawa 1603 - 1868	<ul style="list-style-type: none"> • Budô • Princípios Shin Gi Tai e Shu Há Ri • Resignificação da execução das técnicas de combate • Nasce o sentido estético das 	<ul style="list-style-type: none"> • Início da atividade representativa da luta que é direcionada pra outra finalidade. • Valorização estética do movimento em detrimento da força (conceito <i>Ju</i>) • Surge o “do”. Caminho a ser seguido pela prática das artes marciais. • O homem luta para sua elevação espiritual, seu auto- 		

	técnicas de luta	<p>aperfeiçoamento e auto-conhecimento sob influência do Zen budismo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Controle da ação dos guerreiros pelo código de conduta – <i>Bushido</i> • Moralidade controlada por opressão. • Disciplina, moral e estética. • Japão fechado ao exterior. 		
1ª transformação no sistema simbólico da luta “DO” educativo – Desenvolvimento físico, moral e intelectual				
Período Meiji 1868 - 1912	<ul style="list-style-type: none"> • Surgimento do Judô • Reestruturação racionais das técnicas de luta eliminando prática lesivas • Organização e ampliação de técnicas de projeção • Roupa específica para a prática da luta 	<ul style="list-style-type: none"> • Transformação da finalidade da prática da luta. O “do” altera-se para atender a objetivos educativos. • Construção de método educativo com as técnicas de luta provenientes do jujutsu. • Integração de valores e pensamentos do Oriente e do Ocidente. • O homem luta para seu desenvolvimento físico, moral e intelectual para seu auto-aperfeiçoamento e para beneficiar a sociedade utilizando da melhor maneira sua energia. • Construção de juízo moral 		
2ª transformação no sistema simbólico da luta “DO” de superação do outro – Esportivização				
Pós 2ª guerra mundial > 1945	<ul style="list-style-type: none"> • Judô transforma-se em esporte • Organização de regras de competição • Surgimento das federações • Técnica destinada a alcançar a máxima eficiência em competição 	<ul style="list-style-type: none"> • Ocidentalização da prática da luta. • Sistema simbólico da cultura ocidental dominante. • O homem luta para vencer o outro. • Luta com fim em si mesma. • Sistema meritocrático. Esporte espetáculo e influência da mídia • Destitui-se valores simbólicos de origem oriental para a luta de judô. • Supremacia do individualismo 		

3ª transformação no sistema simbólico da luta "DO" como expressão da motricidade humana em busca de <i>Ser Mais</i> – Transcendência. Diversidade de intencionalidade do praticante. ⁷⁵			
Contemporâneo	<ul style="list-style-type: none"> • As técnicas pertencem a diferentes sistemas simbólicos • Valorização dos aspectos estéticos • As técnicas como expressão da humanização 	<ul style="list-style-type: none"> • Integração dos diferentes sistemas simbólicos. • Compreensão e valorização das diferentes intencionalidades da prática de judô • Re-integração de valores e pensamentos Orientais e ocidentais. • Interpretação do judô a partir da Ciência da Motricidade Humana. • O homem luta para o desenvolvimento de seu potencial criativo e expressivo aperfeiçoando as relações humanas. • Valorização de sistemas auto-poiéticos, sistemas complexos e o princípio da totalidade. • Superação do modelo de competição com fim em si mesma. • A luta como caminho – "do" de transcendência pessoal e coletiva. • Reestruturação das referências educativas da prática. • Para uma filosofia da humanidade no processo de integração dos valores e pensamentos do Oriente e Ocidente e equilíbrio das epistemologias do Norte e do Sul. 	

Quadro 3. Trajetória das alterações nos sistemas simbólicos da luta de judô diante da linha evolutiva antropológico/filosófica das diferentes intencionalidades do homem nas lutas de origem japonesa.

Podemos observar no quadro como os valores e os sistemas simbólicos atribuídos a prática de judô vão se alterando histórica-

75. Essa dimensão do quadro é propositiva, ou seja, trata de uma análise a ser aprofundada em pesquisa posterior e complementar a esta.

mente e, além disso, como migram os valores e pensamentos provenientes da cultura oriental e ocidental de compreensão da realidade. Tais valores atribuídos á atividade humana de lutar, que em sua origem tem sua localização nos valores predominantemente orientais (entenda extremo oriente – Japão) passa por um processo de integração Oriente-Occidente no momento da formulação do judô como método educativo de Kano, representada por uma linha contínua de equilíbrio Oriente-Occidente.

O momento da esportivização do judô provoca uma nova ruptura do equilíbrio dos valores e conceitos atribuídos a luta passando para o extremo oposto com a predominância dos sistemas simbólicos ocidentais.

Propomos, deste o início deste estudo, um processo de re-integração Oriente-Occidente nos fundamentos filosóficos-educativos para a prática do judô no contexto que vivemos na atualidade. Assim, como continuidade do estudo até aqui apresentado, propomos a possibilidade de pesquisar as contribuições da CMH na construção dos sistemas de significação da prática educativa do judô contemporâneo, o que correspondem a uma nova forma de equilíbrio Oriente-Occidente.

Assim, interpretar as transformações no conjunto de sistemas simbólicos atribuídos historicamente ao judô através da contribuição de uma referência pela Ciência da Motricidade Humana é justificável.

Em Villamon et al. (2004, p. 152-153) diante da revisão de Cox (1993) revela que o envolvimento das pessoas no treinamento de arte marciais na atualidade não está tão intensamente voltado ao combate e a competição. Pelo contrário, em muitos casos está voltada a busca do auto-aperfeiçoamento através do envolvimento em práticas que promovam mudança nas atitudes e que proporcionem melhoras na

condição física e bem estar mental. Seguem afirmando os autores que elementos da cultura oriental provenientes do *budô* estão se tornando novamente relevantes numa espécie de renascimento do interesse e tentativas de re-incorporação de sentido reconstruído da prática tradicional.

A de saber que o judô, se pensarmos em seu processo evolutivo, não mais retornará a ser praticado como nos tempos históricos anteriormente relatados assim, como afirma Villamon et al. (2004, p.153) “suas práticas, intenções e significados interpretados diferem em importantes aspectos. O dilema entre continuidade e mudanças no judô não é apenas sociológico mas também, filosófico, ético e acima de tudo prático”.

De acordo com o quadro de análise apresentado notamos que o sistema judô-competição é uma fase evolutiva do *bujutsu*, assim como o judô de Kano é um sistema evolutivo do *budô*, integrado com métodos e sistemas simbólicos ocidentais.

Notamos que este processo de desenvolvimento humano da expressão da motricidade do homem que luta sugere não exatamente um caráter linear mais circular, de idas e voltas, demonstrando de certa forma uma condição evolutiva.

Por esse motivo é que, através dos dados apresentados e suas análises, não deixa de ser aceitável a idéia de que não se deve retornar as origens do judô para pensar no sistema filosófico-educativo no momento contemporâneo. Principalmente porque o transcorrer do seu desenvolvimento pertenceu há um outro bloco de acontecimentos, contextos e circunstâncias históricas.

Por outro lado, reestruturar as formas de pensar os fundamentos do judô educativo na realidade considerando o modelo de pensamento sistêmico de Jigoro kano, estruturado a partir da integração Oriente-Occidente, tomando evidentemente o cuidado de reorganizar as referências conceituais emergentes para o momento

histórico atual, pode ser pertinente se a intenção é integrar a sabedoria do Oriente e do Ocidente para dar ao homem a perspectiva da sabedoria da humanidade através da filosofia mundial como apontado por Wing-Tsi (1978) no final do 1º capítulo.

Este passa a ser o desafio de interpretação a ser analisado na seqüência deste estudo.

4.5 O judô, o pensamento oriental e a Ciência da Motricidade Humana: possíveis aproximações

A Ciência da Motricidade Humana (CMH), ao surgir, abriu um espaço de investigação emergente na busca de compreender os fenômenos humanos relacionados com o corpo. A motricidade, neste parâmetro, é o corpo em movimento intencional em busca de um *SER MAIS*, pois, é na motricidade que o indivíduo-corpo faz-se pessoa, um ser-para-os-outros, um ser-para-o-transcendente.

A trajetória percorrida na tentativa de estruturar um corpo teórico-metodológico numa comunidade científica de uma nova ciência, em vista a construir uma epistemologia da motricidade humana, aponta algumas aproximações com o pensamento oriental e, consecutivamente, como o judô.

Em reforço a essa aproximação encontrou-se uma publicação de José Antunes de Souza (2011, p.7), tratando da história da Ciência da Motricidade Humana como vemos:

História, mais bem, do que foi sendo a percepção dos homens e a sua respectiva conceptualização dessa realidade. E aí, como sabemos, são basicamente duas as concepções, entre si opostas, que se vêm perfilando: uma, dualista, plato-agostiniana, mas, também, como veremos, aristotélica e seguramente cartesiana. Uma outra, e que **entronca num certo lastro sapiencial do mundo oriental e de que**

a Motricidade Humana quer ser sistemática expressão, é aquilo a que poderíamos designar genericamente como a concepção unitária e holística do ser humano. (grifo nosso)

Trataremos então de aprofundar estas aproximações em vista a um fortalecimento da integração Oriente-Occidente que acreditamos ser determinante na re-estruturação de diversas práticas educativas contemporâneas relacionadas ao judô, para lançar de pronto, a possibilidade de continuidade desta pesquisa.

4.6 A totalidade: o princípio paradigmático fundamental

Uma das mais evidentes aproximações entre o pensamento Oriental e a CMH está na visão de totalidade relacionada ao corpo como apontado no 1º capítulo nos temas *ying-yang*, princípio da totalidade, interdependência dinâmica e visão sistêmica da realidade.

Outra significativa interpretação dessa interdependência de totalidade dinâmica esta na descrição lingüística da *voz média* por Jean Lauand (2007) onde, a forma de perceber e pensar a realidade se abstém da condição de ação-reação, de uma supremacia de um estado sobre o outro onde, um é passivo e outro ativo, para uma condição de interdependência onde não se estabelece uma relação ativa e nem passiva, pois é vista como uma totalidade dinâmica. Vemos então que, na análise lingüística proposta pela *voz média*, encontramos também indícios de pensamento oriental, ou melhor, a *voz média* é a própria representação lingüística do pensamento oriental.

A voz média é um rico recurso - encontrado por exemplo no grego -, que permite expressar (perceber e pensar) em situações da realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas.

Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. (LAUAND, 2007, p. 185)

Segundo Johannes Lohmann (2013)⁷⁶ o recurso lingüístico dá acesso ao modo de pensar e vice-versa. Entender a linguagem como recurso de expressão e compreensão da realidade ampliou nossa análise para a linguagem corporal, seus significantes e significados retratando formas de pensar, agir e sentir, portanto, motricidade humana. Assim como a *voz média* é um recurso que orienta para a compreensão da interdependência dinâmica dos modos de agir linguisticamente, traduzindo o sistema de pensamento, a motricidade humana adota o princípio da totalidade para compreender o homem em movimento.

Vale dizer, *grosso modo*, que podemos traçar um paralelo entre o pensamento oriental, o recurso lingüístico da *voz media* e a motricidade humana, pois ambas se estruturam dentro de um modelo sistêmico. Se assim o for, podemos afirmar que jogar basquete, por exemplo, é uma ação de *voz média*, uma vez que a bola, no percurso de sua trajetória, determina *as infinitas possibilidades de ação do jogador*,⁷⁷ o que, por sua parte, se move em função das ações da bola – uma interdependência.

Nas práticas corporais de luta e, especificamente no judô, podemos dizer que é um fenômeno essencialmente de *voz média*. Um dos elementos fundamentais da luta é o direcionamento da força do

76. Johannes Lohmann: “S. Tomás e os árabes – estruturas linguísticas e formas de pensamento” <http://www.hottopos.com.br/videtur11/santotom.htm>

77. As infinitas possibilidades, própria do princípio da incerteza de Heisenberg, um modelo sistêmico de pensar a realidade, no estudo da mecânica quântica de certa forma apresentado em uma parte do filme “Quem somos nós” http://www.youtube.com/watch?v=IiDRWLH_sLc que apresenta a idéia de interdependência entre o observador e o fenômeno a ser observado.

oponente para somar-se à sua, na busca do encontro do tempo exato da aplicação da técnica em um estado de desequilíbrio do oponente. Se o lutador se *fixa* em um determinado golpe deixa de sentir as ações de seu oponente que são determinantes para encontrar a melhor ação. Pode-se dizer então que o golpe nasce das circunstâncias interativas entre os lutadores, portanto, *voz média*. É necessário *equalizar os ritmos de ação* para que o golpe possa ser aplicado com sucesso.

Por um lado, se a língua é um recurso para o pensamento como aponta Lohmann (2013), e por outro, na linguagem existe um recurso de interação de *voz média* segundo Lauand e, numa comunicação entre os sujeitos existe uma sincronia rítmica entre os interlocutores podemos afirmar que ambos convergem para um modelo sistêmico de interdependência.

A este modelo a CMH refere-se como *intersubjetividade*, que, na interpretação de Feitosa (1993, p. 101) citando Buber (1979) trata-se de um fenômeno da relação de um com o outro, do seu diálogo com *TU* uma vez que a existência humana é dialógica. “As principais características desta vida em diálogo são as seguintes: palavra, relação, diálogo, reciprocidade como ação totalizadora, subjetividade, pessoa, responsabilidade, decisão-liberdade, inter-humano.”

Ainda sob sua análise afirma que, a CMH, ao compreender o homem como ser eminentemente cultural, aberto ao mundo, aos outros e à transcendência, valoriza a *intersubjetividade* como condição primeira da relação, pois ela nos leva a olhar o outro como a mim mesmo.

Manuel Sergio (1995, p. 50-51) escreveu a respeito desta aproximação com o pensamento oriental. Sua interpretação aponta a inter-relação corpo-alma-natureza-sociedade e a práxis transformadora, que, em obra mais recente⁷⁸ e descrita como corpo-alma-desejo-natureza-sociedade:

78. SÉRGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2003.

“...por dentro de uma visão holística do Homem e do Universo tudo está em tudo e em tudo e por tudo o Homem realiza e se realiza; pela práxis transformadora, o Homem abre acesso à transcendência e toma consciência que não é objecto mas sujeito fazedor da História e doador de sentido.”

Este modo de entender a inter-dependência dos fenômenos sugere uma aproximação com o conceito de homem estabelecido por Manuel Sérgio (1995, p. 49), idealizador da CMH, que o compreende como “a dimensão fundamental do operar humano, na unidade indissolúvel do eu com tudo o que constitui o mundo da cultura”.

Manuel Sérgio, quando trata de apontar a matriz disciplinar da CMH diz:

Podemos conferir a esta matriz disciplinar as características seguintes: auto-organização subjetiva, complexidade-consciência, inter-relação corpo-alma-natureza-sociedade, práxis transformadora, cinefantasia, **primado do todo em relação às partes**, transcendência, linguagem corporal ... (SERGIO, 1995, p.50) Grifo nosso

O interessante é notar também a aproximação da matriz teórica da CMH com o pensamento oriental, neste momento não por referência lingüística como da *voz média*, mas, por intermédio da noção de *complementaridade* do físico Niels Bohr.⁷⁹ Essa noção originalmente aplicada aos fenômenos atômicos relativos à imagem de onda e partícula, duas descrições complementares da mesma realidade. Essa noção tornou-se parte fundamental de como a física contemporânea pensa a natureza.

79. Niels Bohr (1855-1962) físico dinamarquês. Nascido em Copenhague, ganhou o Prêmio Nobel de Física (1922), pela descoberta da conexão entre o movimento coletivo e o movimento de partícula e pelo desenvolvimento da teoria da estrutura do núcleo atômico baseada nesta conexão. http://www.e-biografias.net/biografias/niels_bohr.php

E, diante de tantas aproximações e convergências entre o antigo pensamento Oriental com modelos contemporâneos de entender a realidade, o corpo e a motricidade, como totalidade, numa intencionalidade operante visando o *SER MAIS*, portanto transcendência promove um fortíssimo componente educativo, a vivência corporal como fator indiscutível.

Nas civilizações orientais, as relações do homem com sua corporeidade diferem das da civilização ocidental. Com base nas tradições místicas do pensamento oriental, a experiência do corpo é vista como a chave para a experiência do mundo e para a consciência da totalidade cósmica. O conhecimento do mundo baseia-se na intuição direta da natureza das coisas, numa relação com o mundo que envolve intensamente o homem como ser corporal e sensível. (GONÇALVES, 1997, p. 16)

Esta mesma característica essencial do corpo como agente de conhecimento foi descrita por Hirose citando May numa expressão definida como “fixar o conhecimento no *MI*”.⁸⁰

“O conhecimento deve ser feito pela totalidade do indivíduo, e não apenas pela razão. E é essa totalidade que modela as imagens às quais o mundo se adapta.” (May, 1975:136) Quando falamos de sentimento, não significa apenas afeto. Significa, segundo interpretação de May, a capacidade total do organismo humano para sentir o seu mundo. “Fixar o conhecimento no *Mi*” consegue conter esta concepção de aprendizagem. (HIROSE, 2010, p.91)

80. “*Mi* é o corpo e ao mesmo tempo o homem todo; *Mi* é o *Self*, *Mi* pode ser o eu etc.” HIROSE, C. *Mi* na tradição japonesa e a educação. São Paulo: Cemoroc Feusp. Revista Collatio nº 11 abril-junho de 2012, p. 56.

4.7 Implicações educativas da aproximação do pensamento oriental com a CMH no judô

Uma das primeiras contribuições educativas que qualquer estudo que trate de relações entre pensamento Oriental e Ocidental é não estabelecer supremacia de um modo pelo outro ferindo, desta forma, o princípio de uma totalidade sistêmica. Oriente e Ocidente e seus modos de agir e pensar, precisam ser experimentados nas vivências educativas como complementares, interdependentes e formadoras de um *Ser* integral.

Como aponta Feitosa (1993), é um equívoco manter-se neste “estado de segurança” na aquisição do conhecimento baseado em modelos científicos unilaterais e reducionistas que impõem certo “medo de errar”, uma metodologia incompleta e empobrecida da realidade. Uma realidade que se apresenta por uma dupla dualidade: de um lado eu, e do outro lado, tudo o mais; de um lado o visível e do outro o invisível, onde o que se considera é apenas o que se pode mensurar e se observar pelos sentidos, ou seja, o visível.

No caso específico das práticas motoras relacionadas ao judô o que se vê é um excesso de propostas que evidenciam características do pensamento ocidental privilegiando a fragmentação do agir humano reduzindo-o ao um processo produtivo e individualizante. O valor está no visível, no mensurável, no resultado. Porém, a essência do mover humano está na *intencionalidade*, o aspecto invisível da motricidade.

A linguagem do corpo que predomina é a do ser mais que o outro e/ou ser melhor que o outro onde a tolerância pelas diferenças individuais e a interdependência é pouco valorizada ou quase nula. Tal situação provoca uma competitividade desprovida de humanização favorecendo os mais aptos em detrimento dos incapazes.

Deparo-me diante da situação de encontrar, por exemplo, na prática do judô educativo e, especialmente daquele realizado no espaço escolar, um processo de esportivização estruturada pela supremacia do pensamento ocidental, visando o rendimento como meta a ser alcançada reforçando a fragmentação sujeito-sujeito / homem-mundo.

O judô, assim como as demais práticas motoras de caráter educativo, devem estar atentas às contribuições da visão de um realidade sistêmica.

Para pensar a educação, neste sentido, a CMH aponta:

... a educação refere-se a totalidade do ser (corpo-alma-natureza-sociedade. Onde está o homem, ai está a educação, como condição *sine qua non* de progresso e desenvolvimento. A pessoa humana não é tanto um princípio, ela é sobre mais um *resultado*...precisamente do ato educativo, que não é só o institucionalizado, porque cada um é criador de si mesmo. (SÉRGIO, 1994, p. 80)

O caminho pedagógico emergente tende a favor daquilo que sustenta a CMH, ou seja, a compreensão de que o movimento humano é uma totalidade dinâmica, que se estrutura, a cada instante, em função de uma intenção de um sujeito com o mundo. Idéia esta reforçada por sua permeabilidade com o pensamento oriental bem como com recursos lingüísticos interativos, como é o caso da *voz média*, todos apontando para uma maneira contemporânea de estabelecer relações no espaço educativo, **a totalidade como princípio paradigmático fundamental**.

Apresento dessa forma, a intenção de prosseguir este estudo na busca de compreender o fenômeno humano que faz da pratica do judô um projeto educativo.

Considerações finais

Como Jigoro Kano não deixa claro suas referências teóricas nos textos analisados é difícil afirmar com exatidão que ele utilizou-se de pensadores ocidentais para a construção dos fundamentos do judô, no entanto são muitos os indícios que apontam para essa possibilidade, mesmo porque a falta de indicações de referências também não elimina esta hipótese. Kano adota uma estratégia freqüente, ele vale-se de termos em japonês para transmitir conceitos práticos e fundamentos filosóficos que, como as evidências permitem supor, são muito próximos dos pensamentos dos filósofos e educadores ocidentais emergentes na época.

Vale lembrar que parte dos conceitos utilizados por Kano já estavam sendo discutidos nas obras dos principais pensadores japoneses da época final do período Tokugawa e início da era Meiji como Nishi Amane, Fukuzawa Yukichi e Mori Arinori sendo estes anteriores à fundação da Kodokan.

Portanto, as idéias centrais da metodologia de Kano que correspondem aos componentes filosóficos, ideológicos e pedagógicos não são exclusivamente de sua autoria. Como vimos é em parte proveniente do pensamento oriental e por outra, a adaptação dos conceitos vigentes no Japão *Meiji* provenientes da Europa e trazidos por pensadores japoneses antecessores a ele, sendo integrados com as atividades práticas e de etiqueta provenientes do *jujutsu*.

Isso não significa que suas idéias eram equivocadas ou que não tinham valor por conta deste processo de integração, mesmo porque não é objetivo deste estudo questionar o valor de sua metodologia. O que fica evidente é o processo de integração Oriente-Occidente na formulação de grande parte dos fundamentos educativos estabelecidos por Kano para o judô. Por outro lado esses objetivos primordiais foram se perdendo a ponto de tornarem-se uma utopia.

Algumas considerações conclusivas

I- O Oriente e o Occidente possuem distinções significativas nos elementos que permitem pensar e sentir a realidade e expressá-los através da linguagem, das instituições e das ações. No entanto nem uma nem outra perspectiva isolada permite a “correta” interpretação da realidade. A integração entre as duas parece ser o caminho mais adequado frente às demandas emergentes do homem contemporâneo. O que este estudo torna relevante é que Kano, em fins do século XIX, já se apoiava nessa perspectiva ao compor os fundamentos do judô. Esse pode ser um dos motivos do judô ter se afirmado como uma prática difundida pela humanidade.

II- Podemos supor que, ao elaborar o judô, Kano não tenha se preocupado em deixar definido em seu método suas claras influências conceituais. Ao tomar como perspectiva de análise a presença do “pensamento confundente” em Jigoro Kano como método de interpretação da realidade, tanto para construir suas terminologias para os fundamentos técnicos como também para os fundamentos filosófico-educativo, podemos identificar um importante elemento de seu pensamento sistêmico, ou seja, que é visto como sistema interdependente, e, por isso, complexo e “confundente”.

III- É importante evidenciar que o judô surge como atividade educativa própria de um espaço escolar e que estava integrado às

outras atividades formativas realizadas por Kano. Fica claro, do ponto de vista da gênese do judô, que sua função primordial estava ligada aos objetivos educativos próprios do pensamento da educação integral, definida naquela época como educação intelectual, moral e física e que tinha fortes ligações com as idéias filosóficas de Herbert Spencer discutidas por eminentes pensadores como Nishi Amane e Fukuzawa Yukichi.

IV- Podemos identificar como o processo de integração marca significativamente o pensamento de Kano. Esse pensamento integrativo, com forte componente de sincretismo, fruto de um processo de incorporação de novos valores e pensamentos é típico do modo como o japonês absorve elementos conceituais de outras culturas e as modela de acordo com suas necessidades eminentemente práticas. Esse mesmo tipo de processo integrativo pode ser visto na interligação entre o budismo e o xintoísmo, por exemplo, assim como nas manifestações artísticas em suas diversas formas de expressão e nas interligações bem representadas pelo termo *Wakon Yosai*. Nesse sentido Jigoro Kano foi um fiel representante do pensamento japonês durante o processo de formulação dos fundamentos educativos do judô.

V- Os dados bibliográficos consultados sugerem que os fundamentos filosófico-educativos atribuídos ao judô por Jigoro kano foram sendo incorporados ao longo de sua trajetória de vida de acordo com sua experiência e sobre influências recebidas em parte da cultura oriental, provenientes do budô, do confucionismo, do xintoísmo, do budismo e do bushido, e em parte, da cultura ocidental, resultante das influências do positivismo e do liberal utilitarismo de Stuart Mill, Herbert Spencer, Jeremy Bentham, Samuel Smiles e John Dewey, circunstâncias estas que permitiram que estes fundamentos se organizassem num processo de integração Oriente-Occidente.

VI- O estudo revela que a trajetória histórica do judô produz alterações nos sentidos simbólicos atribuídos à luta permitindo a identificação da intencionalidade dos praticantes. O processo se inicia antes do judô se constituir, com as lutas reais, onde os combates representavam a barbárie, fase marcada pela ausência de sistema simbólico. Numa segunda etapa, a luta ganha seu primeiro sistema da representação simbólica quando surge o *budô* - onde o “DO” representa a busca da auto-perfeição e evolução espiritual. O estudo revela que o momento de formulação do judô por Kano representa o nascimento de um segundo sistema simbólico por atribuir a prática da luta, significativamente reformulada em suas técnicas, num método educativo: o “DO” voltado para o desenvolvimento físico, moral e intelectual. A esportivização marca o surgimento de um terceiro sistema simbólico de intencionalidade do praticante, o “DO” onde o maior valor atribuído para a luta reside na superação do outro em disputa competitiva. Este estudo também sugere a possibilidade de revelar o surgimento de um quarto sistema simbólico para a luta de judô, evidentemente produto de um estudo posterior, que situa a atividade de luta de judô numa perspectiva contemporânea a partir de sua aproximação com a Ciência da Motricidade Humana.

VII- O processo de esportivização fez surgir um conjunto de valores, sentidos e significados que se aproximam mais intensamente aos provenientes da cultura ocidental provocando um distanciamento dos valores educativo-filosóficos atribuídos por Kano em sua proposta inicial e também um distanciamento dos valores, pensamentos, linguagem e instituições da cultura oriental rompendo, desta forma, com o processo de integração Oriente-Occidente observados no judô em sua origem.

VIII- A educação recebida por Kano foi determinante para o processo de construção dos fundamentos educativos-filosóficos do

judô pois permitiu acesso tanto a cultura oriental como ocidental condição que culminou num fenômeno de integração multicultural.

IX- Os conceitos filosófico-educativos estabelecidos por Kano possuem forte característica de atemporalidade e universalidade, pois foram construídos sobre conceitos de moralidade extraídos e transformados das religiões-filosofias orientais e de teorias da educação e filosofias de pensadores europeus sobre este tema. Kano sintetizou estes conhecimentos nos termos *Seiryoku Zenyo e Jita kyoei* tornando-os universais e próprios da prática do judô.

X- O judô, ao incorporar diferentes significados e intencionalidades de prática no transcurso histórico de sua existência permite que, na atualidade, seus praticantes possam eleger seus propósitos de prática. Fica evidente que os períodos históricos marcam a supremacia de uns sobre outros. Na atualidade ainda se observa a supremacia do modelo competitivo iniciado após a 2ª guerra mundial. Este modelo predominante ainda é o mais valorizado por grande parte da humanidade, porém começa a perder espaço para outras formas de significação da luta.

XI- Para que outros significados para a prática do judô pela humanidade possam ser mais valorizados como, por exemplo, o judô com perspectiva educativa, o denominado judô escolar, sugere-se a aproximação do judô com a Ciência da Motricidade Humana que, por sua condição de aproximação com os valores e pensamentos orientais conduziria a possibilidade de organizar o processo de re-integração Oriente-Occidente. Isso se torna plausível uma vez que Kano se apoiou nos conhecimentos de Educação Física na época para elaboração dos fundamentos do judô. Partindo do princípio, declarado por Manuel Sergio, que a CMH é a ciência contemporânea que fundamenta a motricidade em substituição de sua pré-ciência (a Educação Física), indica que, reconstruir o pensamento sistêmico

adotado por Kano tomando como referência a CMH é apresentar um novo conjunto de informações, conceitos e valores que podem ampliar os sistemas simbólicos para o Judô, é sugerem o nascimento do “DO” do 3º milênio.

Jigoro Kano parece ter estabelecido fortes traços de interação Oriente-Occidente no desenvolvimento do Judô Kodokan e, mais do que isso, permitiu a construção de um modelo de pensamento sistêmico de leitura da realidade que servem de referência para o desenvolvimento de perspectivas educativas para judô contemporâneo, levando-nos à análise e interpretação dos modelos educativos emergentes e uma nova re-leitura da ligação Oriente-Occidente na perspectiva do mundo globalizado. O movimento de Kano foi integrar, a partir do antigo (tradição oriental) o novo (pensamento ocidental).

Não seria esta uma perspectiva contemporânea?

Referências bibliográficas

- ABDALLA, E. “Teoria quântica da gravitação: cordas e teoria M”. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 27, n. 1, p. 147 - 155, (2005). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbef/v27n1/a17v27n1.pdf>
- AMICI, T.A. Dr.Jigoro Kano: cronologia del Dojo Kodokan. In: *Judô – DO*, 2004. Disponível em: <http://www.judo-do-amici.smargentina.com>
- ARVIGO ,M.C. “Evento e não-evento: uso de pistas morfológicas no Déficit Específico de Linguagem”. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralin*, 2011. Disponível em: http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Maria_Claudia_Arvigo.PDF
- BARREIRA, C.R.A. Os valores na pedagogia das lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate. In: FRANCHINI, E; DEL VECHIO, F.B. *Ensino de lutas: reflexões e propostas de programas*. São Paulo: Scortecci, 2012.
- BENNEDICT, R. *O crisântemo e a espada*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BENTHAM, J.; *Os pensadores – Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. MILL, S. *Sistema de lógica dedutiva e indutiva e outros textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BRITO, E. *A Psicologia como uma ciência empírica segundo Franz Brentano*. Disponível em : <http://www.paradigmas.com.br/parad11/p11.6.htm>
- BUBER,M. *Eu e o TU*. São Paulo: Cortes & Moraes, 1979.
- BUENO,A.S. “Harmonia e diferenças”. *Revista filosofia: ciência e vida*. Ano VI – Edição 83, junho de 2013, p. 76-77

- CALLAN, M.J. *Elite sport and education support systems: a case study of the team bath judo programme at the university of bath*. A thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy University of Bath School for Health, 2008.
- CANÇADO, J. *Do in: o livro dos primeiros socorros*. São Paulo: Ground, 1993.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CARR, K.G. *Making Way: war, philosophy and sport in Japanese Judo*. Journal of Sport History, Vol. 20, nº 2, 1993.
- CARVALHO, M. *Judô: ética e educação – em busca dos princípios perdidos*. Vitória: EDUFES, 2007.
- CARVALHO, R. A. ; PINTO, D.C.C. *Judô: caminho suave ou caminho da vitória? Arte marcial que se esportivizou ou esporte que se tornou arte marcial?* Recife : XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009. Disponível em: www.uel.br/grupo-estudo/.../portugues/.../artigos/pdfs/.../C_Pinto.pdf
- CASADO, J.; VILLAMÓN, M. “La utopia educativa de Jigoro Kano: El Judô”. *Recorde: Revista de história do esporte*. Volume 2, número 1, junho de 2009.
- CAYROLS, R.G-F. *Lá práctica deportiva del judô: análisis sociológico de su implantación y desarrollo en la sociedad valenciana*. Universitat de Valencia, Facultat de Ciències Socials. Quaderns de Ciències Socials, nº 17, 2010.
- CAZETTO, F.F. “O jogo como meio, o ‘tecnicismo’ de cara nova: o caso do judô.” *Revista Digital* – Buenos Aires – Año 10 – Nº 92 – Enero de 2006. <http://www.efdeportes.com/>
- CHUNG, T.C. *Zen em quadrinhos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. <http://namedadodohumano.wordpress.com/category/zen/>
- CONFUCIO. *As analectos*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- CRISTOPHER, M. *Ying – Yang: polaridade e harmonia em nossa vida*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- CRUZ, J.C. *Sobre el método en Antropologia Filosófica*. Servicio de

- publicaciones de la Universidade de Navarra, 1969. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10171/1801>
- DANTAS, P. *A intencionalidade do corpo próprio*. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2001.
- DAVE, L. *O dojo e seus significados: um guia para os rituais e etiqueta das artes marciais japonesas*. São Paulo: Pensamento, 2011.
- DEWEY, J. *A Escola e a sociedade e A criança e o currículo*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2002
- DEWEY, J.; DEWEY, A.C. *Letters from China and Japan*. USA: Dodopress, sd.
- DEWEY, J. *Os pensadores – Experiência e natureza; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e educação; Teoria da vida moral*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- DUKE, B. *The history of modern Japanese education: constructing the national school system, 1872 – 1890*. New Jersey – USA: Rutgers University Press, 2009.
- ESPARTERO, J; VILLAMON, M; GONZALES, R. “Artes marciais japonesas: practicas corporales representativas de su identidad cultural”. *Revista Movimento*, Porto Alegre, V.17, nº03, p. 39 – 55, jul/set de 2011.
- FEITOSA, A.M. Alguns princípios paradoxos e equívocos. In: SERGIO, M.; ROSÁRIO, T.; FEITOSA, A.M.; ALMADA, F.; VILELA, J.; TAVARES, V. *O sentido e a acção*. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1999.
- _____. *Contribuição de Thomas Khum para uma epistemologia da Motricidade Humana*. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1993.
- GLEESON, G. *Judô*. Coleção Desporto – Publicações Europa-América, 1975.
- GUARESCHI, F.T. Zen e Arti Marziali. *Revista Tora Kan Dojo*, Anno 8, Nº 27, 2002. Disponível em: <http://www.iogkf.it/articoli/tora%20kan/27ecc.pdf>
- GUIMARÃES, M. *No extremo oriente: o Japão*. Rio de Janeiro: Lavradio, 1936.

- GONÇALVES, M.A.S. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- HELM, D. *JOHN DEWEY and JIGORO KANO*. Disponível em: <http://nowcreativity.com/2000YearsJudo/JOHN%20DEWEY%20and%20JIGORO%20KANO.html> (s/d)
- HENSHALL, K. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- HEROLD JUNIOR, C. *A educação física na crise do capitalismo no século XIX*. Teoria e Prática da Educação, Maringá, v. 7, p. 163-172, 2004.
- _____. Corpo, educação física e o trabalho no capitalismo industrial (1860-1920). *Revista HISTEDBR On-line*, v. 25, p. 54-66, 2007.
- _____. Inteligência, corpo e educação física no pensamento educacional de John Dewey. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 33, p. 23-41, 2009.
- HIGASHI, K. *Kano Jigoro's Magazine Kokushi*. Disponível em <http://repository.tufts.ac.jp/bitstream/10108/69472/1/acs083017.html>
- _____. *Study on the Transition of Kano Jigoro's Journals*. Disponível em <http://repository.tufts.ac.jp/bitstream/10108/70855/1/acs084015.html>
- HIROSE, C. *A experiência do corpo na cerimônia do chá: subsídios para pensar a educação*. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- _____. *Mi* na tradição japonesa e a educação. *Revista Collatio* n° 11. São Paulo: CEMOrOc Feusp, 2012, p. 55 - 60.
- HOCKING, W. E. O valor do estudo comparado da filosofia. In: MOORE, C.A. *A filosofia Oriente e Ocidente*. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.
- HO YEH CHIA. *Ren e Educação: a plenitude do humano – o Livro IV dos Analectos*. *Revista Notandum* n° 33. São Paulo: CEMOrOC Feusp, 2013. Disponível em: [Disponível em: http://www.hottopos.com/notand33/93-102chia.pdf](http://www.hottopos.com/notand33/93-102chia.pdf)
- _____. O pensamento confundente na língua chinesa: estudo de dois conceitos confucianos. In: LAUAND, J. *O interprete do*

- logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: Factash Editora, 2009, p. 173-182.
- HORI, V. S.; HAYES, R. P.; SHIELDS, J. M. *Teaching Buddhism in the West*. New York: Routledge Curzon, 2002.
- IMPARATO, R. *Jigoro Kano e il judô kodokan*. Freebudo. Artigo. Sd. Disponível em <http://ebookbrowse.com/jigoro-kano-e-il-judo-kodokan-pdf-d213938160>
- INCONTRI, D. *Pestalozzi: educação e ética*. São Paulo: Scipione, 1997.
- JUNIOR, O. C.; FERREIRA, M.G.; RODRIGUES, A.T. A evolução sócio-histórica do Judô: primeiras aproximações. *Revista de Educação Física / UEM* 10(1): 13-21, 1999. Disponível em: <http://www.ombrosdegigantes.com.br/doc/10.pdf>
- KANO, J. *Energia mental e física: escritos do fundador do judô*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- _____. *Judô Kodokan*. São Paulo: Cultrix, 2008
- KIM SOL. *A history of the Kodokan*. University of Montana, manuscript, 1999. Disponível em: <http://umjudo.com/JudoHistory/HistoryKano.htm>
- LAO TSE. *Tao te Ching: o livro do caminho da virtude*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. Tradução Wu Jyh Cherng.
- LAUAND, J. Fingir para Germinar: Educação e Antropologia – I. *Revista Internacional d'Humanitats* 20 set-dez 2010 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autônoma de Barcelona. Disponível em <http://www.hottopos.com/rih20/jean.pdf>
- _____. *Filosofia, linguagem, arte e educação: 20 conferência sobre Tomás de Aquino*. Coleção Humanidades. São Paulo: Factash Editora, 2007
- _____. *Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper* (notas de conferência proferida no congresso internacional: "Josef Pieper e o pensamento contemporâneo", Buenos Aires, agosto de 2004). Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur29/ljargport.htm>
- _____. *Pensamento Confundente e Neutro em Tomás de Aquino. Notandum 14* <http://www.hottopos.com/CEMOrOCFeusp/>

- IJI – Univ. do Porto 2007 <http://www.hottopos.com/notand14/lauand.pdf>
- LE BOULCH, J. *Rumo á uma ciência do movimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- LIMA, L.M.S. *O Tão da Educação: a filosofia oriental na escola ocidental*. São Paulo: Ágora, 2000.
- LOHMANN, J. “Ma’na e Logos – estruturas linguísticas e formas de pensamento”. *Revista Notandum*, nº 31. São Paulo: CEMOrOC Feusp, 2013. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand31/47-56Lohmann.pdf>
- LOWRY, D. *O Dojo e seus significados: um guia para os rituais e etiqueta das artes marciais japonesas*. São Paulo. Pensamento, 2011.
- MAEKAWA, M.; HASEGAWA, Y. Studies on Jigoro Kano: Significance of His Ideals on Physical Education and Judo. *Bulletin of the Association for the Scientific Studies on Judo*, Kodokan, Report II, 1963, pag. 1 -12. Disponível em <http://www.bstkd.com/job0.1.htm>.
- MARTINS,C..J. & KANASHIRO, C. Bujutsu, budô, esporte de luta. Rio Claro: *Revista Motriz*, v.16 n.3 p. 638-648, jul./set. 2010.
- MATSUMOTO, D. *Judô: History and Philosophy*. Tokyo,Japan: Hon – No Tomosha, 1996.
- _____. *Thinking differently about the teching of Judô in Japan*. San Francisco: State University. Chapter 17, 2005. Disponível em: <http://www.davidmatsumoto.com/content/Thinking%20Differently%20about%20Teaching%20of%20Judo%20in%20Japan.pdf>
- MEAD, G. H. *Mind, self, and society*. Chicago: The Chicago University Press, 1967. Tradução: Marília Novais da Mata Machado. Disponível em http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/mead.pdf
- MELLO, I.M. *A idéia de não-dualidade no pensamento do mestre zen Eihei Dogen : Implicações para a teoria da educação*. 2004, 155f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004

- MENDES, M.I.B.S. Educação Física: prisioneira do século XIX. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 25, n. 2, p. 85-96, jan. 2004
- MENDOZA, I.S. Os oito caminhos do Tao. *Revista Notandum nº 14*. CEMOrOC Feusp / IJI – Univ. do Porto 2007. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand14/dao8.pdf> .
- MERLEAU PONTY, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2004. Disponível em: http://books.google.com.br/books/about/Olho_E_O_Espirito_O.html?id=ztpcnSUcXbsC&redir_esc=y
- MILL, S. **El utilitarismo: seguido del ensayo sobre La Libertad**. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1945.
- _____. *Sobre a Liberdade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991
- _____. *Utilitarismo*. São Paulo: Scala, 2007.
- MOSTERIN, J. *China: história del pensamiento*. Madrid: Alianza, 2001.
- MOLINA, J.P. Aspectos conceptuales del judô: las bases tradicionales. In: VILLAMON, M. *Introducción al judô*. Barcelona, 2011.
- MOORE, C.A. Filosofias de vida em comparação. In: MOORE, C.A. *A filosofia Oriente e Occidente*. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978. p. 271-346.
- MUTEL, J. *Historia del Japon: el fin del shogunato y el japon meiji 1853/1912*. Barcelona: Editora Vicens-Vives, 1972.
- NIEHAUS, A. *Leben und Werk KANÔ Jigoros (1860-1938): Ein Forschungsbeitra zur Leibeszuehung und zum Sport in Japan*. Deutsche Nationalbibliothek: Ergon Verlag, 2010.
- NUNES, G.P. *A contribuição do Bushido de Nitobe na criação do estado moderno japonês*. Kínesis, Vol. IV, nº 07, Julho 2012
- OIMATSU, S. The way os Seiryoku Zenyo – Jita Kyoei and its instruction. *The Bulletin for Scientific Study of Kodokan Judo*. Volume VI, 1984. Disponível em: <http://judoinfo.com/new/alphabetical-list/principles-of-kodokan-judo/210-the-way-of-seiryoku-zenyo-jita-kyoei-by-shinichi-oimatsu>
- PIMENTA, T. *Imaginário e identidades ocidentais: contribuição para a interpretação de artes marciais orientais no Brasil*. 1º Encontro da

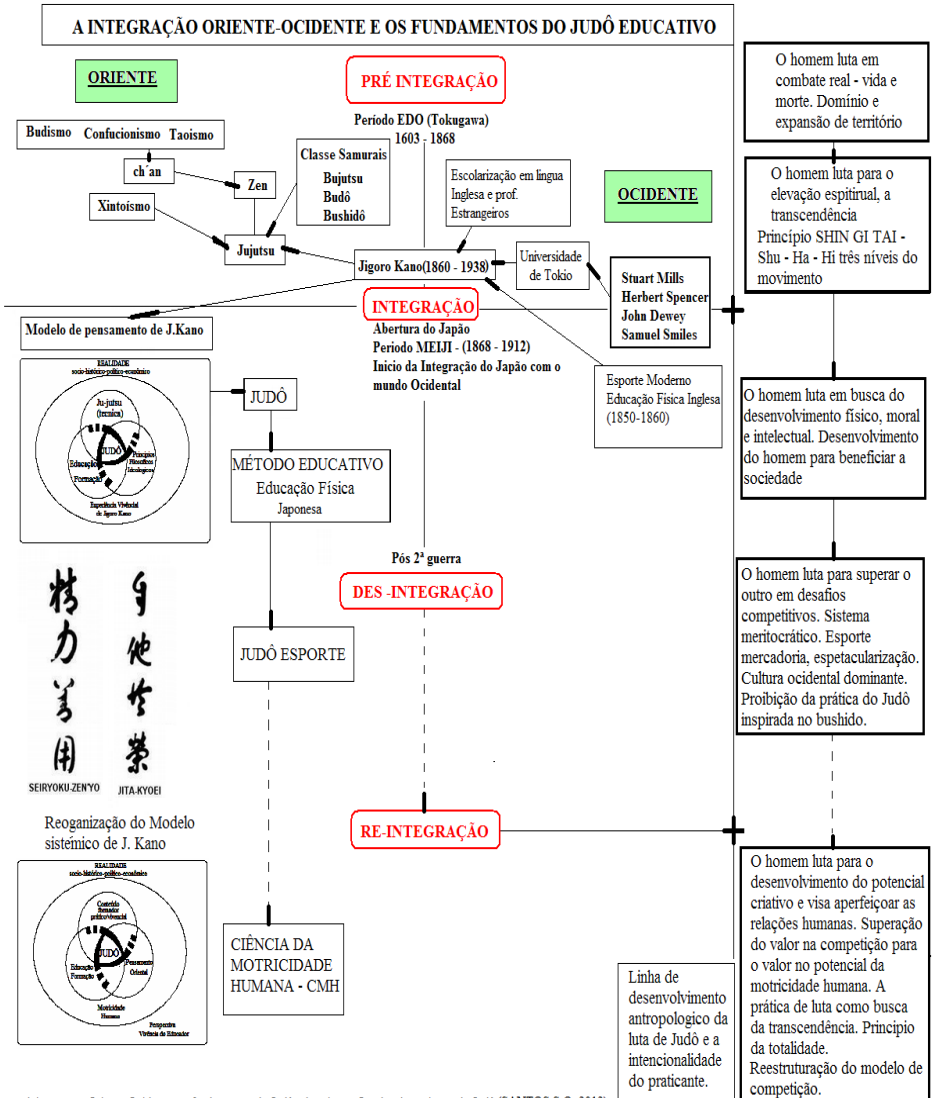
- ALESDE. UFPR, Curitiba, 2008. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/imaginario-identidades-ocidentais-contribuicao-para-interpretacao-artes-marciais-orientais-brasil.pdf>
- PINTO, D. C. C. e colaboradores. *Judô: caminho suave ou caminho da vitória? Arte marcial que se esportizou ou esporte que se tornou arte marcial?* Recife: XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009. Disponível em: www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/.../C_Pinto.pdf
- PIRES, A.P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências naturais. In: POUPARD, J. et. Alli. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- RUAS, V. *Os extraordinários samurais e a etnografia de Jigoro Kano*. Práxis – PPGEFD da UERJ, n.1, 1998. Disponível em: <http://www.docstoc.com/docs/105335773/OS-EXTRAORDIN%EF%BF%BDRIOS-SAMURAI-E-A-ETNOGRAFIA-DE-JIGORO-KANO>
- SÉRGIO, M. *Alguns olhares sobre o corpo*. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2003.
- _____. *Motricidade humana. Contribuições para um paradigma emergente*. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1994.
- _____. *Um corte epistemológico. Dá educação Física à motricidade humana*. Lisboa: Ed Instituto Piaget, 1999.
- SILVA, M. R. D. *Conceito de intencionalidade na filosofia husserliana*. Disponível em <http://inclinacoesfilosoficas.blogspot.com.br/2008/07/conceito-deintencionalidade-na.html>
- SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autentica, 2010.
- SMILES, S. *O Poder da vontade: caracter, comportamento e perseverança*. Rio de Janeiro: Livraria Gardnier, 1870.
- SOUZA, J.A. *Motricidade Humana: um nome ou um programa de vida?* Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011. http://www.lusosofia.net/textos/sousa_jose_antunes_motricidade_humana_um_nome_ou_um_programa_de_vida.pdf

- SPENCER, H. *Educação Intellectual, moral e physica*. Porto: Livraria Moderna, 1884.
- SPROVIERO, Mário B. *Oriente e Occidente: demarcação*. <http://www.hottopos.com/mirand4/orientee.htm>
- STAREPRAVO, F.A.; NUNES R.S. *Surgimento do esporte moderno e o processo civilizador*. S/d Disponível em: http://www.gpreve.cbmerj.rj.gov.br/documentos/publicacoes/surgimento_do_esporte_moderno.pdf
- STEVENS, J. *Os três mestres do budô*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- STEVENS, J. *Segredos do budô: ensinamentos dos mestres das artes marciais*. São Paulo: Cultrix, 2005.
- STRIEDER, R. *Educação e humanização: por uma vivência criativa*. Florianópolis: Habitus, 2002.
- SUGAI, V.L. *O caminho do guerreiro I: a contribuição das artes marciais para o equilíbrio físico e espiritual*. São Paulo: Ed. Gente, 2000.
- SUZUKI, D.T. Uma interpretação da experiência Zen. In: MOORE, C.A. *A filosofia Oriente e Occidente*. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978. p. 129-149.
- SUZUKI, E. *O pai da educação integral e o universo do Judô*. São Paulo: Editora do Escritor Ltda., 1986.
- TAYLOR, F. *Princípios de administração científica*. São Paulo: Atlas, 1960.
- UESHIBA, M. *Ensinamentos secretos do Aikido*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- VALLES, G.J. *História de la filosofía japonesa*. Madrid: Editorial Tecnos, 2002.
- VILLAMON, M; BROWN, D; ESPARTERO, J; GUTIERREZ, C. *Reflexive Modernization and the disembedding of judô from 1946 to the 2000 Sydney Olympics*. International review for the sociology of sport. 39/2, 2004 (139-156). Disponível em: <http://irs.sagepub.com/content/39/2/139.short>
- VILLAMON, M ; ESPARTERO, J. La lucha en Oriente: el significado de “do”. In: VILLAMON, M. *Introducción al Judô*. Barcelona: Hispano Europea, 2011.

- VILLAMON, M & BROUSSE. Evolucion del Judô. In: VILLAMON, M. *Introducción al Judô*. Barcelona: Hispano Europea, 2011.
- VIVIANI, A. E. A. A intencionalidade em Husserl e em Merleau-Ponty. *Revista existo.com*. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/artigo3a.html>
- WATERHOUSE, D. Buddhism and teaching Judô. HORI, V. S.; HAYES, R. P.; SHIELDS, J. M. *Teaching Buddhism in the West*. New York: Routledge Curzon, 2002.
- WATSON, B. N. *Memórias de Jigoro Kano: o início da história do judô*. São Paulo: Cultrix, 2011.
- _____. *The Father of Judô: a biography of Jigoro Kano*. Tóquio: Kodansha, 2000.
- WILHELM, R. *I Ching: o livro da mutações*. São Paulo: pensamento, 2006.
- WING-TSIT, C. O espírito da filosofia oriental. In: MOORE, C.A. *A filosofia Oriente e Ocidente*. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- _____. História da filosofia chinesa. In: MOORE, C.A. *A filosofia Oriente e Ocidente*. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- YAMAKAGE, M. *A essência do Xintoísmo: a tradição espiritual do Japão*. São Paulo: Pensamento, 2010.
- ZHA, Q. La influencia extranjera en la educación superior de Japón y China: Un análisis comparativo. *Revista de la Educación Superior*. Vol. XXXVII (1), No. 145, Enero-Marzo de 2008, pp.125-135. ISSN: 0185-2760.
- WILHELM, W. *I Ching: o livro das mutações*. São Paulo: Pensamento, 2006.

ANEXO 1

Quadro de evolução do Judô –
Visão geral do livro.



A integração Oriente-Occidente e o fundamentos do Judô educativo - Quadro de evolução do Judô (SANTOS, S.O. 2012)
Adaptação do quadro *Influencias Orientales e occidentales en la genesis del Judô VILLAMON (2011, pag. 116)*

ECOgraf

diagramação e impressão de livros por demanda

Rua Costa, 35 – Consolação – São Paulo-SP

factash@gmail.com

Fone: (11) 3259-1915

(...)

O pensamento de Sérgio Oliveira dos Santos é imensamente vital, apaixonado, enraizado nessa vocação de ensinar, no aprofundar-se no estudo e em promover os valores antropológicos e pedagógicos da motricidade humana, notadamente no que se refere ao tema Oriente-Occidente, judô e educação.

Assim, a presente obra, *A integração Oriente-Occidente e os fundamentos do judô educativo*, recolhe sua larga experiência como docente e pesquisador e, mais recentemente, como coordenador da base e formação de judô na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul.

(...)

Do *Prefácio* Prof. Dr. Jean Lauand



FACTASH EDITORA

CEMOrOg
EDF-FEUSP

ISBN 978-85-89909-55-6

